



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JULIANA FLORES DAS CHAGAS

**CONCORDÂNCIA DE *A GENTE* EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS NA FALA DE
FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO DE TENDÊNCIA**

FLORIANÓPOLIS

2019

Juliana Flores das Chagas

**CONCORDÂNCIA DE *A GENTE* EM ESTRUTURAS PREDICATIVAS NA FALA DE
FLORIANÓPOLIS: UM ESTUDO DE TENDÊNCIA**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Chagas, Juliana Flores das
Concordância de a gente em estruturas predicativas na
fala de Florianópolis : um estudo de tendência / Juliana
Flores das Chagas ; orientador, Izete Lehmkuhl Coelho ,
2019.

122 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Varsul. 3. Variação Linguística. 4.
Estruturas Predicativas. 5. Concordância. I. Coelho,
Izete Lehmkuhl. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Juliana Flores das Chagas

Concordância de *a gente* em estruturas predicativas na fala de Florianópolis: um estudo de tendência

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Isabel Monguilhott, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Leonardo Lennertz Marcotulio, Dr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Marco Antonio Martins Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Linguística

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior
Coordenador(a) do Programa

Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Orientadora

Florianópolis, 26 de agosto de 2019.

AGRADECIMENTOS

à Prof^ª. Dr^ª. Izete Lehmkuhl Coelho, pelo convite ao VARSUL, pela sabedoria, orientação, recepção, paciência e atenção concedidas desde meu primeiro ano de graduação, na disciplina de Estudos Gramaticais;

à Prof^ª. Dr^ª. Isabel Monguilhott e ao Prof. Dr. Marco Antonio Martins, por comporem a banca de qualificação do projeto e por conferirem preciosas sugestões à minha pesquisa;

à Prof^ª. Dr^ª. Isabel Monguilhott e ao Prof. Dr. Marco Antonio Martins, novamente, e ao Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio por comporem minha banca examinadora;

aos professores da PPGL, especialmente à Prof^ª. Dr^ª. Núbia Rech, pelas disciplinas que enriqueceram e abriram meus horizontes na academia;

à CAPES, pelo apoio financeiro durante todo o mestrado;

aos amigos do Projeto VARSUL, Christiane Nunes de Souza, Erica Zibetti, Helena Gouveia, Vanessa Grando, Grazielle Scheidt, Cecília Augusta Vieira Pinto, Carla Valle, Juliana Regina da Silva, Ana Beatriz Ribeiro e Kamilla do Amaral, pela amizade, companhia, estudos e conversas;

a meus amigos Iuri, João e especialmente à Luiza, por servirem de suporte, parceria e, ao mesmo tempo, fuga durante a construção desse trabalho e sempre;

a meu primo Venâncio, pela amizade e companhia, mesmo a milhares de quilômetros de distância;

a minha família, pelo apoio e incentivo;

Agradeço e dedico.

RESUMO

Este estudo objetiva analisar o processo de gramaticalização e a inserção da forma *a gente* em estruturas predicativas do português brasileiro falado em Florianópolis, capital de Santa Catarina. Interessa compreender, com base na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])), as mudanças que estão ocorrendo nessas estruturas, considerando os fatores de natureza sintático-semântica que operam na mudança categorial da forma *a gente*. Observamos seu comportamento através do controle de algumas propriedades formais e semânticas utilizadas como estratégias de concordância de gênero, número e pessoa em confronto com estruturas predicativas de pronome canônico *nós*. Para tanto, analisamos amostras de fala florianopolitana de 1990 e 2010, extraídas do banco de dados Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), a partir das seguintes variáveis: extensão semântica do referente, concordância de gênero e número com as formas pronominais, concordância verbal do predicativo com o sujeito da oração, preenchimento do sujeito, grau de escolarização, faixa etária, sexo e décadas. Para este estudo, identificamos a correlação entre os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o comportamento das flexões de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente*; avaliamos se é possível dizer que a generalização do masculino-singular com o *a gente* representa uma nova posição na gramaticalização da expressão nominal para pronominal; e observamos se o uso de *a gente* aumentou entre as décadas, representando um estágio de mudança em progresso por gramaticalização. Comparando as estruturas predicativas de *a gente* com as estruturas predicativas de *nós*, os resultados apontam para as seguintes direções: maior emprego da expressão *a gente* para referências indeterminadas; o masculino-singular, por ser uma forma neutra e não marcada, quando combinado com *nós* e *a gente*, tem se generalizado como *default*, principalmente em casos de referência mista e genérica; as mulheres apresentam um número significativo do masculino-singular como referência genérica e/ou mista com *a gente*; e, por fim, aumento pouco significativo do *a gente* em posição de sujeito entre 1990 e 2010.

Palavras-chave: Varsul. Variação linguística. *A gente*. Estruturas predicativas.

ABSTRACT

This study aims to analyze the process of grammaticalization and insertion of the form *a gente* in predicative structures into the pronominal system of the Brazilian Portuguese spoken in Florianópolis, capital of Santa Catarina. It is important to understand, based on the Theory of Linguistic Variation and Change, the changes occurring in those structures; considering the factors of syntactic-semantics nature operating within the categorical change of the form *a gente*. We observed the aforementioned behavior in predicative structures through the control of some formal and semantic properties used as strategies of gender, number and person agreement against the use of the canonical pronoun *nós*' predicative structures. Against this backdrop, we analyzed speech samples of Florianópolis' inhabitants, from 1990 to 2010, extracted from the database of Varsul (*Linguistic Variation in the Southern Region of Brazil*), starting from the following variations: semantic extension of the referrer; gender and number agreement with the pronominal forms; verbal agreement with the subject of the clause; use of the subject; level of schooling; age; gender; and decade. Accordingly, we could identify the correlation between the linguistic and extra-linguistic factors that condition the behavior of person, number, and gender flexion in predicative structures with the form *a gente*; we evaluated whether it was possible to affirm that the generalization of singular-masculine with *a gente* represents a new position in the grammaticalization of the expression; and we observed whether the use of the expression *a gente* increased along subsequent decades, representing a phase of progressively change in the grammaticalization of that expression. Comparing the *a gente*'s predicative structures with *nós*' predicative structures, the results indicate: the higher use of the expression *a gente* for indeterminate references; the singular-masculine, because it is a neutral and unmarked form, when combined with *nós* and *a gente*, has been generalized as default, especially in cases of mixed and generic reference; the women show a significant number of singular-masculine as generic and/or mixed reference with *a gente*; a slight increase of *a gente* as subject from 1990 and 2010.

Key words: Varsul. Linguistic variation. *A gente*. Predicative structures.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Uso de <i>a gente</i> em tempo real de curta duração	39
Gráfico 2 – A distribuição de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em capitais brasileiras entre falantes cultos e não cultos	41
Gráfico 3 – Distribuição (peso) das três variantes (zero, desinência -mo e forma padrão em relação à escolaridade na fala de Porto Alegre e Panambi (VARFUL))	43
Gráfico 4 – Distribuição percentual das formas variáveis de concordância com a primeira pessoa do plural na fala de Porto Alegre e Panambi (VARFUL)	44
Gráfico 5 – Distribuição percentual das formas variáveis de concordância com a 1ª pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre	45
Gráfico 6 – Porcentagem geral do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em duas amostras do Varsul	68
Gráfico 7 – Confronto entre os usos de <i>nós</i> e <i>a gente</i> entre as décadas de 1990 e 2010	69
Gráfico 8 – Estratégias de concordância de gênero e número com <i>a gente</i> entre 1990 e 2010	71
Gráfico 9 – Estratégias de concordância de gênero e número com o pronome <i>nós</i> entre 1990 e 2010	71
Gráfico 10 – Estratégias de concordância de número de <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação ao grau de escolarização dos informantes	87
Gráfico 11 – Estratégias de concordância de número de <i>nós</i> em estruturas predicativas em relação ao grau de escolarização dos informantes	88
Gráfico 12 – Estratégias de concordância de número de <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes	95
Gráfico 13 – Estratégias de concordância de número de <i>nós</i> em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes	95

Gráfico 14 – Confronto entre os usos de nós e a gente entre as décadas de 1990 e 2010	99
Gráfico 15 – Confronto do uso de <i>a gente</i> entre 1990 e 2010 em relação ao grau de escolaridade	100
Gráfico 16 – Confronto do uso de <i>nós</i> entre 1990 e 2010 em relação ao grau de escolaridade	100
Gráfico 17 – Frequência de concordância de número singular com <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação ao grau de escolaridade dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010	101
Gráfico 18 – Frequência de uso de <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010	103
Gráfico 19 – Frequência de concordância de número singular com <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010	105
Gráfico 20 – Frequência de <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação ao sexo do informante entre as décadas de 1990 e 2010	106
Gráfico 21 – Frequência de masculino singular com <i>a gente</i> em estruturas predicativas entre as décadas de 1990 e 2010	108
Gráfico 22 – Traços de gênero em relação ao <i>a gente</i> em estruturas predicativas – Mulheres	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratificação dos informantes da amostra de 1990.....	54
Quadro 2 – Estratificação dos informantes da amostra de 2010.....	55
Quadro 3 – Categorização dos informantes da amostra de 1990 e número de dados por informantes	55
Quadro 4 – Categorização dos informantes da amostra de 2010 e número de dados por informantes.	57
Quadro 5 – Adaptação da evolução do paradigma flexional do português. Fonte: Duarte, 1993	82
Quadro 6 – Número de dados de <i>a gente</i> entre os informantes mais velhos da amostra de 1990	104

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Traços formais e semânticos de pessoa de <i>gente</i> , <i>a gente</i> e <i>nós</i>	32
Tabela 2 – Os traços formais e semânticos de número de <i>gente</i> , <i>a gente</i> e <i>nós</i>	33
Tabela 3 – Os traços formais e semânticos de gênero em <i>gente</i> , <i>a gente</i> e <i>nós</i>	34
Tabela 4 – Os traços formais e semânticos de <i>gente</i> e <i>a gente</i>	36
Tabela 5 – Porcentagem geral do uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i>	38
Tabela 6 – Uso de <i>a gente</i> vs. <i>nós</i> segundo faixa etária	38
Tabela 7 – Atuação da Faixa Etária sobre a variante <i>a gente</i> (Florianópolis, VARSUL)	40
Tabela 8 – Estratégias de concordância verbal com <i>nós</i> e <i>a gente</i> – Confronto entre as décadas de 1980 e 2000	47
Tabela 9 – Estratégias de concordância de gênero e número com <i>nós</i> e <i>a gente</i> – Confronto entre as décadas de 1980 e 2000	48
Tabela 10 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do entrevistado	48
Tabela 11 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do referente na década de 2010	74
Tabela 12 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do referente na década de 2010	75
Tabela 13 – Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número em função do referente.....	76
Tabela 14 – Estratégias de concordância verbal de <i>nós</i> e <i>a gente</i> entre as décadas de 1990 e 2010	79
Tabela 15 – Resultado geral da frequência do Preenchimento do sujeito de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estruturas predicativas	83
Tabela 16 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estruturas predicativas em relação ao preenchimento do sujeito entre as décadas de 1990 e 2010	84

Tabela 17 – Cruzamento das variáveis preenchimento do sujeito de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estruturas predicativas e concordância verbal entre as décadas de 1990 e 2010	85
Tabela 18 – Resultado geral do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à escolaridade	86
Tabela 19 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do sexo em 1990	89
Tabela 20 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função do sexo em 2010	90
Tabela 21 – Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante.....	91
Tabela 22 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à faixa etária em 1990	93
Tabela 23 – Frequência de uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em relação à faixa etária em 2010	94
Tabela 24 – Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade em função do uso de <i>nós</i> e <i>a gente</i>	104
Tabela 25 – Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número com <i>a gente</i> em função do sexo do informante	107
Tabela 26 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante em 1990	109
Tabela 27 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante em 2010	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA	20
1.2 GRAMATICALIZAÇÃO DA EXPRESSÃO <i>A GENTE</i>	24
1.3 O SISTEMA DE TRAÇOS	29
1.3.1 A teoria de traços de Rooryck (1994), por Lopes e Rumeu (2007)	30
1.3.2 O traço de pessoa	31
1.3.3 O traço de número	33
1.3.4 O traço de gênero	34
1.4 O FENÔMENO EM ESTUDO: A VARIAÇÃO SOBRE NÓS E A GENTE NO PB	36
1.4.1 Alternância pronominal entre nós e a gente	37
1.4.2 Concordância verbal de primeira pessoa do plural	42
1.4.3 Concordância de <i>a gente</i> com predicativos	45
1.5 QUESTÕES	50
1.6 RESUMO DO CAPÍTULO	51
CAPÍTULO II - METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	53
2.1 AMOSTRAS	53
2.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO	58
2.2.1 Variável dependente	58
2.2.2 Variáveis independentes	59
2.2.2.1 Variáveis linguísticas.....	59
2.2.2.2 Variáveis extralinguísticas	63
2.3 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	66
2.3.1 A concordância de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estruturas predicativas	67
2.3.1.1 Concordância de gênero e número com as formas pronominais	69

2.3.1.2	Extensão semântica do referente	73
2.3.1.3	Concordância verbal de nós e a gente em estruturas predicativas	78
2.3.1.4	Preenchimento do sujeito pronominal de primeira pessoa do plural	81
2.3.1.5	Grau de escolarização	86
2.3.1.6	Sexo	89
2.3.1.7	Faixa etária	92
2.4	RESUMO DO CAPÍTULO	96
 CAPÍTULO III – A TRANSIÇÃO E O ENCAIXAMENTO		98
3.1	A VARIAÇÃO EM TEMPO REAL	99
3.2	A VARIAÇÃO EM TEMPO APARENTE	102
3.3	A VARIAÇÃO ENTRE AS MULHERES	106
3.4	RESUMO DO CAPÍTULO	111
 CONSIDERAÇÕES FINAIS		113
 REFERÊNCIAS		117

INTRODUÇÃO

Partindo do estudo etimológico apresentado por Lopes (2003), é possível dizer que o substantivo latino *gēns, gentis*, que significa “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade”, deu origem ao substantivo que hoje conhecemos como *gente*. Embora alguns autores interpretem o *gens – ěnte* como uma referência a *homo gentis* (pessoa de família), é possível encontrar seu uso, tanto no singular quanto no plural, em textos escritos no português do século XIII ao século XV, de modo que o seu plural caiu em desuso a partir do século XVI. Naquela época, segundo Lopes (2003), eram frequentes os casos de concordância semântica em relação ao número, quando o sujeito se encontrava formalmente no singular (com significado plural ou coletivo) e seu predicado no plural, o que pode ser considerado um recurso para expressar a impessoalidade do sujeito. Também eram frequentes casos de concordância de gênero, em que o substantivo *gente* referenciava apenas *homens* em predicados masculinos.

Embora o *a gente* tenha herdado do substantivo *gente* um caráter genérico e globalizante, para Lopes (2003), não é possível, em pleno século XXI, considerar essa forma apenas como um pronome indefinido, mas já como um pronome pessoal que pode possuir também uma referência indefinida. Existe a possibilidade de tanto falantes escolarizados quanto não escolarizados fazerem uso de verbos que deixam de fazer concordância formal para fazer concordância semântica com a primeira pessoa do plural. Além disso, “considerar *a gente* como variante de *nós* implica admitir que a forma *nós*, tradicionalmente entendida como “plural de eu”, pode apresentar várias possibilidades de compreensão” (LOPES, 2003, p.12): *eu+tu/você*, *eu+ele/ela*, *eu+vocês*, *eu+eles/elas*, *eu+todos* e *eu genérico*. Essas mesmas possibilidades já estão disponíveis na língua para a forma *a gente*, conforme exemplos a seguir.

i) eu+tu/você

(1) *Eu gosto muito de você porque a gente é amiga há muito tempo.*¹

ii) eu+ele/ela

(2) *Inclusive, levava a minha senhora quando a gente era namorado.*

(MASC/ADULT/FUND/9)²

¹ Como não obtivemos dados com este tipo de referência, incluímos um exemplo pensado para esta pesquisa.

² Estas abreviaturas se referem à estratificação do informante, segundo as variáveis sexo, faixa etária, grau de escolaridade e década, respectivamente. Tais categorizações serão trabalhadas no Capítulo 2.

iii) eu+eles/elas

(3) *Meu deus, a gente era tão... tão respeitado, né?* (FEM/VEL/SUP/9)

iv) eu+todos

(4) *Ele usavam a gente como manezinho mesmo.* (MASC/VEL/FUND/2)

v) eu genérico

(5) *Agora com os filho a gente fica cabreiro, né.* (MASC/VEL/FUND/2)

Os exemplos acima mostram que a estrutura pronominalizada *a gente* pode fazer referência indefinida, bem como referenciar o falante+peçoas como o pronome padrão *nós*. Por ser uma forma que teve sua origem expressa formalmente no singular, é possível encontrar concordância de *a gente* com verbos e complementos tanto no plural quanto no singular, mesmo possuindo uma referência plural. Tal comportamento é comum durante o processo de gramaticalização, segundo o qual existe uma incompatibilidade entre as propriedades formais e semântico-discursivas das formas em desenvolvimento. Isto porque durante o processo de mudança categorial, de nome para pronome, nem todas as propriedades formais do nome *gente* foram perdidas, bem como não houve apropriação das propriedades intrínsecas dos pronomes pessoais (VIANNA, 2006).

Embora o comportamento do *a gente* pronominal em seu processo de gramaticalização tenha sido foco em diversos trabalhos da Sociolinguística Variacionista (LOPES, 1993; LOPES, 2003; VIANNA, 2006; VIANNA, 2011; VIANNA e LOPES, 2015; ZILLES, 2005, entre outros), a maioria das gramáticas tradicionais e livros didáticos mantém uma postura estática em relação à língua em uso, apresentando conceitos arcaicos e deixando de lado as mudanças ocorridas no decorrer do tempo. O quadro dos pronomes pessoais sujeitos costuma ser representado pelas formas *eu, tu, ele/ela, nós, vós e eles/elas*, excluindo novas formas pronominais como *você* e *a gente*. A estas, são atribuídos caráter coloquial e/ou de pronome de tratamento.

Em Cunha e Cintra (2008), por exemplo, o *a gente* é designado como uma forma de representação da primeira pessoa na fala coloquial, podendo substituir tanto o *nós* quanto o *eu*, porém sem agregar valor de pronome ao termo. Já Bechara (1999) classifica a forma *a gente* ao final do subcapítulo sobre pronomes de tratamento, destacando o caráter pronominal da expressão, ressaltando seu uso fora da linguagem “cerimoniosa”, conforme o trecho: “O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo

fica na 3ª pessoa do singular” (BECHARA, 1999, p. 166). Esse mesmo gramático também publicou um livro chamado *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* e, ainda que seja uma edição de 2010, possui as mesmas descrições apresentadas em sua gramática de 1999, com o diferencial de que, ao final de cada capítulo, publica exercícios de fixação, aí o seu caráter “escolar”.

Quanto ao *a gente* em estruturas predicativas, nas quais a concordância de gênero e número se torna um foco determinante em relação ao caráter pronominal da expressão, as gramáticas tendem a mencioná-lo brevemente, relacionando-o ao fenômeno da *silepse*, definida como “a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a ideia que elas expressam” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 645), como por exemplo:

(6) Já toda **a gente** estava indignada. **Queriam ouvir**. (Luandino Viera, *NM*, 12)³

É notável um discurso pautado com ares de prescrição, afirmando o uso do verbo sempre na terceira pessoa do singular em estruturas com a expressão *a gente*, ainda que haja menção à silepse de pessoa. Cunha e Cintra (2008), por exemplo, afirmam que na fala coloquial, tanto do português brasileiro quanto do europeu e africano, a forma *a gente* pode acompanhar um verbo de primeira pessoa do plural.

(7) *A gente perdemos sempre, mas nunca desistimos...* (Luandino Vieira, *NANV*, 200)

(8) *A gente precisa de mostrar às raparigas que não somos nenhuns miseráveis*. (F. Namora, *TJ*, 94)

Bechara (1999), por sua vez, demonstra-se avesso a esse uso, afirmando que a concordância se faz pela ideia e não pela forma dos vocábulos, a não ser que haja uma distância relativa entre o sujeito coletivo e o vocábulo no plural. Mesmo assim, estruturas como “*A gente perdemos*” são consideradas um erro. Para esse gramático “a língua moderna impõe apenas uma condição estética, uma vez que soa desagradável ao ouvido a construção do tipo: *o povo trabalham* ou *a gente vamos*” (BECHARA, 1999, p. 555).

Ainda há a menção à silepse de gênero, que trata da concordância com o adjetivo em estrutura predicativa. As gramáticas consultadas tendem a ignorar o fenômeno com a expressão *a gente*, atendo-se apenas às formas de tratamento como *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade* etc. Para Vianna (2006), é possível pressupor que o mesmo valha para *a gente*, pois mesmo que sejam expressões

³ Os exemplos 6, 7 e 8 foram retirados da *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 646-648).

originalmente femininas, podem ser usadas para designar uma pessoa do gênero masculino. Assim, haveria a possibilidade de concordância ideológica.

Com base nesse panorama, nos interessa compreender algumas mudanças que estão ocorrendo no sistema pronominal da língua portuguesa, considerando os fatores de natureza sintático-semântica que operam na mudança categorial da forma *a gente*. Para isso, a análise da forma gramaticalizada em estruturas predicativas é de suma importância, pois a partir dela podemos controlar algumas propriedades formais e semânticas ao observar suas estratégias de concordância de gênero, número e pessoa em confronto com o pronome padrão⁴ *nós*. Assim, analisaremos amostras de fala florianopolitana de dois períodos - 1990 e 2010 -, extraídas do banco de dados Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), para que possamos entender o comportamento pronominal da forma gramaticalizada *a gente* a partir dos traços de gênero, número e pessoa que se observam na relação de concordância entre o núcleo do predicativo (ou predicador nominal) e o sujeito (ou argumento externo) da sentença.

Para dar conta desta proposta, elencamos os seguintes objetivos:

- Identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o comportamento das flexões de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente*;
- Avaliar se o uso da forma *a gente* aumentou entre as décadas de 1990 e 2010, representando um estágio de mudança em progresso;
- Avaliar se é possível dizer que o uso de estruturas no masculino-singular com o *a gente* representa uma nova posição no processo de gramaticalização dessa forma.

Assim, esta pesquisa se estruturará da seguinte maneira: primeiramente trataremos da Teoria da Variação e Mudança, aparato teórico e metodológico em que nossa pesquisa é ancorada, delimitando em seguida o nosso objeto de estudo. Discutiremos também o processo de gramaticalização da expressão *a gente*, bem como o seu sistema de traços semânticos e formais em estruturas predicativas. Em seguida, apresentaremos alguns estudos já feitos a respeito da variação de *nós* e *a gente*, analisando cada aspecto que representa alguma relevância no processo de mudança que atua sobre a alternância entre tais expressões, a concordância verbal e a concordância de *a gente* em sentenças predicativas. Esses aspectos embasarão as questões levantadas nesta pesquisa.

⁴ Entendemos como *padrão* aquilo que é considerado o ideal abstrato de língua ‘certa’ da tradição normativo-prescritiva (cf. FARACO, 2008).

No segundo capítulo, apresentaremos a metodologia escolhida, bem como a constituição da amostra, expondo detalhadamente as variáveis trabalhadas, que são: extensão semântica do referente, concordância de gênero e número com as formas pronominais, concordância verbal com o sujeito da oração, preenchimento do sujeito, grau de escolarização e sexo. Tais variáveis foram selecionadas de modo que nos ajudassem a manipular os traços semânticos e formais das expressões, em conjunto com as variáveis sociais, a fim de identificar sua relevância no processo de encaixamento de *a gente* no quadro pronominal do Português Brasileiro, doravante PB. Ainda nesse capítulo, constará a descrição dos resultados.

O terceiro capítulo apresentará análises e correlações a partir dos resultados apresentados do capítulo anterior. Discutiremos questões sobre a variação em tempo real e em tempo aparente, bem como analisaremos o comportamento e a importância das mulheres na implementação do pronome *a gente*.

Por fim, retomaremos algumas questões nas considerações finais da pesquisa e, em seguida, encerraremos com as referências que embasaram este estudo.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, iremos expor as teorias e os estudos linguísticos que embasam nossa pesquisa. Primeiramente apresentaremos alguns postulados da Teoria da Variação e Mudança, bem como uma breve discussão sobre a constituição de uma metodologia de pesquisa ancorada nessa vertente teórica para o estudo da mudança. Analisaremos, também, o processo de gramaticalização da expressão *a gente*. Em seguida, refletiremos sobre a incompatibilidade de traços resultantes desse processo de mudança e finalizaremos o capítulo compondo um panorama dos estudos sociolinguísticos acerca do fenômeno em questão, que nos permitiu traçar algumas questões de pesquisa.

1.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Uriel Weirinch, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH) em seu texto *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de 1968, estabeleceram o que conhecemos como a Teoria da Variação e Mudança (TVM). Esses autores se propuseram a estudar a língua como um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado, que possui variabilidade. Nesse sentido, a TVM, por se propor a estudar a variação e mudança, se difere de outras correntes de estudos linguísticos, como o Estruturalismo, que tem como pai o suíço Ferdinand Saussure, e o Gerativismo, fundado pelo norte-americano Noam Chomsky, pois essas entendiam a língua em sua imanência, desvinculando-a de fatores externos a ela, como os sociais e históricos. Embora WLH (2006 [1968]) não considerem a língua como um sistema homogêneo, os autores não negam a percepção saussuriana de que ela também é um sistema dotado de regras. Entretanto, para a teoria variacionista, associar sistematicidade e homogeneidade não permite que as variações existentes no sistema linguístico sejam percebidas.

A TVM vai de encontro com a proposta de Saussure da separação entre *sincronia* (um recorte estático da língua em determinada época) e *diacronia* (o processo evolutivo da língua em relação ao tempo). Interessam, nessa proposta, apenas as relações ocorridas simultaneamente dentro do sistema linguístico, ou seja, a perspectiva diacrônica, que tinha como principal foco a linguística histórica durante o século XIX, cedendo lugar à perspectiva sincrônica nos estudos linguísticos. A proposta variacionista, por sua vez, aproxima essas dimensões, admitindo que embora todas as línguas variem e mudem ao longo tempo, elas ainda permanecem estruturadas. Portanto, a heterogeneidade linguística pode ser observada na sincronia e na diacronia. Por isso, mesmo que o sistema

linguístico esteja em constante transformação, as pessoas ainda conseguem se entender enquanto a língua muda.

A sistematicidade e a heterogeneidade são observadas por meio de fatores linguísticos e sociais que condicionam formas em variação e mudança, o que explica os indivíduos conseguirem se expressar em diversos contextos, de diversos modos e, ainda assim, serem compreendidos por qualquer falante da língua em questão. Desse modo, compreende-se que a língua não varia de forma desordenada, mas é regida por regras internas ou externas a ela.

Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. (COELHO *et al*, 2015, p. 59).

Lidamos com a heterogeneidade da língua, que comporta tanto as regras categóricas quanto as variáveis, por meio do que conhecemos como *competência linguística*. Trata-se da capacidade que as pessoas possuem para compreender e produzir uma infinidade de enunciados a partir de um número restrito de regras. O falante é capaz de dominar diversos estilos, ou seja, ele pode aprender mais de uma forma da língua, sem abandonar a forma que usava.

WLH (2006 [1968]), ao analisarem o processo de estabelecimento da mudança linguística, postulam que um falante dispõe de mais de uma forma para expressar o mesmo significado, ou seja, as formas coexistem – ou competem entre si. Essa competição, observada na fala de um mesmo indivíduo, de diferentes grupos sociais ou de diferentes espaços geográficos, revela o que chamamos de variação linguística. Gradualmente, a forma original, ao competir com a forma inovadora, pode passar a ser desfavorecida até deixar de ser usada, de modo que a forma inovadora adquire aos poucos um estatuto de padrão, propagando-se na língua até se transformar em uma forma constante. Esse percurso indica um processo de mudança em curso. Acreditando nesse percurso, os autores supracitados estabelecem que a mudança não se dá de forma abrupta, imperceptível e assistemática, mas sim de forma gradual. Além disso, postulam que “duas formas podem conviver em variação durante anos sem que haja substituição de uma pela outra, ou seja, sem que haja mudança completada, numa situação de variação estável” (COELHO *et al*, 2015, p.73). Por isso, o princípio de que nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação é um dos pontos basilares da teoria.

WLH (2006 [1968]), então, propõem o enfrentamento de cinco *problemas empíricos*, ou seja, de cinco questões fundamentais a fim de se entender o processo de variação e mudança da língua e orientar os estudos da área: (a) Problema da restrição: Qual é o conjunto de mudanças e condições

para mudanças possíveis que podem ocorrer em uma determinada estrutura? (b) Problema do encaixamento: Como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e social? (c) Problema da transição: Como as mudanças passam de um estágio a outro? (d) Problema da avaliação: Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística e a estrutura social? (e) Problema da implementação: A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outra língua e em outra época?

Neste estudo, tentaremos responder o problema do *encaixamento* em relação à concordância de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas, buscando apontar como a concordância nominal do *a gente* pronominal em estruturas predicativas influencia no encaixamento e em como a forma pronominalizada se encontra encaixada na estrutura linguística e social no português falado em Florianópolis. “Estar encaixado” significa entender a relação de um fenômeno linguístico com outros fenômenos, quais fatores linguísticos, estilísticos e sociais favorecem ou inibem determinadas variantes, quais as motivações e os efeitos de uma mudança. Neste caso, o problema de *restrição* também está relacionado, pois a influência das restrições internas sobre os condicionadores externos pode ajudar a compreender como a mudança se encaixa na língua e na sociedade, bem como o que pode motivar a continuidade da mudança linguística. Pretendemos buscar generalizações que estejam influenciando a estrutura e o processo de mudança linguística da forma *a gente* em estruturas predicativas que possam indicar as direções dessa mudança.

Nossa pesquisa também envolverá os problemas de *transição* e de *implementação*, que compreendem a transmissão e a incrementação de uma forma nova, neste caso, a expressão *a gente*. Esses problemas procuram entender a propagação das formas em variação e/ou mudança, passando de um estágio a partir de sua passagem entre gerações, pela sua propagação ao longo do tempo e entre grupos sociais e pela ampliação dos contextos linguísticos de uso das formas (cf. COELHO *et al.*, 2015). Para isso, objetivamos entender como o processo de mudança categorial da forma *a gente* progride ao longo de duas gerações, uma dos anos 1990 e outra dos anos 2010.

1.1.1 A metodologia da pesquisa Sociolinguística

A fala é um objeto de estudo complexo para a linguística. Labov (2008 [1972]), em relação às pesquisas de cunho variacionista, cita alguns problemas encontrados ao lidar com a fala, entre eles, a sua agramaticalidade. Os dados extraídos da língua falada podem conter exemplos de frases malformadas ou alteradas, dependendo do julgamento do falante. Outro problema seria a variação na fala e na comunidade de fala. Nesses casos, existe a dificuldade de encontrar o lugar da variação

na estrutura linguística. Ouvir e gravar os dados de fala também são consideradas dificuldades para a sociolinguística, pois as interferências do ambiente exterior podem prejudicar a qualidade de gravação. O último problema seria a raridade das formas sintáticas. Os dados de fala obtidos podem ser considerados comuns a partir de suas formas fonológicas e sintáticas, de modo que o pesquisador deverá elicitare palavras raras e não usuais.

Tendo ciência de tais dificuldades, Labov (2008 [1972]) apresenta uma proposta de metodologia para a coleta de dados dentro da comunidade de fala que supera esses problemas no tratamento de um trabalho empírico, o que prova que ao estudo direto da língua pode-se aplicar um método prático e produtivo.

Um primeiro ponto levantado pelo autor seria a necessidade de que, após definir as variáveis a serem trabalhadas, o pesquisador deveria obter grandes volumes de fala natural gravada. Labov ainda nesse texto apresenta cinco axiomas metodológicos: (a) Alternância de estilo: não existe um falante de estilo único. Alguns falantes apresentam maior grau de alternância que outros, entretanto, o autor afirma que todos os falantes apresentam alternância de alguma variável linguística, dependendo do tópico ou do contexto social; (b) Atenção: “os estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 243) Esta atenção é exercida principalmente a partir do audiomonitoramento da própria fala; (c) Vernáculo: Interessa para os sociolinguistas a observação do vernáculo em uso, pois este é o estilo em que o falante presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala; (d) Formalidade: para Labov (2008 [1972]), qualquer observação sistemática de um falante é considerada um contexto de fala formal. Por isso, não devemos esperar encontrar o vernáculo em uso durante as entrevistas; (e) Bons dados: o único modo de se obter bons dados em quantidade suficiente é por meio de gravações de entrevistas individuais, ou seja, através da observação sistemática.

Mesmo levando em conta todos esses axiomas, devemos considerar que o que o autor chama de “paradoxo do observador” consiste na dicotomia entre o objetivo da sociolinguística em pesquisar dados de fala quando os informantes não estão sendo observados e o fato de que tais dados só podem ser obtidos a partir de observações sistemáticas. É sugerido, então, um meio para que tal paradoxo seja superado. Deve-se procurar romper o constrangimento da situação de entrevista, desviando a atenção do falante e possibilitando a emissão do vernáculo. Outras sugestões seriam encaminhar a conversa da entrevista para assuntos que recriem emoções fortes que a pessoa experimentou em algum momento da vida ou realizar a entrevista em grupos com membros de uma mesma comunidade, de modo que seja criada uma maior interação entre os falantes. Também é recomendada a coleta de entrevistas rápidas e anônimas em conversas que não se definem

exatamente como entrevistas, ou, até mesmo, gravar amostras de fala em locais públicos como ônibus, balcões de lanchonete etc.

Em vista disso, ancoramo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da TVM, considerando a língua como um sistema heterogêneo constituído por unidades e regras variáveis, ou seja, usaremos essa teoria para observar um processo de mudança linguística no PB. Para a constituição de nossa amostra de fala, seguiremos a proposta de Labov (2008 [1972]) que sugere que o pesquisador busque seus dados em gravações de entrevistas individuais. A amostra utilizada faz parte do projeto VARSUL, banco de dados constituído de amostras de fala de habitantes da Região Sul do Brasil, em nosso caso, da cidade de Florianópolis. É necessário ressaltar também que o processo de constituição do banco de dados do projeto VARSUL também é ancorado nos pressupostos variacionistas, levando em conta os axiomas metodológicos e as resoluções propostas por Labov (2008 [1972]).

Na próxima subseção, discutiremos o processo de mudança linguística de nossa variante *a gente* pela ótica da gramaticalização e da mudança de traços. Em um primeiro momento, discutiremos os processos de variação categorial que a expressão está passando e, posteriormente, analisaremos, por um viés formal, as consequências dessas mudanças no seu sistema de traços formais e semânticos.

1.2 GRAMATICALIZAÇÃO DA EXPRESSÃO *A GENTE*

Assim como Meillet (1912 *apud* HOPPER, 1991) entende *gramaticalização* como a atribuição de um caráter gramatical a palavras anteriormente autônomas, Camara Jr. (2007 [1958]) considera o termo um processo de transformação dos vocábulos lexicais em vocábulos gramaticais, podendo ambos coexistirem por um determinado tempo. Para Heine (2003) esse tipo de definição não dá conta do que acontece no desenvolvimento dos itens gramaticais por não abranger todos os fenômenos linguísticos, mesmo que dê conta de muitos, pois itens gramaticais também podem se gramaticalizar ainda mais, e porque é necessário levar em conta que os contextos semânticos e morfossintáticos são considerados a base para o processo de gramaticalização.

Heine (2003) afirma que a gramaticalização não é uma teoria da língua ou uma teoria da mudança linguística, mas sim uma teoria que tenta entender o caminho pelo qual formas gramaticais emergem e se desenvolvem através do espaço e do tempo, explicando o porquê da estruturação de tais formas.

Portanto, trata-se de um processo que é impulsionado por mudanças simultâneas que estão ocorrendo ou já ocorreram em subsistemas linguísticos relacionados que resultam na mudança de

uma expressão que, a princípio, possuía um caráter lexical (ou gramatical) e que passou a possuir um caráter gramatical (ou mais gramatical). Tais mudanças se desenvolvem gradualmente ao longo do tempo, em que, em cada estágio de transição, existem processos fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos.

Segundo Omena e Braga (1996), essa abordagem diacrônica apresenta um novo enfoque a partir da década de setenta do século XX, quando a análise dos processos históricos passa a ser compreendida como um parâmetro explicativo para o entendimento da gramática sincrônica. Por conta disso, foram criadas diversas denominações diferentes para essas abordagens, sendo as mais conhecidas: gramaticalização, referente à abordagem diacrônica, e gramaticização, referente à abordagem com enfoque sincrônico. Para Heine (2003), mesmo que possuam proporções sincrônicas e diacrônicas, a base da gramaticalização é diacrônica. Hopper (1991) também ressalta a natureza diacrônica desse processo ao se referir a esses tipos de estudo como uma busca pelas origens da gramática, exemplificando com as formulações de Meillet, que utilizava o termo gramaticalização com a compreensão de que um tipo específico de mudança histórica estava influenciando na emergência de itens gramaticais.

O desenvolvimento desse processo, que leva formas menos gramaticais a se tornarem mais gramaticais, é considerado contínuo. Expressões para significados concretos passam a ser usadas em contextos mais específicos para usos de significados mais gramaticais. Para Hopper (1991) e Heine (2003), esse processo possui um vasto número de implicações na estrutura das formas em gramaticalização, assim, os autores sistematizam mecanismos inter-relacionados que envolvem o processo de mudança categorial. O primeiro grupo é o de Hopper (1991), e o segundo é de Heine (2003).

- (i) Estratificação: emergência de novas formas em um domínio funcional coexistindo com as formas antigas.
 - (ii) Divergência: preservação da forma lexical originária no processo de gramaticalização.
 - (iii) Especialização: preferência pela forma nova em relação à forma antiga.
 - (iv) Persistência: permanência de traços e significados da forma origem.
 - (v) Decategorização: perda ou neutralização de características sintáticas e morfológicas das categorias iniciais e acolhimento das características das categorias secundárias.
-
- (i) Dessemantização: perda de conteúdo semântico.
 - (ii) Extensão: uso da expressão em novos contextos.

(iii) Decategorização: perda de propriedades morfossintáticas características das formas originais, incluindo perda do status de palavra independente.

(iv) Erosão: perda de substância fonética.

Esses mecanismos relacionam diferentes níveis da língua como a semântica, a pragmática, a morfossintaxe e a fonética. Para Heine (2003), mesmo que três desses mecanismos simbolizem algum tipo de perda, os itens linguísticos que sofrem gramaticalização ganham propriedades características dos novos contextos de uso, podendo até apresentar pouca semelhança com o seu significado original. Heine (2003) apresenta um modelo de três estágios, chamado de “modelo de sobreposição” (*overlap model*), que representa a evolução resultada dos quatro mecanismos.

i) Uma expressão linguística A é estabelecida para a gramaticalização.

ii) Essa expressão A apresenta um segundo padrão de uso, B. Existe ambiguidade entre A e B.

iii) A desaparece e B passa a ser a única forma em uso.

Para Heine (2003), o resultado desse processo de gramaticalização exhibe uma estrutura em forma de corrente (A>A, B>B). A emersão da forma gramatical não se origina diretamente da forma inicial (fonte de significado) A para a forma final (significado alvo) B. Ela envolve um estágio intermediário em que A e B coexistem, criando uma situação de ambiguidade entre as formas A e B.

Como dito na introdução, segundo Omena e Braga (1996) e Lopes (2003), a palavra *gente* tem sua origem no substantivo latino *gēns, gentis*, que significava “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade”. *Gente* possui uma referência coletiva e indeterminadora, significando um conjunto de seres humanos que, por conta de ideias, qualidades, nacionalidade, objetivos, posição, sentimentos, entre outros, são identificados entre si. Atualmente, a expressão determinada pelo artigo passa ter seu significado e uso incorporados à referência de primeira pessoa do discurso, tanto no singular quanto no plural, alternando-se com os pronomes *eu* e *nós*, especialmente em contextos de indeterminação.

Por isso, consideramos que o *a gente* está passando por um processo de gramaticalização, pois, como dito anteriormente, essa expressão passa por vários processos de mudança linguística, em que um item, inicialmente, lexical passa a ser gramatical, e, se gramatical, passa a ser ainda mais gramatical. Considerando isso, comentaremos aqui, os quatro mecanismos que definem a gramaticalização, descritos por Hopper (1991) e Heine (2003), e adotados em pesquisas como

Omena e Braga (1996), Lopes (1999), Vianna (2006) e Zilles (2007), como instrumentos para analisar o conjunto de mudanças que permeia o processo de variação categorial que ocorre com a forma *a gente*. São eles a *estratificação*, a *divergência*, a *especialização*, a *persistência*, a *dessemantização*, a *extensão*, a *decatégorização* e a *erosão*.

A começar, consideramos que o *a gente* passou a assumir referência à primeira pessoa do discurso competindo com *eu* e, principalmente, com *nós*, representando um caso de *estratificação*. A competição entre as formas acontece por conta de que ambas passam a exercer a mesma função no discurso. Nossos dados comprovam tal afirmação:

(9) *Nós* fomo, toda a vida, assim criado pobre. (FEM/ADULT/FUND/2)

(10) *A gente* não foi criado junto. (FEM/ADULT/FUND/2)

Omena e Braga (1996) afirmam que, ao se gramaticalizar, o *a gente*, que originalmente possui um caráter indeterminador, passa a fazer referência à pessoa que fala, deiticamente determinada. Ainda dizem que, embora haja uma preferência pelo *a gente* na fala, a escrita se mostra como um fator de restrição ao uso dessa forma. Além disso, seu uso é determinado pelo grau de formalidade do contexto, sendo o informal o contexto favorecedor do pronome inovador.

O mecanismo da *divergência* está relacionado ao fato de uma mesma forma fonológica possuir diferentes estatutos gramaticais. O *a gente*, embora, atualmente, apresente variação fonológica, conforme discutiremos mais à frente, ainda gera conflito em sua classificação, ora classificado pelas gramáticas como pronome indefinido, pronome de tratamento ou fórmula de representação da primeira pessoa.

A *especialização* se trata da preferência de uso da forma inovadora em relação de concorrência. Omena e Braga (1996) usam, como comprovação, o resultado da pesquisa de Omena (1986), em que encontrou 69% de preferência do uso do *a gente* em relação ao *nós*. Quando em posição de adjunto adverbial, essa frequência sobe, passando para 84%. Na Seção 1.4 analisaremos estudos sociolinguísticos que trabalham com o uso desses pronomes e traremos mais resultados referentes à alternância a fim de compreender se os resultados de 1986 perduraram até hoje.

O princípio da *persistência* se relaciona com a manutenção de traços oriundos da forma original, que, segundo Omena e Braga (1996), pode explicar, muitas vezes, as restrições que a forma inovadora encontra em processos de gramaticalização mais avançados. Em relação ao *a gente*, as autoras afirmam que, por conta do caráter indeterminador do substantivo *gente*, é mais provável utilizar *a gente* em contextos de referência a grupos grandes e indeterminados do que para

grupos pequenos e determinados. Uma das restrições decorrentes desse traço indeterminador preservado pelo *a gente* é o fato de apenas o pronome *nós* poder ser modificado por quantificadores, numerais e especificadores como: *dois*, *todos*, entre outros, como em *nós dois*, mas não **a gente dois*.

Em relação à *dessemantização*, que se trata da redução ou perda do conteúdo semântico do item lexical original, o substantivo *gente* em português abandona o traço de povo, porém conserva o traço de pessoa. Segundo Lopes (2003), este é um fator importante para a mudança que ocorre posteriormente, quando o *a gente* passa a expressar *pessoa do discurso*.

O quinto mecanismo é a *extensão*, ou seja, o uso do item em novos contextos. Para Zilles (2007), trata-se de uma generalização contextual, um processo de difusão que pode ser verificado qualitativa e quantitativamente. Por exemplo, o aumento do uso do *a gente* em posição de sujeito, que teve seu crescimento entre os anos de 1970 e 1990, como atestou Zilles (2005). Zilles (2007) também cita a expansão de referência da expressão, que, inicialmente, possuía uma referência genérica e estendeu-se para contextos de referência específica. Pode-se encontrar também, segundo a autora, *a gente* ocorrendo como pronome anafórico dentro da oração.

A *decatégorização*, único princípio que se repete tanto em Hopper (1991) quanto em Heine (2003), se refere à perda de propriedades morfossintáticas do item lexical original. Nas palavras de Omena e Braga (1996), “as formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos das categorias plenas e assumir os atributos característicos das categorias secundárias”. Em relação ao *a gente*, existe a perda do plural gramatical, “*as gentes* não tem significado de primeira pessoa do plural, e sim de *as pessoas* [...]” (ZILLES, 2005, p. 33). Segundo Lopes (2003), o uso da forma plural caiu gradativamente a partir do século XVI, mesmo que ainda se encontrem exemplos desse tipo no século XIX. Também podemos citar o crescimento da concordância do sintagma nominal “*a gente*” singular com predicados no plural – *a gente vamos* – e a perda do gênero feminino que, em um primeiro momento, era inerente ao substantivo *gente*, e passou a referenciar o gênero do referente no predicativo do pronome. Lopes (2003), com base em outros estudos (VASCONCELLOS (1906), HUBER (1986) e NASCENTES (1953)), afirma que a concordância, já no português arcaico, se refere a casos de concordância semântica, quando: o sujeito está formalmente no singular, com significado plural, levando o predicado para o plural; “*gente*”/“*gentes*” deve-se formalmente ligar-se a complementos no feminino, mas muitas vezes, por possuir o sentido de “homens”, leva um predicado masculino.

O último mecanismo, a *erosão*, abrange a perda de substância fonética. Pesquisas apontam que a forma *a gente* pode ser realizada de diferentes formas. Mais recentemente, Maia (2012) indica

outras pronúncias da forma padrão como *a gen*, *a ente* e *ag'te*, entre outras. É interessante ressaltar a interdependência dessas novas formas com a posição sintática de sujeito, já que, segundo Zilles (2007), não se encontram ocorrências como **ele viu 'ente lá*.

De qualquer modo, para atestar a mudança categorial de *gente* (nome) para *a gente* (pronome), é necessário que depreendamos as propriedades inerentes a cada uma das formas para que seja possível, assim, a identificação do que foi perdido e do que se manteve na forma inovadora. Como foi dito anteriormente, iremos nos ater às possibilidades de concordância de cada forma em estruturas predicativas a partir de seus traços formais e semânticos. A discussão desses traços é o assunto da próxima seção.

1.3 O SISTEMA DE TRAÇOS

Devido à inserção dos pronomes *você* e *a gente* no paradigma pronominal da língua portuguesa, principalmente no PB, diversas mudanças gramaticais surgiram em diferentes níveis do sistema linguístico. Por exemplo, os verbos da língua portuguesa são caracterizados por possuírem morfologia flexional rica, ou seja, exibem marcas distintivas de tempo/modo e número/pessoa do discurso, porém, por conta desse rearranjo do sistema pronominal e da fusão do paradigma de 2ª pessoa com o de 3ª pessoa do singular, bem como a eliminação do paradigma de 2ª pessoa do plural, novas possibilidades combinatórias foram se tornando comuns no PB (LOPES; RUMEU, 2007). Essa reestruturação acarretou a perda dessa chamada “riqueza flexional”, fazendo com que o paradigma deixasse de ter seis formas e passasse para três formas básicas, além de interferir no Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981), (cf. DUARTE 1993; 1995). Segundo Duarte (2016), o PB “tem sido apontado como um sistema que tende a realizar foneticamente o sujeito referencial, enquadrando-se no conjunto de línguas de *sujeito nulo parcial*” (DUARTE, 2016, p.157).

Em relação à pronominalização da expressão *a gente*, percebemos que essa forma também apresenta uma incompatibilidade entre os traços formais e semânticos⁶ relativos à concordância verbal, que se estabelece, por conta do substantivo *gente* uma concordância padrão de terceira pessoa do singular, atuando como uma variante da primeira pessoa do plural *nós*. Em relação à concordância nominal, percebemos a combinação do pronome inovador com estruturas no feminino e masculino, designando o referente deiticamente determinado.

⁵ Grifo nosso.

⁶ Consideramos o referente ao qual essa forma dêitica corresponde no discurso.

Lopes e Rumeu (2007), por conta dessa não correlação obrigatória entre forma e sentido, chama a atenção à necessidade de postular a existência de traços formais e semânticos intrínsecos às formas nominais que se pronominalizaram para compreender as alterações ocorridas no sistema pronominal.

Durante a evolução de *a gente* e *você*, não houve perda completa e imediata dos traços nominais e, muito menos, a adoção definitiva das propriedades pronominais. Parece pertinente sistematizar, nesse sentido, a distinção entre as duas classes, tendo em vista a identificação dos traços primitivos de *gênero*, *número* e *pessoa*. (LOPES; RUMEU, 2007, p. 420).

Tal análise tem como objetivo a comprovação de que tanto o substantivo *gente* quanto a expressão nominal *vossa mercê* passaram a fazer parte de outra classe gramatical, ou seja, se gramaticalizaram ao assumirem novos contextos e propriedades. Em nossa pesquisa, nos concentraremos nos traços referentes ao pronome *a gente*.

1.3.1 A teoria de traços de Rooryck (1994), por Lopes e Rumeu (2007)

A teoria de traços de Rooryck (1994)⁷ foi empregada em Lopes (1999) ao analisar a inserção do *a gente* no quadro pronominal do PB, e, posteriormente, por Vianna (2006), ao compor seu estudo sobre a concordância de *a gente* em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca. Lopes e Rumeu (2007) detalham essa teoria de traços estabelecida por Rooryck (1994). Cada traço possui um determinado valor, positivo [+X], negativo [-X], ausente (não ser especificado) ou ter uma atribuição específica (pessoa: 1^a).

Além desses, existem outros dois tipos de traços: os variáveis (α -traço) e os não variáveis (\emptyset -traço). O primeiro deve ser entendido como a possibilidade de um item assumir um valor “+” ou “-”, sendo sintaticamente subespecificado. As autoras ainda afirmam que “se um determinado elemento “x” apresenta os valores [α pessoa, α gênero, α número], quer dizer que “x” é sensível a qualquer valor de pessoa, gênero, número” (LOPES; RUMEU, 2007, p.421). Os traços não variáveis (\emptyset traço) marcam a ausência de um valor específico, ou valor *default*.

Assim, para essa análise, as autoras relembram a importância de se estabelecer, além de traços formais, traços semânticos, a fim de discutir melhor a falta de correlação entre esses planos. Desse modo, foram estabelecidos dois grupos de traços: os formais [fem], [eu] e [pl] para gênero, pessoa e

⁷ ROORYCK, J. **On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology.** *Probus*, v. 6, p.207-233, 1994.

número, respectivamente, e os semânticos [FEM], [EU], [PL], que podem receber os valores (+), (-), (α) e (\emptyset).

1.3.2 O traço de pessoa

Seguindo os preceitos de Benveniste (1988), consideramos a terceira pessoa, que se encontra fora do eixo dialógico de interlocução (locutor/eu – interlocutor/tu), como “não pessoa”, ou seja, ela não é essencialmente uma pessoa do discurso, pois se trata do próprio objeto da enunciação. No português, os pronomes eu/nós e tu/vós são considerados os “pronomes legítimos” e os pronomes de terceira pessoa “ele/ela”, originários do pronome demonstrativo latino *ille*, são considerados como a não pessoa. Segundo Lopes e Rumeu (2007, p.423), “as formas de primeira e segunda pessoas teriam uma maior dimensão pragmática, no sentido de serem os verdadeiros vocábulos dêiticos situacionais. As formas de terceira pessoa são, em geral, menos situacionais e mais textuais, ou seja, anafóricos”.

Assim como os nomes, os pronomes de terceira pessoa possuem o traço neutro para pessoa (P3⁸), ou seja, combinam-se com verbos que levam desinência zero, o que serve de confirmação para sua impessoalidade.

Visto isso, consideramos que os pronomes de primeira pessoa (*eu, nós, a gente*), seriam indicados pelo valor positivo [+EU] e os pronomes que referem a segunda pessoa (*tu, você, vocês, vós*) possuiriam o valor negativo [-EU]. Já as formas referentes à terceira pessoa, que se encontram fora do eixo dialógico, seriam caracterizadas pela ausência de traço [\emptyset EU].

A morfologia do verbo também pode ser entendida como uma atribuição de valor positivo ou negativo ao atributo [eu], representando a especificação formal/gramatical de pessoa. Deste modo, a concordância verbal referente à primeira pessoa possui atribuição positiva [+eu], representando a pessoa gramatical. Os de segunda pessoa possuem valor negativo [-eu], pois excluem o falante e incluem o ouvinte. Já as formas de terceira pessoa são caracterizadas pelo traço neutro [\emptyset eu]. O quadro abaixo designa uma correlação entre os traços formais e semânticos da forma nominal, forma inovadora e do pronome padrão.

⁸ Adotamos os preceitos de Câmara Jr. (2007[1970]): P1 (primeira pessoa do singular), P2 (segunda pessoa do singular), P3 (terceira pessoa do singular), P4 (primeira pessoa do plural), P5 (segunda pessoa do plural) e P6 (terceira pessoa do plural).

Tabela 1 – Traços formais e semânticos de pessoa de *gente*, *a gente* e *nós*

Formas pronominais	Nome		Referência à 1ª pessoa			
	GENTE		A GENTE		NÓS	
Traços de pessoa	TS	TF	TS	TF	TS	TF
	[øEU]	[øeu]	[+EU]	[øeu]	[+EU]	[+eu]
Exemplos	<i>Tem gente que fica alegre cantando.</i>		<i>A gente ficou alegre.</i>		<i>Nós ficamos alegres.</i>	

Fonte: Adaptado de VIANNA (2006, p. 13-20)

Essa não correlação entre os traços semânticos e formais para a especificação de pessoa é vestígio do sentido lexical associado a este termo, já que o *a gente* continuou a se combinar com verbos em P3. Para Lopes (2003), a mudança categorial de nome para pronome, resultado da gramaticalização de *gente* para *a gente*, bem como de *Vossa Mercê* para *ocê*, acarretou perdas e ganhos em relação às propriedades semântico-formais primitivas dessas formas. Desse modo, pode-se afirmar que as propriedades formais nominiais não se perderam totalmente e que também não foram assumidas todas as propriedades intrínsecas aos pronomes canônicos, por isso a não correlação entre os traços semânticos e formais para a especificação de [pessoa].

Por isso, Lopes (2007) afirma que essa combinação com verbos em P3 representa a preservação do traço formal de 3ª pessoa [pessoa] do singular na forma pronominal *a gente*. Entretanto, a interpretação semântica de [pessoa] foi alterada para [+EU], pois passou a incluir a pessoa do discurso *eu*. A autora apresenta indícios sintáticos que atestam tal afirmação: a possibilidade de concordância padrão da expressão com verbos em P4, frequente no português não padrão, e a coindexação pronominal apresentada na sentença “*a gente andava de bicicleta pois era o nosso esporte predileto*”. Mesmo que o verbo esteja na terceira pessoa do singular, pressupõe-se que a pessoa semântica esteja se referindo ao falante+alguém. Lopes (2007) também aponta exemplos de sentenças retiradas de jornais que são iniciadas com *a gente* e que encadeiam uma sequência de estruturas em P4. Isso significa que, por mais que falantes cultos não costumem fazer a concordância de *a gente* com verbos flexionados na primeira pessoa do plural, é possível atestar a interpretação semântica de [+EU] de outras formas.

(11) *O objetivo era preparar tudo para a chegada da Regina. A gente **trabalhou** à beça e **pesquisamos** um monte de coisa.*⁹

⁹ *Jornal do Brasil*, 19/08/97. Exemplo retirado de Lopes, 2007, p. 6.

1.3.3 O traço de número

Lopes e Rumeu (2007) nos dizem que a correlação dos pronomes entre a noção de “um elemento” para “mais de um elemento” (que é como se dá entre os nomes) não é automática. A noção de singular/plural como o agrupamento de elementos de uma mesma natureza está equivocada, pois existem diversas possibilidades combinatórias. Por exemplo, o *nós* não atua como plural de *eu*, sendo *eu+eu*, mas sim representa variadas possibilidades de combinação de pessoas como: *eu+tu*, *eu+ele*, *eu+vocês*, *eu+eles*, *eu+todos* e, até, apenas *eu*.

Tendo isso em mente, consideramos que em relação aos traços referentes ao número, o traço semântico corresponde à atribuição de valores positivo ou negativo ao atributo [PL], de modo que [-PL] indica a ideia de “apenas um elemento”, ao passo que [+PL] seria o indicativo de “mais de um elemento”, gerando a oposição semântica singular/plural. A marcação gramatical de plural é indicada por [+pl] e a não marcação por [-pl].

Assim como mostrado acima, na representação do controle dos traços semânticos e formais de pessoas nos pronomes padrões, vemos que, em relação ao número, também há uma correlação direta entre tais traços, como pode ser notado no quadro abaixo:

Tabela 2 – Os traços formais e semânticos de número de *gente*, *a gente* e *nós*

Formas pronominais	Nome		Referência à 1ª pessoa			
	GENTE		A GENTE		NÓS	
Traços de número	TS	TF	TS	TF	TS	TF
	[+PL]	[øpl]	[øPL]	[øpl]	[+PL]	[+pl]
Exemplos	<i>Tem gente que fica alegre cantando.</i>		<i>A gente ficou alegre.</i>		<i>Nós ficamos alegres.</i>	

Fonte: Adaptado de VIANNA (2006, p. 13-20);

Lopes (2003) evidencia uma aceleração na perda do traço formal de número entre os séculos XVI e XX, chegando a apresentar o uso categórico de *gente* no singular no século XX. Lopes (2007) afirma que o substantivo *gente*, assim como *povo*, *grupo*, *multidão* e outros substantivos coletivos, poderia ser usado no singular (*esta gente*) e no plural (*estas gentes*), porém seu traço formal de número plural, que era marcado na sintaxe, foi perdido com o passar do tempo. Desse modo, a expressão pronominalizada *a gente* herdou do substantivo original a concordância com o singular, mantendo uma interpretação semântica pluralizada.

A autora assume que o nome *gente* perdeu a possibilidade de possuir a flexão de número – mantendo apenas o número semântico –, portanto o traço de número da expressão passou a possuir um valor *default*, pois o traço \emptyset pode ser interpretado semanticamente tanto como singular quanto como plural. A interpretação semântica também passa a assumir uma interpretação *default*, pois o *a gente* passa a referir-se a um conjunto indeterminado (ou determinado) de pessoas – com o *eu* necessariamente incluído – herdando a possibilidade combinatória com o singular, além de poder ser usado como referência apenas a *eu*. Desse modo, o processo de mudança do *a gente* em relação a número, segundo Lopes (2003), deu-se da seguinte forma: “*gente* para *a gente* [α pl, +PL] (arcaico)¹⁰ > [\emptyset pl, +PL] (nome) > [\emptyset pl, \emptyset PL] (pronome) ou [\emptyset pl, +PL] para falantes que usam “*a gente* +P4” (*a gente vamos*)” (LOPES, 2003, p.32).

1.3.4 O traço de gênero

Quanto à especificação de gênero, são considerados dois atributos [FEM] e [fem], sendo o primeiro para o traço semântico e o segundo para o formal. Para Lopes (2003), os pronomes de terceira pessoa teriam gênero formal subespecificados sintaticamente, pois possuem duas possibilidades de termos: *eles* e *elas*. Já os pronomes autênticos como *eu*, *tu*, *nós*, *vós*, não possuem atribuição intrínseca de gênero, assim, para eles, é atribuído o gênero neutro ou [\emptyset fem]. Por outro lado, se formos analisar pelo ponto de vista semântico, veremos que os pronomes autênticos podem se combinar com adjetivos tanto no feminino quanto no masculino, dependendo do gênero do referente. Assim, atribui-se o traço [α FEM]. O quadro abaixo ilustra tal proposta de acordo com o gênero em relação aos pronomes autênticos.

Tabela 3 – Os traços formais e semânticos de gênero em *gente*, *a gente* e *nós*

Formas pronominais	Nome		Referência à 1ª pessoa			
	GENTE		A GENTE		NÓS	
Traços de gênero	TS	TF	TS	TF	TS	TF
	[\emptyset FEM]	[+fem]	[α FEM]	[\emptyset fem]	[α FEM]	[\emptyset fem]
Exemplos	<i>Tem gente que fica alegre cantando.</i>		<i>A gente está cansada.</i> <i>A gente está cansado.</i>		<i>Nós somos bonitas.</i> <i>Nós somos bonitos.</i>	

Fonte: Adaptado de VIANNA. (2006, p. 13-20)

¹⁰ Inserção minha.

Como dito anteriormente, Lopes (2003; 2007) afirma que o gênero formal pode estar presente na estrutura sintática, ainda que a informação do gênero semântico possa estar ausente. Segundo a autora, nos substantivos variáveis (que admitem flexão de gênero), o gênero semântico faz parte do significado lexical dos itens. Também há casos de isomorfismo entre os traços formais e semânticos, entre os substantivos animados invariáveis como *vaca, rei, pai*. O substantivo que originou a expressão pronominal *a gente, gente*, está incluído no grupo de substantivos que fazem referência genérica aos dois sexos, como *mercê, pessoa e vítima*. Neste caso, o gênero semântico é neutro.

Em relação aos pronomes pessoais, as formas de terceira pessoa *ele/ela, eles/elas* apresentam marcação formal e semântica de gênero. Já nos pronomes pessoais ditos legítimos *eu, tu, nós, vós*, o gênero formal é neutro já que esses pronomes não possuem flexão de gênero expressa, embora semanticamente possam se combinar com adjetivos/particípios no feminino e no masculino, apresentando duas interpretações de gênero.

Podemos depreender, então, que embora os traços semânticos representem a combinação dos pronomes autênticos com ambos os gêneros, os traços formais demonstram uma especificação neutra de gênero, de modo que não existe uma referência a ele no verbo ou no próprio pronome. Logo, a especificação de gênero formal [+fem] do substantivo *gente* é perdida quando a expressão se cristaliza e se gramaticaliza como *a gente*, tornando-se neutra como as formas pronominais canônicas de primeira e segunda pessoa. Portanto, assim como os pronomes primitivos, a forma *a gente* possui os traços [αFEM] e [øfem] para a representação de gênero. Ou seja, mesmo que não haja uma especificação de gênero formal, há uma subespecificação semântica, já que assim como os pronomes autênticos, a forma inovadora pode se combinar com adjetivos no masculino e/ou feminino em estruturas predicativas, dependendo do referente.

Em suma, a expressão gramaticalizada *a gente* mantém o traço formal de terceira pessoa ou [øeu] do nome *gente*, mesmo que referencie de forma semântico-discursiva a primeira pessoa [+EU], de modo que, ainda que haja a concordância verbal em terceira pessoa do singular, pressupõe-se que exista um “falante+alguém” ou [+EU].

Quanto ao número, também se observa uma não correlação entre os traços semânticos e formais. O *a gente* possui um traço semântico [+PL], pois remete ao “falante+alguém”, porém seu traço formal é [-pl], visto que sua tendência é combinar-se com estruturas no singular. Para Lopes (2003), as interpretações formais e semânticas passam a possuir valor *default*, pois a leitura pode ser de singular ou plural, referenciando um grupo indeterminado ou determinado ou apenas o *eu*.

Em relação ao gênero, Vianna (2006) afirma que o *a gente* pronominal perdeu a especificação positiva de gênero formal e passou a ser semanticamente subespecificado, relacionando-se com os traços formais de gênero presentes nos predicativos.

Portanto, é possível concluir que esta não correlação entre os traços semântico-formais é justificada pela preservação de algumas propriedades lexicais e pela atribuição parcial das propriedades intrínsecas aos pronomes pessoais, o que indica que a expressão *a gente* ainda se encontra em processo de gramaticalização.

Consideraremos neste estudo a representação das mudanças na correlação entre os traços formais e semânticos recorrentes da gramaticalização do nome *gente* para a expressão pronominal *a gente* proposta por Lopes (2003) da seguinte forma:

Tabela 4 – Os traços formais e semânticos de *gente* e *a gente*.

	Traços	GENTE	A GENTE
Gênero	Formal	[+fem]	[øfem]
	Semântico	[øFEM]	[αFEM]
Número	Formal	[αpl]	[øpl]
	Semântico	[+PL]	[øPL]
Pessoa	Formal	[øeu]	[øeu]
	Semântico	[øEU]	[+EU]

Fonte: Adaptado de Lopes (2003, p.32).

Com base nessas colocações, verificaremos em nossa amostra empírica o comportamento dos traços de pessoa, número e gênero relacionados às construções predicativas de primeira pessoa do plural.

1.4 O FENÔMENO EM ESTUDO: A VARIAÇÃO SOBRE NÓS E A GENTE NO PB

Nesta seção, objetivamos construir um panorama das pesquisas variacionistas que abordem a variação de *nós* e *a gente* no português brasileiro, retomando os resultados desses trabalhos. Com isso, poderemos identificar prováveis tendências que embasarão a constituição de nossos objetivos e nossas hipóteses.

Nossa revisão será dividida em três abordagens diferentes, primeiro apresentaremos estudos sobre a alternância pronominal entre *nós* e *a gente*, seguindo com estudos sobre a concordância

verbal de primeira pessoa do plural e, finalizando, com estudos que analisaram a concordância de *a gente* em estruturas predicativas e que serve como base para nossa pesquisa.

1.4.1 Alternância pronominal entre nós e a gente

As pesquisas de cunho variacionista que estudam o processo de mudança categorial da expressão *a gente* a partir de sua alternância com o *nós* comprovam que, mesmo sendo possível enxergar que a forma inovadora (*a gente*) se encontra em processo de substituição do pronome padrão, este processo ainda não é considerado uma mudança completada na fala e, principalmente, na escrita dos brasileiros.

Omena (1998), com base nos dados dos projetos Censo e Estruturas da Fala, analisa a variação de tais formas que possuem os traços semânticos [+1ª pessoa do plural] e [+gramaticalidade]. Quando a autora analisa a frequência de uso de *a gente* em oposição a *nós* em “todas as funções” (OMENA, 1998, p. 191), (adjunto adverbial, complemento, sujeito, adjunto adnominal) em relação à fala dos adultos e crianças, a forma inovadora aponta uma frequência de uso mais alta, mais presente em posição de adjunto adverbial, sujeito e complemento, respectivamente.

Em relação às variáveis sociais idade, escolaridade e sexo, os resultados da autora indicam que *nós* é mais frequente na fala dos informantes mais velhos, tendo seu uso ampliado a partir da década de 1960. Quanto à escolarização, os falantes mais escolarizados, quando não estão mais em contato com a escola, tendem a usar mais a variante padrão. O grupo de fatores sexo não se mostrou relevante. As mulheres fazem uso da forma padrão durante seu período de trabalho, havendo diferença entre as crianças ou os mais velhos. Omena (1998) conclui, então, que o fenômeno parece se tratar de mudança.

Alguns anos depois, Omena (2003) discute os aspectos da natureza da mudança linguística em um estudo em tempo real de curta duração, investigando como está se dando esse processo de substituição, se ele se encontra em um estágio de variação estável ou em pleno processo de mudança em progresso. Para isto, a autora faz um estudo de tendência e um de painel a partir de 32 informantes da Amostra de 1980 e da Amostra de 2000 do Projeto Censo/RJ. Nesse estudo, os fatores sociais e linguísticos que impulsionam a escolha da forma inovadora são faixa etária, escolaridade, determinação do referente, tempo e aspecto verbal e paralelismo formal. A autora conclui que existe uma mudança em andamento sendo influenciada, principalmente, pela idade dos falantes.

Tabela 5 - Porcentagem geral do uso de *a gente* vs. *nós*

Amostra 80 (C)	Amostra 00 (C)
1078/1374 = 78%	768/968 = 79%

Fonte: Omena (2003, p. 66).

A Tabela 5 nos mostra que, em um espaço de 20 anos, o *a gente* teve sua frequência de uso ampliada em 1%, passando de 78% (1078/1374) na Amostra 80 para 79% (768/968) na Amostra 00. Esses resultados, para Omena (2003) indicam que o fenômeno está passando por uma mudança em andamento influenciada, principalmente, pela idade dos falantes, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 - Uso de *a gente* vs. *nós* segundo faixa etária.

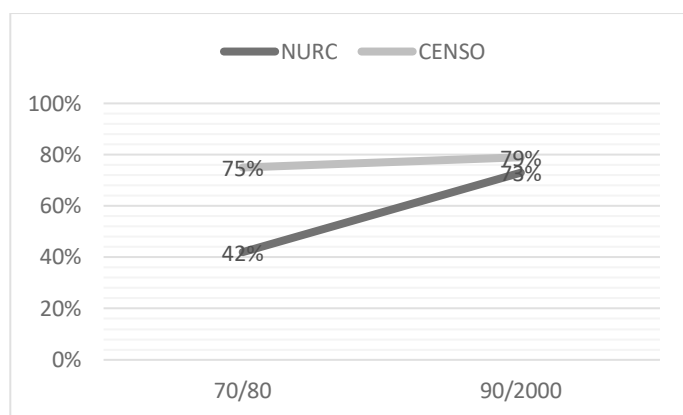
Idade	Amostra 80 (C)		Amostra 00 (C)	
	Frequência	PR	Frequência	PR
7 a 14 anos	103/116 = 89%	.79	99/105 = 94%	.84
15 a 25 anos	473/543 = 87%	.70	211/227 = 93%	.84
26 a 49 anos	271/369 = 73%	.34	208/251 = 83%	.43
Mais de 50 anos	154/267 = 58%	.20	250/385 = 65%	.22

Fonte: Omena (2003, p. 66)

Os resultados referentes à faixa etária apontam que, à medida que o falante é mais velho, o uso da forma inovadora vai decrescendo. Segundo Omena (2003), os indivíduos quando adquirem a língua materna, são submetidos a um maior uso da variante inovadora. Para a autora, o conhecimento da variante conservadora é passivo, pois a preferência será sempre pela forma mais nova. Entretanto, esse uso vai diminuindo a partir do momento em que os falantes ampliam seus contatos sociais, sendo submetidos a forças mais conservadoras, como o mercado de trabalho, por exemplo, aumentando, assim, a frequência de *nós*. Desse modo, dependendo do maior ou menor incremento de *a gente*, o seu processo de implementação é impulsionado ou retardado.

Utilizando os resultados de Omena (2003), Callou e Lopes (2004) investigam se o processo de substituição de *nós* por *a gente* está em variação estável ou em mudança em curso com base em um estudo contrastivo de dois trabalhos com amostras diferenciadas, uma de nível superior (Projeto NURC-RJ) e outra de nível médio (Projeto PEUL-RJ). As autoras analisam o comportamento da comunidade a partir da comparação de duas décadas de cada projeto, 1970/1990 e 1980/2000.

Gráfico 1 - Uso de *a gente* em tempo real de curta duração.



Fonte: Callou e Lopes (2004, p.70).

As autoras afirmam que a forma inovadora, nos últimos 30 anos, vem progressivamente ganhando espaço na fala culta e não culta no português brasileiro do Rio de Janeiro. A amostra NURC-RJ dos anos 1970 indica um uso maior da forma padrão (58%, conforme o Gráfico 1), ao passo que a amostra da década de 1990, neste caso com informantes diferentes, apresenta o aumento do uso da forma inovadora (75%), o que, segundo as autoras, representa “uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *a gente* na comunidade” (CALLOU; LOPES, 2004, p. 69). Ao comparar seus resultados com os de Omena (2003) das décadas de 1980 e 2000, Callou e Lopes chegam à conclusão de que a comunidade não mudou, pois a frequência de uso das variantes não foi alterada de forma significativa. É importante ressaltar também, segundo as autoras, a instabilidade dos falantes cultos em relação aos não cultos quanto ao uso da forma inovadora *a gente*.

Machado (1995), por sua vez, toma como base para sua pesquisa, a fala de comunidades pesqueiras do Norte Fluminense pertencente ao Projeto APERJ (Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro). Os informantes são 72 pescadores, entre 18 e 70 anos, do sexo masculino, que possuem nível total ou parcial de analfabetismo. A autora, assim como Omena (2003), atesta que existe uma alta frequência do uso de *a gente*, condicionada especialmente pelas variáveis saliência fônica, tempo verbal, faixa etária, escolaridade e localidade.

A partir da análise das ocorrências de *nós* e *a gente* encontradas na fala florianopolitana, Seara (2000) investiga a preferência dos falantes pela forma inovadora. Para isso, a autora considera a variação pronominal com as formas em posição de sujeito com o mesmo referente. As amostras de fala utilizadas fazem parte de entrevistas gravadas e codificadas pelo Projeto VARSUL. O corpus utilizado foi composto por doze entrevistas de informantes de Florianópolis com

escolaridade primária e colegial, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino. A autora subdividiu em três faixas etárias, quatro de 15 a 24 anos, quatro de 25 a 50 e quatro com mais de 50 anos. Os condicionadores linguísticos significativos são: tempo verbal, graus de conexão do discurso, fluxo discursivo, marca de primeira pessoa do plural na forma verbal, traço semântico do sujeito, paralelismo formal e *status* sintático da oração.

Os resultados de Seara (2000) atestam o uso mais frequente da variante inovadora. Investigando as variáveis que condicionam o uso de *a gente*, a autora afirma que os tempos verbais com menor saliência fônica foram relevantes, principalmente o pretérito imperfeito. Em relação à referencialidade, existe predominância da forma em frases em que o sujeito é indeterminado, ou seja, a expressão mantém seu traço [-específico], embora seja possível encontrar *a gente* também associado ao traço [+específico]. Para a autora, foi possível verificar mudança em tempo aparente através do estudo das três faixas etárias escolhidas, o que indica que existe uma mudança em curso.

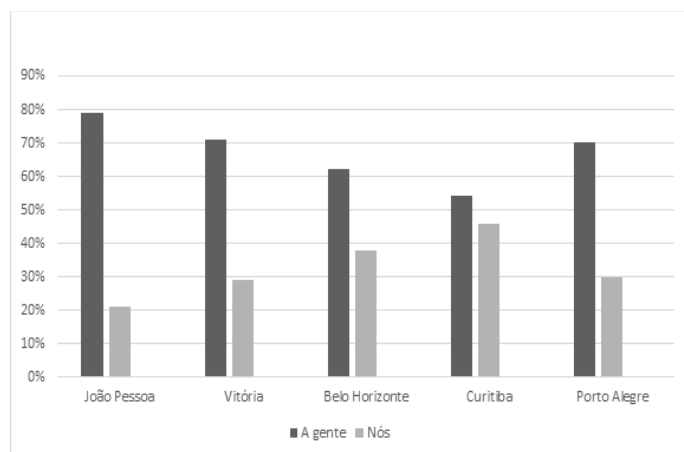
Tabela 7 - Atuação da Faixa Etária sobre a variante *a gente* (Florianópolis, VARSUL)

Faixa Etária	Aplicação/Total	Frequência	PR
15 a 24 anos	93/122	76%	.69
25 a 50 anos	245/352	70%	.51
Mais de 50 anos	187/259	72%	.40

Fonte: Seara (2000, p.189).

Em um estudo mais recente, Vianna e Lopes (2015), com base em estudos variacionistas dos últimos 30 anos, que analisam o processo de substituição de *nós* por *a gente*, afirmam que, de maneira geral, as pesquisas indicam que o *a gente* vem gradativamente ocupando os espaços de uso da forma mais antiga na variedade brasileira, se estabelecendo como um processo de mudança linguística. O Gráfico 2, a seguir, representa essa informação. As autoras apresentam a frequência de uso de *nós* e *a gente* em diversas cidades brasileiras, indicando que a forma inovadora está suplantando o uso do pronome conservador. Para isso, a ampliação do uso de *a gente*, não se restringindo apenas à fala dos jovens, mas a todas as faixas etárias dos últimos 20 anos, e o fato de não existir mais estigma a seu uso, inclusive sendo utilizado entre os falantes considerados “cultos”, atuam como impulsionadores da implementação e do encaixamento desse pronome inovador ao paradigma de pronomes do PB.

Gráfico 2 - A distribuição de *nós* e *a gente* em capitais brasileiras entre falantes cultos e não cultos



Fonte: Vianna e Lopes (2015, p.128)

Para as autoras, atualmente, o fenômeno pode ser caracterizado como mudança em progresso, se enquadrando em um modelo de mudança geracional, proposto por Labov (1994). Deve-se salientar, porém, que apesar dos resultados individuais de cada pesquisa, é necessário evitar qualquer tipo de generalização. As autoras afirmam que é importante relativizar, considerando que, por ser um país de dimensões continentais, muitas áreas ainda não foram investigadas, a ressaltar, a região Norte.

Com base nos trabalhos sintetizados por Vianna e Lopes (2015), é clara a diferença de comportamento entre as regiões do Brasil (por exemplo, Curitiba e Belo Horizonte apresentam um menor uso de *a gente* do que João Pessoa, Vitória e Porto Alegre, segundo a Gráfico 2), o que pode indicar que o processo de mudança pode avançar mais rápido dependendo da área. O comportamento observado no Rio de Janeiro é o que pode ser evidenciado nos principais centros urbanos do país. Os estudos de painel indicam que, com o passar do tempo, os indivíduos mantiveram-se estáveis ao levar seu comportamento linguístico para a faixa etária posterior. Já a comunidade apresenta um comportamento de certo modo instável, com aumentos de frequência gradativos.

Por fim, embora o pronome padrão *nós* ainda seja ensinado nas escolas dentro do paradigma pronominal do PB, o uso da forma inovadora *a gente*, não é freado¹¹, visto que segundo as pesquisas analisadas pelas autoras, a comunidade não revela uma avaliação negativa sobre esse uso, que, além de aparecer com bastante frequência na língua falada, vem aparecendo com uma certa frequência em textos escritos, em textos veiculados pela mídia eletrônica e jornais. Deve-se

¹¹ Por conta de as escolas servirem como parâmetro, ensinando alternativas mais formais para serem usadas na escrita, consideramos a hipótese de que a prescrição do pronome padrão *nós* possa servir como uma restrição para o uso do pronome inovador *a gente* em contextos formais e de escrita.

ressaltar, entretanto, que, atualmente, existem propostas de ensino que enfatizam o uso desses textos escritos em que esse pronome inovador vem adquirindo espaço. Assim, Vianna e Lopes (2015) caracterizam este fenômeno como um processo de mudança em curso.

1.4.2 Concordância verbal de primeira pessoa do plural

Omena (1998) afirma que a variação do emprego de *nós* e *a gente* em posição de sujeito provoca, também, variação da concordância verbal desses pronomes, como em *a gente comemos* e *nós comeu*, construções estigmatizadas por serem pouco frequentes entre os falantes com maior nível de escolaridade. Desse modo, para a autora, “o uso de *a gente* e *nós*, em estruturas que não ferem a concordância verbal, dada a sua expansão, já não é tão fortemente estigmatizado, principalmente na fala informal” (OMENA, 1998, p.311).

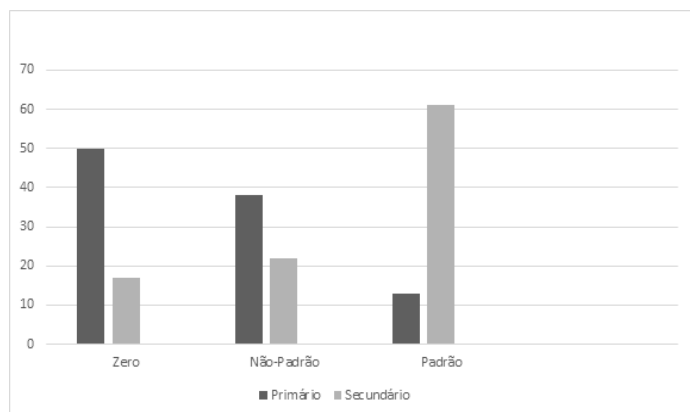
Zilles *et al* (2000) investigam a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural nos dados do VARSUL, considerando a fala de duas comunidades do Rio Grande do Sul, Panambi e Porto Alegre. Para os autores, embora a concordância verbal em termos de desinência número-pessoal seja considerada uma regra categórica no português padrão, ela deve ser considerada como uma regra variável no português do Brasil, já que as investigações sociolinguísticas realizadas até então apontam tal fato.

Com o objetivo de discutir se existe a possibilidade de afirmar que há um processo de extinção da desinência de primeira pessoa do plural, os autores analisaram dados obtidos de entrevistas do banco de dados VARSUL. A variável definida para o estudo foi a desinência número-pessoal com primeira pessoa do plural (DNP-P4), compreendendo as variantes DNP-P4 padrão *-mos*, DNP-P4 não padrão com apagamento do /s/ (*-mo*) e DN-P4 não padrão, realizada como zero. Os fatores linguísticos e sociais selecionados foram escolaridade (primário ou segundo grau), sexo (feminino ou masculino), idade (mais de 50 anos ou menos de 50 anos), comunidade (Panambi ou Porto Alegre), conjugação do verbo, tempo e modo verbal, realização do sujeito, estrutura verbal, tipo de discurso, contexto seguinte, posição do sujeito em relação ao verbo, alternância de vogal temática e posição do acento na forma verbal alvo.

As hipóteses gerais levantadas foram: supor que existem dois processos determinando o uso de formas não padrão, um fonológico e outro morfossintático. Assim, a autora considera o apagamento do /s/ e a variação na aplicação da regra de concordância verbal como os condicionadores mais relevantes para o fenômeno. É suposto também que a maior escolaridade favoreça mais o uso da forma padrão *-mos* e que, comparando as duas comunidades, pode existir a possibilidade de interferência em virtude do contato entre alemão e português em Panambi.

As autoras chegaram a algumas conclusões a partir dos condicionadores mais relevantes. Em relação à comparação entre Porto Alegre e Panambi, seria necessário fazer uma investigação mais aprofundada sobre o papel do bilinguismo naquela comunidade para poder entender se existe uma correlação com os resultados apresentados, que indicam um maior peso relativo (0,57 contra 0,41) em relação ao uso da desinência zero na fala dos moradores de Panambi. Já em Porto Alegre são relevantes os fatores sujeito nulo e posição do sujeito. Outra conclusão seria a de que, no que se refere à posição de sujeito e à desinência zero, a concordância se estabelece preferencialmente com o elemento que está adjacente à esquerda do verbo. Jovens e mulheres favorecem o emprego da DNP-P4 *-mo*, o que pode ser interpretado como uma mudança em curso. A escolaridade, por sua vez, favorece o emprego da forma padrão *-mos*, evidenciando um caráter de bloqueio a essa mudança. Tais resultados apontam que, por mais que a variação da concordância verbal em primeira pessoa do plural seja característica da fala de pessoas menos escolarizadas, as formas não padrão também ocorrem com falantes mais escolarizados.

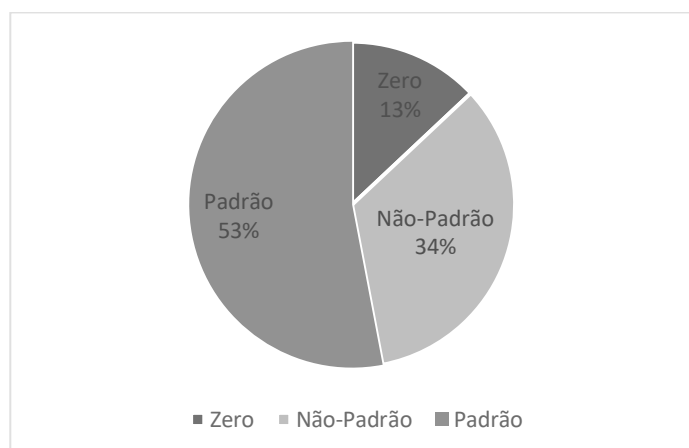
Gráfico 3 - Distribuição (peso) das três variantes (zero, desinência *-mo* e forma padrão em relação à escolaridade na fala de Porto Alegre e Panambi (VARSUL).



Fonte: Zilles (2000, p. 215).

Os resultados gerais que representam o percentual de aplicação da regra de concordância verbal com a primeira pessoa do plural apresentam ocorrências de DNP-P4 padrão e não padrão, com o apagamento do /s/, predominantes em relação à flexão zero, chegando a 87% (53% padrão e 34% não padrão). Com isso, aparentemente, não é possível sustentar a hipótese de que a morfologia específica de primeira pessoa do plural estaria em extinção.

Gráfico 4 - Distribuição percentual das formas variáveis de concordância com a primeira pessoa do plural na fala de Porto Alegre e Panambi (VARSQL)



Fonte: ZILLES, A. M. S. *et al.* A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. (2000, p. 206)

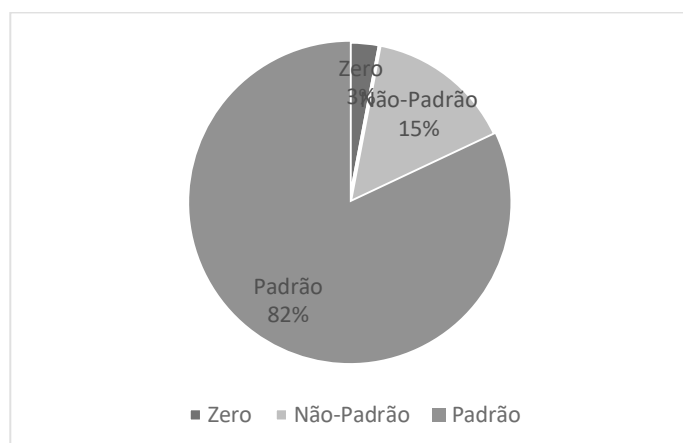
Zilles e Batista (2006) fazem um estudo de tendência em tempo real com o objetivo de observar a ocorrência de alguma mudança na concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. Os informantes investigados pelas autoras fazem parte de duas amostras comparáveis, de pessoas diferentes, uma dos anos 1970 (NURC) e uma dos anos 1990 (VARSQL). A estratificação dos informantes é composta por idade (25 a 44 anos e mais de 45 anos) e sexo.

Os resultados apontam que a ausência da flexão de primeira pessoa do plural aparenta ser estigmatizada, pois há um baixo número de ocorrências na fala culta, sendo que, nas duas décadas, não existe diferença significativa entre os resultados. A omissão da DNP-P4 (desinência número-pessoal de primeira pessoa do plural) ocorre somente em contextos em que a forma alvo se trata de uma palavra proparoxítona ou no infinitivo (que seria) flexionado. Já a redução do *-s* é favorecida pelos falantes mais jovens, o que pode ser interpretado como o início de uma mudança em curso. No entanto, este processo, a partir da análise de ambas as décadas, se mostra incipiente e lento, o que pode ser resultado da interferência do uso de *a gente*.

O verbo auxiliar *ir* na forma de *vamos* favorece mais o apagamento do *-s*. Isto pode estar relacionado, segundo as autoras, à tendência de que há nos processos de gramaticalização (neste caso, a auxiliarização) redução do material fonológico.

Nos dados encontrados por Zilles e Batista (2006) é evidenciada a estigmatização do uso da desinência zero em concordância com o pronome *nós*, pois quando ele se encontra em posição de sujeito, nulo ou preenchido, existe 97% de presença de marca de concordância.

Gráfico 5 - Distribuição percentual das formas variáveis de concordância com a 1ª pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre.



Fonte: Zilles (2006, p. 118)

Entretanto, as autoras afirmam que pode estar havendo uma mudança em curso no paradigma verbal, mesmo na fala da elite culta, pois, por conta da gramaticalização da forma *a gente*, existe uma mudança tanto no paradigma pronominal como no paradigma verbal da língua portuguesa, visto que o uso da forma inovadora é relacionado, quase que categoricamente, a verbos na 3ª pessoa do singular. Portanto, comparando os dados de Zilles *et al* (2000) e de Zilles e Batista (2006), é possível confirmar a hipótese de Zilles *et al* (2000) de que a mudança no paradigma de flexões verbais no Rio Grande do Sul estaria em sua fase inicial, confirmando a extinção da DNP-P4 *-mos*.

Os resultados desses estudos indicam que, mesmo com um aumento efetivo (numa das análises parciais de 12 entrevistas de Porto Alegre, foi evidenciado 80% do uso de *a gente* em detrimento ao *nós*) do uso de *a gente* como referência a primeira pessoa do plural sendo um dos possíveis motivos para o desaparecimento da flexão DNP-P4, esta mudança pode estar sendo retardada ou bloqueada pela escrita, principalmente pela escrita formal, que impõe o uso do *nós*, restringindo o uso do *a gente* apenas à fala. Como mostrado acima, as escolas também atuam como um fator determinante para a preservação da flexão padrão. Segundo Zilles *et al* (2000), se não fosse esse fator, o emprego das formas não padrão poderia ser mais evidenciado.

1.4.3 Concordância de *a gente* com predicativos

Vianna (2006) estudou a variação da concordância da forma inovadora *a gente* em estruturas predicativas, bem como sua alternância com o pronome canônico *nós*, na fala e escrita dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Para a pesquisa, foi utilizado o *corpus* de amostra de fala do

Censo/Peul de modo que cada entrevista foi coletada em épocas distintas, um grupo em 1980 e outro grupo em 2000.

Devido ao baixo número de ocorrências do fenômeno nas amostras de fala, foram aplicados testes de avaliação subjetiva em informantes com menor grau de escolaridade de duas escolas públicas do bairro Jacarepaguá: Escola Estadual Presidente João Goulart e Escola Estadual Edgard Werneck. Segundo a autora, seu objetivo com os testes de avaliação era identificar se os fatores de ordem discursivo-pragmática, formais e sociais que favorecem o uso de uma ou outra variante são os mesmos que atuam na língua oral. Com base nisto, buscou-se observar a variação de *nós* e *a gente* a partir do controle de tais fatores linguísticos: extensão semântica do referente, saliência fônica do verbo, concordância verbal, tempo verbal e concordância de gênero e número com as formas pronominais; entre os fatores extralinguísticos estão: faixa etária, sexo e escolaridade.

As análises das amostras de fala e dos testes de avaliação subjetiva apontam resultados equivalentes. A autora afirma que, com relação à concordância de gênero e número no predicativo, embora o singular não tenha se mostrado categórico, como observado nos falantes cultos, os exemplos de concordância plural são escassos, e não podem ser considerados exemplos típicos de estruturas predicativas. Vianna (2006) concluiu, então, que a maior produtividade da concordância no singular é motivada pela *persistência semântica* oriunda de um valor coletivo e indeterminado, herdada do nome *gente*, que acaba agregando à nova forma pronominal uma ideia de um todo genérico e abstrato.

As análises de curta duração nas amostras de fala evidenciaram uma mudança de comportamento nas mulheres nos últimos vinte anos, que fazem maior uso do masculino-singular em estruturas predicativas com o *a gente*. Assim, fica claro mais uma vez, o caráter genérico e indeterminado da forma inovadora, condicionando um maior uso da forma não marcada, o masculino-singular. Para a autora, a forma *a gente* está se *deategorizando*, de forma que tende a neutralizar as marcas morfológicas e características sintáticas de sua categoria inicial, assumindo atributos característicos dos pronomes autênticos, levando em consideração os traços formais e semânticos do gênero. Tal comportamento não foi encontrado nos testes de avaliação subjetiva, contrariando a hipótese de generalização do masculino com a forma gramaticalizada.

Em relação à concordância verbal, a combinação do *a gente* com verbos em P3 mostrou-se mais produtiva, mesmo entre falantes mais escolarizados, confirmando tanto os resultados nas amostras de fala, quanto nos testes de avaliação. Entretanto, também foi encontrado o pronome padrão *nós* acompanhado de verbos em P3, diferentemente do que Lopes (1999; 2003) aponta na fala dos informantes mais escolarizados. É interessante ressaltar também que Vianna (2006)

encontrou alguns dados que apontam a junção de *a gente* com verbos em P6 (*a gente tão*), que se mostrou exclusiva deste contexto.

Tabela 8 - Estratégias de concordância verbal com *nós* e *a gente* – Confronto entre as décadas de 1980 e 2000

CV vs. Pronome	P3		P4		P6	
	80	2000	80	2000	80	2000
Nós	2/56 4%	3/36 8%	54/56 96%	33/36 96%	0	0
A gente	36/43 84%	38/42 91%	5/43 11%'	3/42 7%	2/43 5%	1/42 2%

Fonte: Vianna (2006, p. 51)

Em relação às estratégias de concordância de gênero e número de *a gente* em estruturas predicativas, a autora conseguiu verificar na fala dos informantes com menor escolaridade, embora predominando singular com *a gente* e plural com *nós*, outras possibilidades de concordância, principalmente no masculino, como: feminino + singular, feminino + plural, masculino + singular e masculino + plural. Analisando as duas décadas, o comportamento da comunidade não apresenta uma diferença significativa. Existe maior concordância de masculino-plural com a forma *nós* (46%), na Amostra de 1980 e 65% na amostra 2000. Quando se trata do *a gente*, a variante mais relevante é o masculino singular (59%) na Amostra de 1980 e 86% na Amostra 2000. A autora justifica esses resultados pelo caráter mais específico do pronome *nós* e mais genérico da forma *a gente*.

Isso, para Vianna (2006), pode indicar uma mudança em curso no espaço de 20 anos. Dentro desse espaço de tempo, é possível enxergar uma preferência pelo uso de estrutura no masculino-plural, nos anos 2000, e a diminuição do emprego do masculino-singular com o pronome *nós*, o que pode ser justificado pelo caráter específico da expressão. Em relação ao *a gente*, por conta de seu caráter mais genérico, atesta-se o aumento das estruturas no masculino em contraste com a queda do uso do feminino-singular. Este comportamento também pode ser justificado, segundo autora, pois a forma gramaticalizada, assim como o pronome padrão, passa a combinar-se com adjetivos que dependem do sexo do referente.

Tabela 9 - Estratégias de concordância de gênero e número com *nós* e *a gente* – Confronto entre as décadas de 1980 e 2000.

Formas pronominais/Estratégias de concordância	FEM/S		FEM/P		MAS/S		MASC/P	
	80	2000	80	2000	80	2000	80	2000
Nós	1/61 2%	1/40 2%	7/61 11%	4/40 10%	25/61 41%	9/40 23%	28/61 46%	26/40 65%
A gente	18/44 41%	3/42 7%	∅	1/42 2%	26/44 59%	36/42 86%	0	2/42 5%
Total	19/187 10%	4/187 2%	7/187 4%	5/187 3%	51/187 27%	45/187 24%	28/187 15%	28/187 15%

Fonte: Vianna (2006, p. 57)

A variável sexo indicou um comportamento divergente entre homens e mulheres: uso da marcação de gênero masculino, com variação de número entre os falantes do sexo masculino. As mulheres, por sua vez, apresentaram a possibilidade de variação em ambas as flexões, como mostra o quadro a seguir:

Tabela 10 - Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do entrevistado

Sexo/Estratégias de concordância	FEM/S	FEM/P	MAS/S	MASC/P
Homens	0	0	72/103 70%	31/103 30%
Mulheres	23/84 27%	12/84 14%	24/84 29%	25/84 30%
Total	23/187 12%	12/187 7%	96/187 51%	56/187 30%

Fonte: Vianna (2006, p.61)

Para entender quais fatores estariam influenciando em tais comportamentos, Vianna (2006) controla as estratégias de referência das expressões: referência genérica/abstrata; referente misto (homens e mulheres); mulheres (exclusivo); homens (exclusivo). Os resultados encontrados apontaram que a concordância com o masculino singular é categórica quando o referente é exclusivamente homens e fortemente produtiva quando a referência é mista ou genérica. Em relação

à concordância com o feminino, ela é mais produtiva quando o referente é exclusivamente mulheres. A combinação do *a gente* se dá apenas com complementos no feminino singular (76%) e o pronome *nós* com feminino plural (92%). Em relação ao referente misto ou genérico, o *a gente* faz concordância com o masculino singular (81% referência mista e 73% referência genérica) e o *nós* com masculino plural (68% referência mista e 59% referência genérica). Para Vianna (2006), o predomínio das estruturas predicativas no masculino em contextos de referência mista se dá devido a sua interpretação neutra. A preferência de concordância de *a gente* com o singular confirma, segundo a autora, a hipótese de que esta forma possui a referência conceptual de uma massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade.

Assim, com o objetivo de compreender melhor o estágio de gramaticalização do *a gente*, Vianna (2006) analisa o uso desse novo pronome em construções predicativas entre as mulheres pois, majoritariamente, elas apresentam a concordância tanto com o feminino quanto com o masculino, uma vez que entre os homens, a concordância com o masculino é categórica. Portanto, a fim de investigar se existe uma mudança de comportamento entre as mulheres em estudos de curta duração com a variação de gênero em estruturas predicativas com *nós* e *a gente*, a autora estabelece um cruzamento entre a marcação de gênero formal e década. Os resultados evidenciam tal mudança. Entre os anos 1980 e 2000, o masculino singular se generaliza (33% nos anos 80 e 60% nos anos 2000), ultrapassando o emprego do feminino singular (66% nos anos 80 e 40% nos anos 2000). A autora justifica esse fato pela *persistência semântica*, a expressão pronominalizada *a gente* herda um caráter indeterminador do nome coletivo *gente* que generaliza a marcação masculina como *default* por ser uma forma neutra e não marcada.

Os resultados em relação às estratégias de concordância de estruturas predicativas com o pronome *nós* indicaram um comportamento diferente entre as mulheres, considerado estável por Vianna (2006). Os predicativos no plural apresentaram os maiores índices de frequência, havendo preferência pelo masculino (44% nos anos 1980 e 60% nos anos 2000). Existe uma queda do masculino singular (26% nos anos 1980 e 15% nos anos 2000), apresentando um aumento pouco significativo do feminino singular (4% nos anos 1980 e 5% nos anos 2000), o que pode derivar, segundo a autora, do caráter [+definido] do pronome *nós* que leva mais frequentemente o predicativo para o plural por possuir o conceito de “mais de um”, pressupondo “eu+alguém”, inerente à sua estrutura conceptual.

Assim, segundo Vianna (2006), a análise do comportamento da comunidade pode estar representando um novo estágio de gramaticalização de *a gente*. Com a generalização do masculino, a expressão perde sua subespecificação semântica para o gênero [α FEM], o que significa a perda da função pragmático-discursiva do predicativo.

Em sua tese de doutorado, Vianna (2011), contrapôs seus resultados obtidos a partir da fala e da escrita do PB com os resultados da fala e escrita do Português Europeu, doravante PE. A sua amostra se baseia no Projeto “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias”. As amostras do PB utilizadas fazem parte do Estado do Rio de Janeiro: o bairro de Copacabana e o município de Nova Iguaçu. As três amostras do PE são provenientes de duas regiões de Portugal: a freguesia de Oeiras e a freguesia de Cacém, ambas em Lisboa, e Ilha da Madeira, na cidade do Funchal.

Apresentaremos, aqui, um resumo simplificado da amostra, pois em nossa pesquisa, tomaremos como base a pesquisa da dissertação de 2006, por se tratar, também, de um estudo de tendência, analisando amostras da década de 1980 e 2000.

A Amostra PE, de Vianna (2011) se mostrou diferente do comportamento encontrado em 2006. Os portugueses apresentaram uma maior frequência de *nós* (91%, 139/152), possuindo apenas 9% (13/152) de frequência de *a gente*.

Em relação às estratégias de concordância, foi evidenciado um maior número de masculino singular para as duas formas pronominais, 93% (129/139) para *nós* e 46% (6/13) para *a gente*. É interessante observar também, que a forma inovadora não apresentou nenhum índice de concordância com o feminino singular. Os casos de feminino plural foram produzidos por informantes do gênero feminino. Para a autora essa alta frequência com estruturas no plural se justificam pelo fato de que, assim como os pronomes autênticos, o *a gente*, em PE, apresenta uma correlação entre o traço semântico e o traço formal de número. Assim, “uma vez que o *a gente* pronominal encerra em si um significado plural ao designar o falante+alguém, a concordância no predicativo é feita também por meio de estratégias no plural” (VIANNA, 2011, p. 155). Para ela, esse comportamento ajuda, diferente do que ocorre no PB, na maior diferenciação entre o *a gente* pronominal e o *gente* nominal. Desse modo, a forma gramaticalizada assume um comportamento diferenciado para que seja possível acabar com a ambiguidade interpretativa entre as duas formas.

1.5 QUESTÕES

Com base no estudo de Vianna (2006) e nos padrões indicados pelas demais pesquisas sociolinguísticas, analisaremos o comportamento da expressão pronominalizada *a gente*, em relação ao pronome padrão *nós*, em estruturas predicativas extraídas de amostras das décadas de 1990 e 2010 da fala de Florianópolis. Para tanto, serão investigadas as seguintes questões:

- a) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o comportamento da concordância de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente* e com o pronome *nós*?
- b) O uso da forma *a gente* aumentou entre as décadas de 1990 e 2010, representando um estágio de mudança em progresso?
- c) É possível dizer que o uso de *a gente* com o masculino-singular para referências definidas e indefinidas representa uma nova posição na gramaticalização dessa forma?

1.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos as principais teorias que embasam nossa pesquisa. Em primeiro lugar descrevemos a Teoria de Variação e Mudança (WLH, (2006 [1968]), em que os autores consideram a língua como um sistema linguístico heterogêneo e ordenado, regido por regras de cunho linguístico e social. Dentro disso, consideramos os seguintes problemas relacionados à mudança linguística: o problema do encaixamento, que procura entender como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e social; o problema da transição, que busca entender como as mudanças passam de um estágio para outro; e o problema da implementação, que tenta encontrar os fatores aos quais a implementação da mudança está atribuída.

Além da TVM, nos ancoraremos nos preceitos de Hopper (1991) e Heine (2003) para entender os estágios de gramaticalização por meio dos quais a forma *a gente* perpassa. Gramaticalização se trata da transformação de vocábulos lexicais em vocábulos gramaticais, ou vocábulos gramaticais em vocábulos ainda mais gramaticais. Durante esse processo existem mecanismos que o influenciam: estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização (HOPPER, 1991); dessemantização, extensão, decategorização, erosão (HEINE, 2003).

Consideramos também a teoria de traços proposta por Rooryck (1994), discutida por Lopes (1999; 2003; 2007) e Lopes e Rumeu (2007) a fim de explicar o processo de mudança do *a gente* de nome para pronome a partir da análise da incompatibilidade de traços formais e semânticos que essa forma apresenta através do tempo.

Além da descrição dessas teorias, apresentamos, em seguida, as pesquisas sociolinguísticas que serviram de guia para a formulação de nossos objetivos, questões e hipóteses. As pesquisas foram separadas em análises diferenciadas sobre o *a gente*: alternância entre *nós* e *a gente*, concordância verbal e concordância de *a gente* em estruturas predicativas. Fechamos o capítulo com

algumas questões, levantadas a partir das discussões teóricas e das pesquisas sociolinguísticas, que servirão de guia para a descrição e a análise de nossas amostras de fala florianopolitana.

A seguir, apresentaremos a metodologia da pesquisa e a descrição dos resultados no Capítulo II.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Apresentaremos neste capítulo os métodos necessários para analisar o comportamento variável na marcação da concordância de *a gente*, em relação ao pronome padrão *nós*, em estruturas predicativas extraídas de amostras das décadas de 1990 e 2010 da fala de Florianópolis, com o intuito de responder as questões levantadas na sessão anterior. Iniciamos essa discussão, apresentando as amostras das quais são coletados os dados para nossa análise. Em seguida, será exposta a descrição da análise estatística, bem como o envelope de variação, contendo as variáveis dependentes e independentes que controlamos. Por último, será apresentada a descrição dos resultados estatísticos sobre a variação na concordância de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente*.

2.1 AMOSTRAS

Nosso *corpus* é composto por entrevistas sociolinguísticas de Florianópolis que fazem parte das Amostras do Banco Base do Núcleo VARSUL e de Floripa, pertencentes à agência de Santa Catarina. Levantamos os dados a partir das entrevistas feitas com moradores de Florianópolis das décadas de 1990 e 2010 e verificamos todas as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em construções predicativas, a fim de analisar as flexões de gênero e número nesses contextos.

O VARSUL possui amostras de fala que englobam a fala de habitantes das zonas urbanas de 12 cidades de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, mais especificamente, 4 cidades de cada estado, admitindo as seguintes Universidades: Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Embasando-se na teoria sociolinguística laboviana, o banco VARSUL constitui 288 entrevistas distribuídas entre os 3 estados citados acima, sendo divididas 24 por município.

O Banco Base foi construído no período entre 1988 e 1996, sendo a amostra de Florianópolis, utilizada em nossa pesquisa, coletada entre 1990 e 1995, estabelecendo, portando, nossa amostra da década de 1990. Os fatores sociais considerados para a realização das entrevistas que compõem essa amostra foram sexo (feminino e masculino), escolaridade (nível fundamental I – 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II – 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio – 9 a 11 anos de escolaridade) e faixa etária (de 25 a 50 anos e acima de 50 anos).

Além do Banco Base, referente à cidade de Florianópolis, utilizamos também a Amostra Monguilhott, de 2006, composto por 16 informantes dos bairros Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa,

classificados como áreas de fala rural, e Ingleses e Trindade, classificados como áreas de fala urbana. Os informantes foram categorizados em idade (15 a 33 anos e 46 a 74 anos) e escolaridade (primária e universitária); e a Amostra Floripa, que comporta 39 entrevistas coletadas em diferentes bairros florianopolitanos, entre eles: Trindade, Coqueiros, Ingleses, Costa da Lagoa, Ratoes, Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha. Para a constituição da amostra foram considerados os seguintes fatores sociais para a estratificação dos informantes: sexo (masculino e feminino), idade (menos de 37 anos e mais de 40 anos), escolaridade (ensino primário e ensino superior) e diazonalidade (mais ou menos urbano). A Amostra Floripa é constituída por entrevistas realizadas por alunos da disciplina de *Sociolinguística e Dialectologia*, da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, nos anos de 2009 e 2012.

Neste trabalho, pretendia-se trabalhar com 48 gravações de entrevistas de informantes florianopolitanos de zonas urbanas, 24 entrevistas da amostra de 1990 e 24 da amostra de 2010. Para tanto, organizamos as amostras a partir de 24 falantes do sexo feminino, entre eles, 12 até 8 anos de escolaridade e 12 com mais de 8 anos de escolaridade; e 24 falantes do sexo masculino, igualmente, 12 com até 8 anos de escolaridade e 12 com mais de 8 anos de escolaridade, formando, assim, 2 informantes por célula.

Por se tratar de um fenômeno complexo, a concordância de *a gente* em estruturas predicativas, o número de dados encontrados de ‘a gente’ em estruturas predicativas se mostrou escasso e, muitas vezes, inexistente em algumas das entrevistas analisadas. Portanto, além das entrevistas das áreas urbanas, que constituem a maior parte de nossa amostra, optamos também por utilizar entrevistas de áreas não urbanas, pois acreditamos que nosso fenômeno não varia por região – fato que poderá ser constatado em pesquisas futuras. Mesmo assim, o total de gravações válidas variou entre as décadas, como pode ser observado nas tabelas a seguir.

Quadro 1 – Estratificação dos informantes da amostra de 1990

Estratificação 1990						
	15 a 24 anos		25 a 49 anos		Acima de 50 anos	
	8 anos	+8 anos	8 anos	+8 anos	8 anos	+8 anos
Feminino (11)	2	2	2	2	2	1
Masculino (11)	2	2	2	2	2	1

Quadro 2 – Estratificação dos informantes da amostra de 2010

Estratificação 2010						
	15 a 24 anos		25 a 49 anos		Acima de 50 anos	
	8 anos	+8 anos	8 anos	+8 anos	8 anos	+8 anos
Feminino (11)	2	2	1	2	2	2
Masculino (5)	0	0	2	1	1	1

Em última instância, nosso *corpus* se constituiu, então, por 22 gravações de entrevistas referentes à amostra 1990, sendo composta por 11 homens (6 com até 8 anos de escolaridade e 5 com mais de 8 anos de /escolaridade) e 11 mulheres (6 com até 8 anos de escolaridade e 5 com mais de 8 anos de escolaridade). No que concerne à amostra 2010, utilizamos 16 entrevistas sendo elas divididas entre 5 homens (3 com até 8 anos de escolaridade e 2 com mais de 8 anos de escolaridade) e 11 mulheres (5 com até 8 anos de escolaridade e 6 com mais de 8 anos de escolaridade). Em seguida, apresentamos a tabela¹² de estratificação final dos informantes, indicando o número de ocorrências de *nós* e *a gente*, por indivíduo.

Quadro 3 – Categorização dos informantes da amostra de 1990 e número de dados por informantes.

Informantes 1990				
Código	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Nº de ocorrências de <i>nós</i> e <i>a gente</i>
FEM/ADUL/FUND/9	Feminino	25 a 49 anos	Até 8 anos	30
MAS/ADULT/FUND/9	Masculino	25 a 49 anos	Até 8 anos	7
FEM/ADULT/FUND/9	Feminino	25 a 49 anos	Até 8 anos	10
FEM/VEL/FUND/9	Feminino	Acima de	Até 8 anos	5

¹² Estratificação: Sexo (FEM – feminino; MAS – masculino); Faixa Etária (JOV – 15 a 24 anos; ADULT – 25 a 49; VEL – acima de 50 anos); Escolaridade (FUND – até 8 anos; SUP – acima de 8 anos); Década (9 – década de 1990; 2 – década de 2010).

		50 anos		
MAS/ADULT/FUND/9	Masculino	25 a 49 anos	Até 8 anos	7
FEM/VEL/SUP/9	Feminino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	7
MAS/VEL/FUND/9	Masculino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	3
MAS/VEL/FUND/9	Masculino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	2
FEM/ADULT/SUP/9	Feminino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	5
FEM/VEL/SUP/9	Feminino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	7
MAS/ADULT/SUP/9	Masculino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	4
MAS/ADULT/SUP/9	Masculino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	7
MAS/VEL/SUP/9	Masculino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	1
FEM/ADULT/SUP/9	Feminino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	2
FEM/JOV/SUP/9	Feminino	15 a 24 anos	Até 8 anos	18
FEM/JOV/SUP/9	Feminino	15 a 24 anos	Até 8 anos	8
MAS/JOV/SUP/9	Masculino	15 a 24 anos	Até 8 anos	5
MAS/JOV/SUP/9	Masculino	15 a 24 anos	Até 8 anos	2
FEM/JOV/SUP/9	Feminino	15 a 24 anos	Acima de 8 anos	7
FEM/JOV/SUP/9	Feminino	15 a 24 anos	Acima de 8 anos	3

MAS/JOV/SUP/9	Masculino	15 a 24 anos	Acima de 8 anos	8
MAS/JOV/SUP/9	Masculino	15 a 24 anos	Acima de 8 anos	7

Quadro 4 – Categorização dos informantes da amostra de 2010 e número de dados por informantes

Informantes 2010				
Código	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Nº de ocorrências de nós e a gente
FEM/JOV/FUND/2	Feminino	15 a 25 anos	Até 8 anos	1
FEM/JOV/FUND/2	Feminino	15 a 25 anos	Até 8 anos	1
FEM/ADULT/FUND/2	Feminino	25 a 49 anos	Até 8 anos	1
FEM/VEL/FUND/2	Feminino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	3
FEM/VEL/FUND/2	Feminino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	5
FEM/JOV/SUP/2	Feminino	15 a 25 anos	Acima de 8 anos	4
FEM/JOV/SUP/2	Feminino	15 a 25 anos	Acima de 8 anos	2
FEM/ADULT/SUP/2	Feminino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	8
FEM/ADULT/SUP/2	Feminino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	3
FEM/VEL/SUP/2	Feminino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	2
FEM/VEL/SUP/2	Feminino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	1

MAS/ADULT/FUND/2	Masculino	25 a 49 anos	Até 8 anos	1
MAS/ADULT/FUND/2	Masculino	25 a 49 anos	Até 8 anos	5
MAS/VEL/FUND/2	Masculino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	8
MAS/ADULT/SUP/2	Masculino	25 a 49 anos	Acima de 8 anos	1
MAS/VEL/SUP/2	Masculino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	1

2.2 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Objetivamos apresentar nesta seção a variável dependente, bem como as variáveis independentes - grupo de fatores condicionadores linguísticos e extralinguísticos -, de modo que, a partir da análise desses grupos e da natureza de nosso objeto de estudo, possamos identificar os parâmetros fundamentais para a constituição da categorização e análise dos dados encontrados.

2.2.1 Variável dependente

A variável dependente investigada neste trabalho é complexa e está relacionada à alternância entre estruturas predicativas com a forma inovadora *a gente* e estruturas predicativas com o pronome padrão *nós*, em posição de sujeito. Essa complexidade, comum no processo de gramaticalização, vem da não correlação entre os traços semânticos e formais do *a gente* pronominal, que, embora seja expresso formalmente no singular, possui significado plural, o qual, assim como o *nós*, pode englobar diversas possibilidades de referência (eu+tu/você, eu+ele/ela, eu+vocês, eu+eles/elas, eu+todos e eu genérico). Desse modo, para compreender tal variável, é preciso analisá-la não apenas a partir da sua correlação com alternância das formas pronominais, mas também a partir de sua dependência com as concordâncias de gênero e número expostas nos elementos predicativos. Assim, as variáveis ficaram definidas da seguinte maneira:

(i) ***A gente* em posição de sujeito em estruturas predicativas**

Exemplo: *A gente* está/estamos cansado/a(s).

(ii) ***Nós* em posição de sujeito em estruturas predicativas**

Exemplo: *Nós* estamos cansado/a(s).

2.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são fatores linguísticos e sociais que podem favorecer ou desfavorecer o uso de uma ou outra variante. As variáveis escolhidas nesta pesquisa foram baseadas em estudos precedentes sobre esse objeto de Omena (1998; 2003), Lopes (2003), Vianna (2003; 2006) Callou e Lopes (2004), Zilles (2006), entre outros.

2.2.2.1 Variáveis linguísticas

1) Extensão semântica do referente

Para Omena (2003), o traço de indeterminação proveniente da forma nominal da expressão *a gente* se conservou durante o processo de gramaticalização e, a forma, pronominalizada, passou a ocupar contextos de referência indeterminada da primeira pessoa do plural, de modo que, a partir do momento em que vai se estabelecendo como pronome, vai perdendo seu caráter nominal e assumindo, também, contextos de determinação.

Com isso, o controle desta variável tem como objetivo investigar qual contexto de referência é mais propício para o uso de cada forma pronominal.

Vianna (2006) julga os casos de referente genérico ou abstrato como referência a grupos indeterminados, em que o enunciado atribui à forma inovadora ou à forma conservadora um caráter indeterminador. Por outro lado, os demais tipos de referentes são considerados determinados ou específicos por apresentarem um tipo de referência mais restrita.

Com base nessas considerações, nossa expectativa é de que haja maior emprego da expressão pronominalizada *a gente* para referências indeterminadas, o que simbolizaria resquícios do caráter nominal da expressão, cf. o Princípio da Persistência de Hopper (1991). Deve-se levar em conta, porém, que podemos encontrar contextos de determinação devido a sua pessoalização no PB, como atestado em Seara (2000), Omena (2003) e Borges (2004). Em relação ao *nós*, em contraponto com *a gente*, esperamos que a referência específica seja mais predominante por conta de seu traço pronominal.

Assim, a seguir selecionamos os possíveis contextos de referência que serão, no decorrer da análise, amalgamados e inter cruzados com outras variáveis.

a) Referência indefinida

Referente genérico: se trata de um enunciado que se refere a uma categoria generalizada, aludindo a um grupo indeterminado de pessoas.

(9) No caso, no meu bairro, como eu te falei, **a gente tá muito exposto** a isso. (MAS/JOV/SUP/9)

b) Referência definida

Referente misto: quando a referência é feita a um grupo específico, englobando homens e mulheres e sendo depreendida apenas dentro do contexto discursivo.

(10) E nessa época de férias onde **a gente passava mais tempo junto**. (FEM/ADUL/FUND/9)

Referente exclusivamente mulheres: referência feita a um grupo composto exclusivamente por mulheres. Neste caso, este tipo de referente somente é realizado quando o locutor é do sexo feminino.

(11) **A gente foi muito bem tratada** lá naquele hospital, muito mesmo. (FEM/ADULT/FUND/9)

Referente exclusivamente homens: quando a referência é atribuída apenas a pessoas do sexo masculino, de modo que, necessariamente, os informantes são homens.

(12) Quando **a gente era pequeno** ficava esperando assim. (MAS/JOV/SUP/9)

2) Concordância de gênero e número com as formas pronominais em estruturas predicativas

A análise da forma pronominal em contextos de construções predicativas serve de instrumento para atestar a hipótese, já discutida em Vianna (2006), de que o masculino-singular, por ser uma forma neutra e não marcada, quando combinado com *nós* e *a gente*, tem se generalizado como *default*, principalmente em casos nos quais a referência é genérica, ou seja, quando o referente é inespecífico. Assim, seguindo os padrões de concordância presentes em outras pesquisas

(Lopes, 1993, 1999; Costa *et al*, 2000, Pereira, 2003), trabalharemos com a possibilidade de quatro padrões de concordância com as formas *nós* e *a gente*.

a) Concordância com adjetivos/particípios no feminino-singular.

Ex: **A gente** está cansada. / **Nós** estamos cansada.

b) Concordância com adjetivos/particípios no masculino-singular.

Ex: **A gente** está cansado. / **Nós** estamos cansado.

c) Concordância com adjetivos/particípios no feminino-plural.

Ex: **A gente** está cansadas. / **Nós** estamos cansadas.

d) Concordância com adjetivos/particípios no masculino-plural.

Ex: **A gente** está cansados. / **Nós** estamos cansados.

Visto isso, consideraremos as seguintes hipóteses levantadas por Vianna (2006): (i) a concordância com masculino é categórica quando o referente é exclusivamente homens e muito produtiva quando é misto ou genérico; (ii) quando o referente é exclusivamente mulheres, a combinação se dá com itens no feminino; (iii) com ambos os sexos é prevalecido o uso do *a gente* com o masculino singular; (iv) o masculino singular favorece o uso do *a gente* e o masculino plural favorece o uso do *nós* entre homens e mulheres; (v) estruturas flexionadas no singular tendem a combinar-se mais com o *a gente* e no plural com o *nós*.

3) Concordância verbal com as formas pronominais em estruturas predicativas

Segundo Zilles (2006), embora a concordância verbal, em termos de desinência número-pessoal, seja considerada uma regra categórica nas variedades padrão do PB, ela é considerada uma regra variável, como a variação em P4 (*canta~cantamos*) e em P5 (*canta~cantam*) nos dialetos populares de grandes centros urbanos (ZILLES *apud* GUY, 1981; RODRIGUES, 1982).

Entre os falantes “cultos”, Lopes (1999) encontrou apenas duas estratégias de concordância com as formas *nós* e *a gente*, consideradas padrões, como em “*Nós íamos* assistir um filme” e “*A gente se esquecia* que tinha muito o que fazer” (Lopes, 1999, p. 9). Já Vianna (2006), analisando o comportamento de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas na fala carioca, encontrou cinco

possibilidades de combinações: *nós* + P3, *nós* + P4, *a gente* + P3, *a gente* + P4 e *a gente* + P6¹³. A autora, bem como, anteriormente, Borges (2004), justifica a possibilidade de concordância de *a gente* com verbos flexionados na primeira pessoa do plural pela concordância ao referente semântico, pois ao expressar eu + alguém, evidencia um plural associativo. Isso pode estar relacionado ao Princípio da Decategorização (Hopper, 1991) que admite que as formas gramaticalizadas tendem a assumir as características da classe destino por conta da mudança categorial.

Portanto, nossa expectativa é a de que, por preservar os traços formais de substantivo singular, a forma inovadora *a gente* faça maior concordância com os predicativos com verbos em P3 (terceira pessoa do singular), embora exista um número considerável de concordância com verbos em P4 (*a gente somos felizes*). Isso pode ocorrer por conta da incompatibilidade de traços semântico-formais da expressão inovadora, podendo, talvez, a referência semântica de *plural* ser espelhada na flexão verbal. O pronome *nós*, por sua vez, deve apresentar maior frequência de concordância canônica, com verbos em P4 (primeira pessoa do plural).

a) Concordância de *a gente* com verbos em P3.

Ex: **A gente está** cansada.

b) Concordância de *a gente* com verbos em P4.

Ex: **A gente estamos** cansadas.

c) Concordância de *nós* com verbos em P3.

Ex: **Nós está** cansada.

d) Concordância de *a gente* com verbos em P4.

Ex: **Nós estamos** cansadas.

4) Preenchimento do sujeito em estruturas predicativas

Objetivamos analisar na fala dos florianopolitanos se *nós* e *a gente* estão sendo utilizados de forma preenchida ou nula na função de sujeito.

Segundo Duarte (1993), existe uma relação direta entre a riqueza flexional dos paradigmas verbais e a possibilidade de omitir o sujeito em sentenças finitas. Para a autora, o PB parece estar evoluindo de uma marcação flexional positiva para uma negativa no parâmetro *pro-drop*, o que

¹³ Segundo a autora, “A título de exemplificação, são casos da concordância com formas verbais na 3ª pessoa do plural, em exemplos como “*a gente ficam bem vestidas*”, “*a gente viveriam mais realizadas*” (VIANNA, 2006, p. 178).

resulta numa redução dos paradigmas flexionais. Assim, a gramaticalização de *a gente* e *você*, e suas inclusões no paradigma pronominal, contribuem para a simplificação do paradigma flexional do PB, pois suas concordâncias padrões são com verbos na terceira pessoa do singular como em “*a gente é feliz*” e “*você está caminhando*”. Os pronomes padrões, *nós* e *tu*, por sua vez, costumam vir acompanhados com verbos na primeira pessoa do plural e na segunda pessoa do singular, respectivamente.

Ao escolher esta variável, nossa expectativa é a de que não aparecendo o pronome padrão *nós* ou a forma pronominalizada *a gente*, o verbo apresentará a desinência *-mos*, pois, neste caso, cabe às desinências verbais indicarem de que forma o falante se refere ao ouvinte, uma vez que o pronome se encontra elíptico. Como o verbo que acompanha a expressão *a gente*, na maioria dos casos, é de terceira pessoa do singular e, portanto, não possui flexão, na falta do sujeito, a referencialidade se tornaria ambígua. Portanto, esperamos que exista uma oposição entre sujeito explícito vs. sujeito não explícito, pois a presença do pronome sujeito bastará como referência e, quando não explícito, será necessário reconhecê-lo através da flexão verbal.

a) Pronome explícito imediatamente antes do verbo

Ex: **A gente** está cansada.

Nós estamos cansados.

b) Sem pronome explícito

Ex: \emptyset estamos cansadas.

2.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

(1) Grau de escolarização

Votre (2015) afirma que a variável referente à escolaridade do informante possui correlação com os mecanismos de promoção ou resistência à mudança linguística. O vínculo da escola com a literatura cânone nacional, bem como com as gramáticas e manuais didáticos, acaba por influenciar nas normas e nos padrões estéticos em confronto com a “conformidade” da fala e escrita. Por isso, essa variável é considerada como preservadora das formas de prestígio em relação às mudanças em curso nas comunidades.

Considerando isso, objetivamos verificar de que modo a maior ou menor escolarização do falante é um fator que contribui para o emprego da expressão *a gente* em estruturas predicativas. Temos como hipótese que, embora o *a gente* seja uma forma socialmente “aceita”, existirá um

maior emprego da forma padrão *nós* quando o grau de escolarização for mais alto. Acredita-se que, por conta de seu caráter normativo, a escola “prescreve” o *nós* como único pronome pessoal de primeira pessoa do plural, ignorando ou classificando o *a gente* como forma de tratamento em linguagem informal. Lopes (1999) encontrou, entre os falantes ditos “cultos”, um maior uso de *nós* sujeito nulo com verbos flexionados na primeira pessoa do plural. Os resultados de Omena (1998) afirmam que os falantes mais escolarizados, mesmo quando não estão mais em contato com a escola, tendem a usar a variante padrão *nós*. Vianna (2006) também constatou a preferência pelo uso da forma padrão *nós*, principalmente no nível mais alto e mais baixo de escolaridade (5ª série do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio). É importante ressaltar, porém, que Seara (2000) encontrou o uso de *a gente* sendo mais favorecida na faixa etária colegial do que no primário, o que pode significar que o grau de escolarização pode estar influenciando na escolha da variante inovadora em Florianópolis.

Espera-se também que informantes de maior grau de escolarização utilizem arbitrariamente as flexões de gênero, com alto índice de emprego de formas singulares em concordância com *a gente*, e formas no plural com *nós*. Esperamos encontrar uma tendência em evitar o uso da forma *a gente*, instaurando ao pronome *nós* uma identidade neutra e distanciada.

- a) Até 8 anos de escolaridade
- b) Acima de 8 anos de escolaridade

(2) Sexo

Com essa variável, objetivamos investigar se o sexo masculino ou feminino está influenciando no uso da forma inovadora, a partir da análise de seu emprego em estruturas predicativas.

Labov (2001) afirma que para entender a influência da variável sexo na mudança linguística, é preciso considerar o valor social que a variante inovadora possui, afinal ela pode se tratar de uma forma prestigiada ou estigmatizada socialmente. As mulheres tendem a assumir a liderança no processo de mudança quando a variante inovadora em jogo é socialmente prestigiada e, quando a variante é desprestigiada, elas tendem a assumir uma postura conservadora.

Paiva (2015) afirma que nem sempre existe a polarização entre forma prestigiada e não prestigiada e cita que, quando se trata da alternância de *nós* e *a gente*, segundo a pesquisa de Omena (1996), o uso do pronome *nós*, variante mais conservadora, se mostra mais frequente entre os

homens. As mulheres lideram o uso da variante inovadora *a gente*, sendo responsáveis pela implementação da forma nova no curso da mudança linguística.

Considerando os resultados de Vianna (2006), a partir das amostras de fala dos anos de 1980 e 2000, nos últimos vinte anos, as mulheres evidenciaram um aumento no uso de *a gente* pronominal em estruturas predicativas. Deste modo, nossas hipóteses em relação ao gênero são: (i) as mulheres apresentarão uma frequência maior de uso da variante inovadora *a gente*; (ii) os homens mostrarão um maior uso da flexão de masculino-singular concordando com a forma pronominal *a gente* nas estruturas predicativas, distanciando-se da flexão de gênero padrão do sintagma nominal *gente*; (iii) as mulheres também apresentarão um número significativo de uso do masculino-singular, utilizando-a como referência e/ou mista.

- a) Feminino
- b) Masculino

(3) Faixa etária

De acordo com Naro (2015) os falantes mais jovens lideram o uso das formas inovadoras, ao passo que os mais velhos tendem a preferir as formas mais antigas, o que não interfere na comunicação entre as pessoas e reflete a tendência em direção a uma outra forma linguística, de modo que, com o passar do tempo, gradualmente, a nova forma é utilizada por todos os falantes.

Nossa expectativa é de, ao analisar os resultados das amostras de 1990 e 2010, comparando a fala dos jovens e dos mais velhos, identificar se a inserção do *a gente* no quadro pronominal do PB está em processo de mudança em tempo aparente (cf. OMENA, 1998; 2003; SEARA, 2000). Assim, nos embasamos na hipótese laboviana clássica de que os mais velhos preferem as variantes mais antigas, ou seja, mais conservadoras, e os mais jovens, optam pelas variantes inovadoras.

Estipulamos três níveis de faixas etárias que podem ser observados abaixo:

- a) 15 a 24 anos
- b) 25 a 49 anos
- c) Acima de 50 anos

(4) Década

Observando os resultados dos estudos de tendência de Omena (2003), em termos de porcentagem geral, existe uma predominância de uso da variante *a gente* em confronto com o pronome *nós* na função de sujeito. Tais resultados também indicam um aumento de uso da variante inovadora dentro de vinte anos (78% na Amostra 80 e 79% na Amostra 00), o que, para a autora, pode indicar uma estabilidade no fenômeno variável, resultante de uma mudança linguística que está em processo de implementação. Assim, com base nesses resultados, esperamos encontrar um aumento pouco significativo do uso de *a gente* em posição de sujeito, assim como mostraram outras pesquisas já elaboradas (CALLOU; LOPES, 2004; VIANNA, 2006).

Pretendemos, também, investigar a generalização do masculino em relação ao comportamento da comunidade, pois, ao analisar a fala das mulheres cariocas (por apresentarem concordância em ambos os gêneros), Vianna (2006) atesta um novo estágio de gramaticalização da expressão *a gente*, o que pode significar a perda da subespecificação semântica da marcação de gênero masculino nos predicados.

Assim, levaremos em conta nossas amostras referentes às duas décadas escolhidas com um intervalo de vinte anos entre si:

- a) Amostra dos anos 1990
- b) Amostra dos anos 2010

2.3 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Para a análise estatística, utilizando o programa Goldvarb¹⁴, realizamos as seguintes etapas:

1. Categorizamos os dados de acordo com a estratificação da amostra e com a seleção das variáveis apresentadas na seção 2.2. É importante ressaltar que classificamos as sentenças de acordo com a variável dependente, desse modo, separamos aquelas que apresentavam *a gente* como sujeito em estruturas predicativas e aquelas que apresentavam *nós* como sujeito em estruturas predicativas. Então, na primeira rodada estatística, analisamos os dados totais a fim de confrontar os usos gerais de cada forma pronominal e suas frequências em cada década.

¹⁴ Goldvarb é uma versão para *Windows* do pacote de programas VarbRul (*Variable Rules Analysis*), que ‘é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente, estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística’ (GUY e ZILLES, 2007, 105).

2. Na segunda etapa, separamos os dados em grupos a partir do pronome e da década: Grupo 1 (*a gente* – 1990), Grupo 2 (*nós* – 1990), Grupo 3 (*a gente* – 2010) e Grupo 4 (*nós* – 2010). O objetivo foi identificar o comportamento individual de cada forma pronominal em cada década quanto aos condicionadores linguísticos e extralinguísticos. A partir disso, foi possível observar de forma mais específica e comparar o pronome padrão e o pronome inovador de forma mais precisa de acordo com os seus resultados individuais.

É relevante relembrar que não foram selecionados pesos relativos para a descrição e análise dos resultados, pois os dados de *nós* e *a gente* em estrutura predicativa foram escassos nas amostras analisadas.

2.4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados alcançados a partir da aplicação da metodologia delineada nas seções anteriores serão aqui descritos. Embasaremos-nos nas discussões teóricas e nas respostas obtidas por outras pesquisas apresentadas previamente neste estudo, com o intuito de discutir a inserção da forma *a gente* no sistema pronominal da língua portuguesa, correlacionando suas mudanças com os traços morfológicos e semânticos, e avaliando seus efeitos na funcionalidade da forma inovadora em duas sincronias, nas décadas de 1990 e 2010.

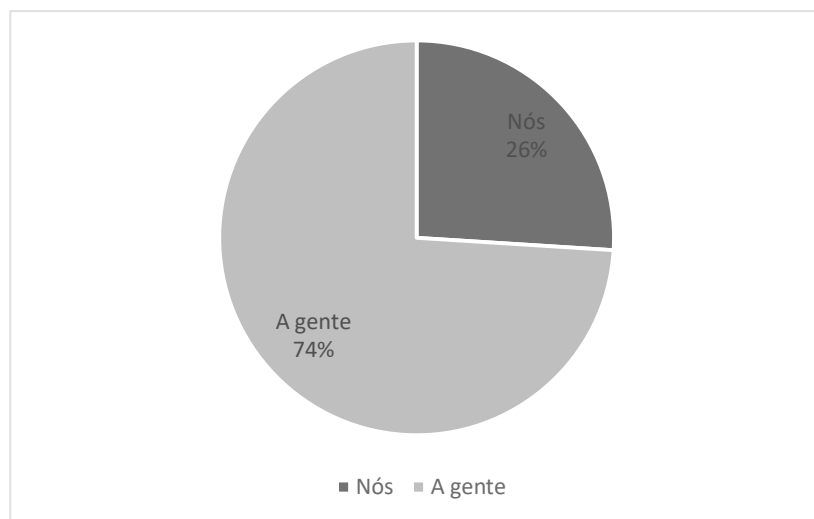
Será apresentado, na seguinte seção, um panorama dos resultados gerais da variação do uso de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas, bem como os resultados para os condicionadores linguísticos e extralinguísticos expostos nas seções de Metodologia. Assim, apresentaremos os resultados referentes à concordância de gênero e número com as formas pronominais em estrutura predicativa, extensão semântica do referente, concordância verbal com as formas pronominais em estrutura predicativa, preenchimento do sujeito, grau de escolarização, sexo e faixa etária. A variável extralinguística década estará constantemente sendo cruzada com as demais variáveis controladas, a fim de identificar se existe mudança no fenômeno em questão e qual condicionador está atuando nesse processo.

2.3.1 A concordância de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas

Como apresentado na seção sobre a amostra escolhida, trabalhamos com um *corpus* que faz parte do banco de dados do Projeto VARSUL e que é composto por duas amostras de entrevistas feitas com moradores de áreas urbanas e não urbanas de Florianópolis nas décadas de 1990 e 2010.

Os dados obtidos através da análise de tais entrevistas totalizam em 202 ocorrências de estruturas predicativas com *nós* e *a gente*, sendo 26% (53 dados) com *nós* e 74% (149 dados) com *a gente*. Tais números podem ser ilustrados no gráfico a seguir:

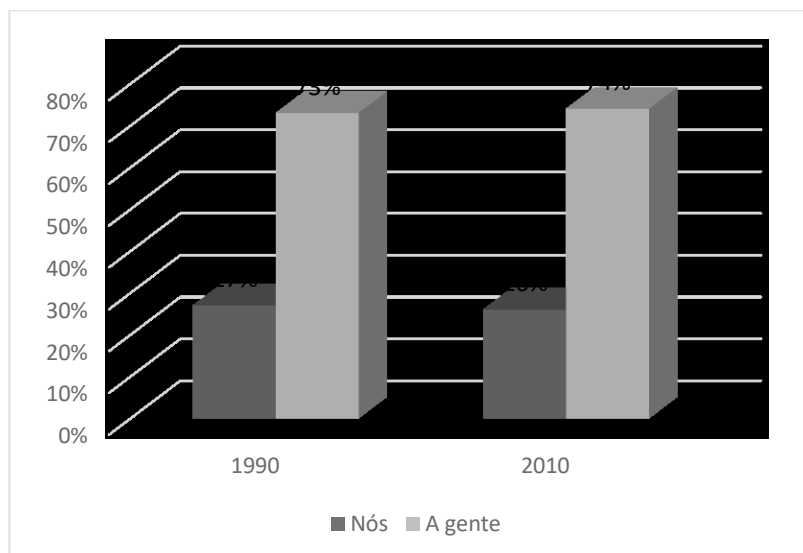
Gráfico 6 – Porcentagem geral do uso de *nós* e *a gente* em duas amostras do Varsul



É importante ressaltar que o fenômeno escolhido se mostra, muitas vezes, escasso e depende de como o entrevistador conduz a conversa, afinal o tema abordado e a relação entre informante/entrevistador influenciam nas escolhas lexicais/discursivas do informante. Considerando isso, encontramos algumas lacunas de ocorrências entre os entrevistados, pois muitos não apresentaram nenhum dado, ou o próprio banco de dados não possuía entrevistas que preenchessem determinadas células.

Foram encontrados, na primeira amostra, constituída por dados de fala de 1990, 155 dados: 41 (27%) com o pronome *nós*, e 114 (73%) com *a gente*. No que se refere à amostra de 2010, foram obtidos apenas 47 dados: 12 (26%) com o pronome *nós* e 35 (74%) com *a gente*. Tais resultados indicam uma certa estabilidade na substituição do pronome padrão pela forma inovadora, pois, em um espaço de 20 anos, o aumento do uso de *a gente* foi de apenas 1. Vale lembrar que os resultados encontrados aqui foram apenas em contexto de sujeito em sentenças predicativas, portanto em uma análise de uso mais amplo dos pronomes de primeira pessoa do plural, os resultados podem ser diferentes, embora os nossos resultados sigam os passos de outras pesquisas sobre o tema, como pode ser visto a seguir.

Gráfico 7 – Confronto entre os usos de *nós* e *a gente* entre as décadas de 1990 e 2010



Os resultados apresentados no Gráfico 7 não corroboram os resultados de Callou e Lopes (2004). As autoras atestam uma certa estabilidade na substituição de *nós* por *a gente* dentro de um espaço de tempo de 20 anos entre falantes “cultos e não cultos”. Na amostra NURC-RJ, que se refere ao confronto entre as décadas de 1970 e 1990 entre falantes “cultos”, o pronome padrão *nós* (58%) desbancava a forma inovadora *a gente* (42%) nos anos 70. Já a década de 1990, com informantes diferentes, apresenta um aumento no uso da forma inovadora (75%), o que para as autoras indica uma rápida aceleração na implantação da substituição de *nós* por *a gente*.

Nossos resultados se assemelham aos de Omena (2003), que se referem à fala dos informantes “não cultos” e que confrontam as décadas de 1980 e 2000, por sua vez, indicam um pequeno crescimento entre o uso de *a gente* 73% em 1980 e 79% em 2000, portanto, segundo Callou e Lopes (2004), a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas.

Omena (2003) e Callou e Lopes (2004) concluem que existe uma certa estabilidade na implantação da forma inovadora *a gente*, e que existe uma mudança em andamento que é influenciada pela escolaridade e, principalmente, pela faixa etária dos informantes. Assim, com o intuito de descobrir o que está influenciando nas escolhas dos falantes florianopolitanos, nas Seções 2.3.1.5 e 2.3.1.7, analisaremos nossos resultados em relação à escolaridade e à faixa etária dos informantes.

2.3.1.1 Concordância de gênero e número com as formas pronominais

As pesquisas de Lopes (1999), e Vianna (2006) mostraram a inserção do *a gente* no sistema pronominal do PB a partir da marcação de gênero dos adjetivos e participios em estruturas

predicativas. Conforme as autoras, o *a gente* passou a fazer concordância nominal com adjetivos e participios no masculino e/ou feminino com relação direta ao gênero do referente. Ou seja, constatou-se que a especificação de gênero formal do, agora, pronome passou de [+fem] para [øfem], o traço de gênero formal do substantivo coletivo de *gente* se perdeu durante o processo de gramaticalização. Além disso, a forma gramaticalizada passou a ser semanticamente subespecificada, estabelecendo um vínculo com o traço formal dos predicativos.

Analisando falantes cultos cariocas, Lopes (1999) controlou os pronomes *nós* e *a gente* em estruturas predicativas e verificou que, entre esses falantes, existe apenas dois padrões de concordância de *a gente*: masculino singular e/ou feminino singular, restringindo a concordância plural apenas ao pronome padrão *nós*. Vianna (2006) analisou a fala carioca e, por sua vez, encontrou quatro estratégias de concordância tanto para o *a gente* quanto para o *nós*: feminino singular, feminino plural, masculino singular e masculino plural.

Encontramos, em nossos, dados três estratégias de combinação de *a gente* em estruturas predicativas, seguindo Vianna (2006):

i) A gente + Feminino Singular

(13) *A gente se sente que é obrigada a ir.* (FEM/VEL/FUND/9)

ii) A gente + Masculino Singular

(14) *Muitas vezes a gente é confundido com turista.* (FEM/ADULT/SUP/9)

iii) A gente + Masculino Plural

(15) *A gente trabalha juntos.* (FEM/ADULT/SUP/2)

Com o pronome *nós* obtivemos as quatro estratégias de concordância nominal esperadas:

(i) Nós + Feminino Singular

(16) *Nós já somos muito velha.* (FEM/JOV/FUND/9)

(ii) Nós + Feminino Plural

(17) *Nós crescemos juntas, né?* (FEM/JOB/SUP/9)

(iii) Nós + Masculino Singular

(18) *Nós somos só católico.* (MAS/JOV/SUP/9)

(iv) Nós + Masculino Plural

(19) *Se nós fossemos honestos [...].* (FEM/VEL/SUP/9)

Em seguida, apresentamos a frequência de cada marcação de gênero e número dos pronomes *nós* e *a gente* para cada amostra.

Gráfico 8 – Estratégias de concordância de gênero e número com *a gente* entre 1990 e 2010

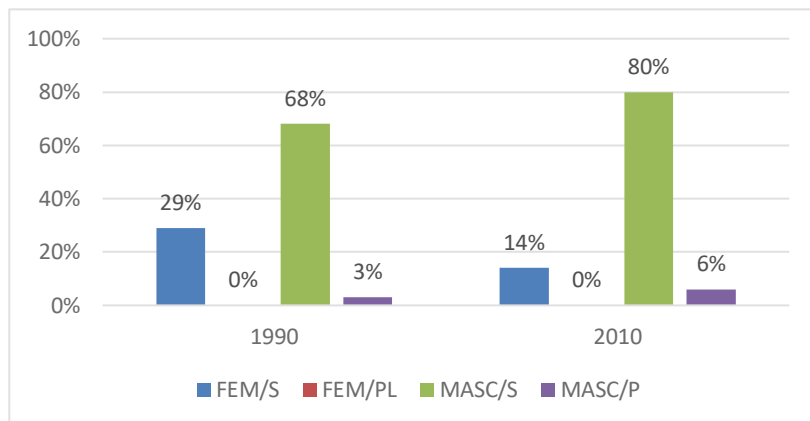
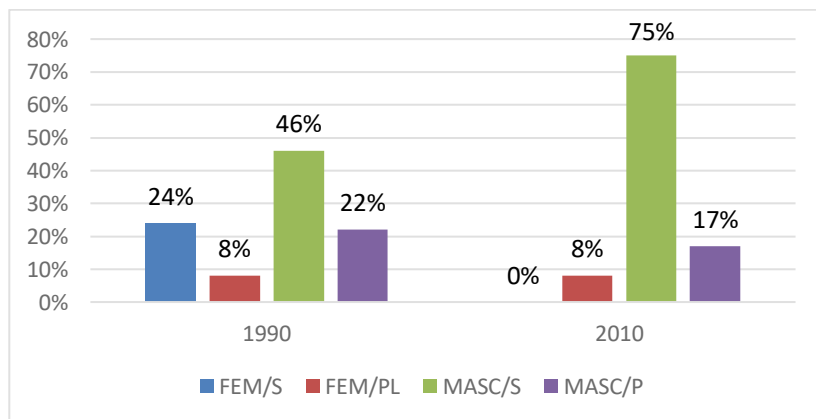


Gráfico 9 – Estratégias de concordância de gênero e número com o pronome *nós* entre 1990 e 2010



Nossos resultados seguem os de Vianna (2006). Observamos que, entre as duas décadas, a concordância com feminino plural se mostra categoricamente inexistente, indicando esta marcação como um fator que poderia servir como restrição para o encaixamento do *a gente* no quadro pronominal brasileiro, provavelmente por sua oposição à marcação oriunda do substantivo coletivo *gente*, feminino singular. Por outro lado, a marcação de masculino plural aumentou de uma década para a outra, passando de 3% (3/114) para 6% (2/35), pouco mais do que encontrado na fala carioca, o que pode indicar um leve aumento do caráter específico da forma inovadora, atribuindo maior

força na relação de subespecificação do traço semântico com o traço formal do masculino plural em comparação com o feminino plural.

Ainda sobre o *a gente*, assim como o esperado, as estruturas flexionadas no singular parecem ser favorecedoras deste pronome, embora, assim como entre os falantes cariocas, a marcação de feminino plural tenha diminuído entre uma década e outra, 29% (33/114) para 14% (5/35). Em relação ao masculino singular, encontramos um aumento, dentro de 20 anos, passou de 68% (78/114) para 80% (28/35). Vianna (2006) afirma que a forma *a gente* pode estar percorrendo novo estágio de gramaticalização, em que, na combinação com adjetivos e participios em estruturas predicativas, é possível observar a perda do caráter referencial das estruturas com as quais o pronome concorda, evidenciando, aí, a subespecificação semântica de gênero do *a gente*.

Nossos resultados seguem as análises das amostras de fala e dos testes de avaliação subjetiva de Vianna (2006), que apontam resultados próximos aos de Lopes (1999), apresentando dados escassos de concordância plural. Para Vianna (2006), a *persistência semântica* é o motivador da maior produtividade da concordância singular, herdada do nome *gente*.

Em relação ao pronome *nós*, constatamos, também como o esperado, uma maior combinação com formas no plural em comparação com o *a gente*, embora, diferentemente de Vianna (2006), tenhamos constatado um aumento significativo da marcação de masculino singular entre uma década e outra, 46% (19/41) em 1990 para 75% (9/12) em 2010.

(20) *Nós somos guerreiro.* (MASC/ADULT/FUND/2)

(21) *Quando nós fomo festeiro da Festa da Laranja.* (FEM/VEL/FUND/2)

(22) *Nós fomo, toda vida assim, criado pobre.* (FEM/ADULT/FUND/9)

(23) *Depois nós ficamo melhorzinho.* (FEM/JOV/FUND/2)

É possível que essa preferência pela combinação de *nós* com estruturas no masculino singular possa estar sendo influenciada pela implementação do *a gente* no sistema pronominal português, que, formalmente, é uma estrutura singular. Zilles *et al* (2000) justificam o desaparecimento da flexão DNP-P4 nos verbos como um resultado da preferência dos falantes pelo *a gente* como referência à primeira pessoa do plural. Assim, inferimos que a queda da desinência de P4 ou a marcação não padrão, com a queda do -s final dos verbos, pode estar influenciando, também, na marcação de número nas estruturas predicativas.

Na próxima subseção, pretendemos analisar a influência do referente nas escolhas para as marcações de gênero e número nos predicativos.

2.3.1.2 Extensão semântica do referente

Como já dito anteriormente, durante o processo de gramaticalização, o *a gente* passou por estágios de nome para pronome indefinido até chegar a pronome pessoal. Durante o decorrer desse processo, existe uma gradação de pessoalização (BORGES, 2004), em que o *a gente*, aos poucos, vai fortalecendo seu caráter mais específico como o dos pronomes autênticos.

Trabalhos como os de Omena (1986), Lopes (1999), Omena (2003) e Borges (2004) corroboram essas informações, mostrando que a indeterminação do sujeito está influenciando a escolha de *a gente*, ao passo que o pronome *nós* é mais utilizado em contextos de referência determinada. No entanto, durante o processo de gramaticalização, o *a gente* parece estar assumindo um caráter mais referencial/específico (SEARA, 2000, ZILLES, 2002, OMENA, 2003) sendo associado a referentes determinados por conta de sua pessoalização (cf. BORGES, 2004).

Com isso, consideramos que, de acordo com o Princípio da Persistência de Hopper, o *a gente* possui uma relação intrínseca com contextos de referência indeterminada, decorrentes do caráter nominal procedente de sua expressão de origem. Assim, esperamos que, embora surjam maiores ocorrências de referência indeterminada para *a gente*, ele ainda aparecerá em contextos específicos por conta do processo de gramaticalização/pessoalização por qual passa. Portanto, a relação do referente do *a gente* com a marcação de gênero e número nos predicativos é importante para depreender como as estratégias de concordância influenciam na determinação e indeterminação, bem como na gramaticalização do pronome.

A seguir, apresentamos as tabelas que indicam a frequência de marcações de gênero e número em relação aos contextos de referência de *nós* e *a gente* em 1990:

Tabela 11 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do referente na década de 1990

Concordância de gênero e número em função Referente - 1990								
Referente	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Mulheres	10/15 67%	30/36 83%	2/15 13%	6/36 17%	3/15 20%	0	0	0
Homens	0	0	5/5 100%	17/17 100%	0	0	0	0
Misto	0	1/49 2%	12/19 63%	45/49 92%	0	0	7/19 37%	3/49 6%
Genérico	0	2/12 17%	0	10/12 83%	0	0	2/2 100%	0
Total	10/41 24%	33/114 29%	19/41 46%	78/114 68%	3/41 7%	0/114 0%	9/41 22%	3/114 3%

Os resultados equivalentes à década de 1990 apontam uma preferência da comunidade pelo masculino singular com *nós* e *a gente*. Esse tipo de concordância é categórico quando o referente é [homens] para ambas as formas pronominais. Quando se trata de referência mista e genérica, o masculino singular se mostra muito produtivo (92% e 83%, respectivamente) para *a gente*. Encontramos, também, esses tipos de referência, mesmo que escassos, com o feminino singular.

(24) *Oh, a gente foi criada, a mãe assim[...]* (FEM/ADULT/FUND/9)

(25) *A gente não pode ser mandriona, malandra, não.* (FEM/VEL/SUP/9)

O dado 24 é de referência mista se combinando com feminino singular. Este caso é isolado e pode ser justificado, talvez, pela mudança de foco, passando de *a gente* para *a mãe* das pessoas, que incluem homens e mulheres. O dado 25 possui referência genérica e se refere a todas as mulheres, assim como a informante.

A referência a mulheres é a única que favorece quase todas as estratégias de concordância, em especial, o feminino singular com o pronome *a gente*. Deve-se ressaltar também, que é a única referência em que aparece o feminino plural, neste caso, combinado com *nós*.

(26) O homem acabou achando que **nós** não éramos bem **certas**, todo mundo.
(FEM/ADULT/FUND/9)

A concordância com o masculino singular, tanto com *nós* quanto com *a gente*, parece indicar um caráter indeterminador para as formas pronominais empregadas, mesmo que a referência seja de mulheres exclusivamente. De todo modo, o uso da forma inovadora é um pouco maior neste contexto (17% para *a gente* e 13% para *nós*), provavelmente por conta do histórico generalizante do *a gente*.

Encontramos, também, o pronome padrão *nós* combinando-se com o masculino singular (cf. Seção 2.3.1.1) para as referências a mulheres, homens e mista. A referência genérica, na década de 1990, parece estar restrita ao pronome *a gente*, exceto quando essa estratégia é utilizada com a concordância de predicativos no masculino plural.

Tabela 12 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do referente na década de 2010

Concordância de gênero e número em função Referente – 2010								
Referente	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Mulheres	0	4/4 100%	0	0	1/1 100%	0	0	0
Homens	0	0	0	3/3 100%	0	0	0	0
Misto	0	1/27 3%	7/7 100%	24/27 89%	0	0	0	2/27 8%
Genérico	0	0	2/4 50%	1/1 100%	0	0	2/4 50%	0
Total	0/12 0%	5/35 14%	9/12 75%	28/35 80%	1/12 8%	0/35 74%	2/12 17%	2/35 6%

Nossos resultados da década de 2010 são mais escassos, o que nos dificulta assumir alguma posição em relação à mudança na comunidade ao analisar as estratégias de concordância para referências mais específicas.

Quanto à referência a homens, assim como em 1990, também observamos a preferência categórica do uso do *a gente* em combinação com formas no masculino singular. A referência a mulheres revelou estratégias mais conservadoras, talvez por conta do baixo número de dados,

encontramos *a gente* se combinando exclusivamente com estruturas no feminino singular (100%) e *nós* com estruturas no feminino plural (100%).

Encontramos mais dados para referências indeterminadas, em especial para a mista. Para esse contexto, observamos que o *nós* e o *a gente* continuam se combinando predominantemente com estruturas no masculino singular (100% e 89%, respectivamente), e o *a gente* continua apresentando uma pequena parcela (8%) de predicativos no masculino plural. A referência genérica com masculino singular foi categórica para o *a gente*. Com o pronome *nós*, existe um aumento em vinte anos para essa estratégia, passando de 0% para 50%, fato que pode ser justificado pela influência da preferência pelo *a gente* (antigo pronome indefinido) frente ao *nós*, cf. Seção 2.3.1.1. A preferência do masculino para esses contextos pode acontecer por conta da interpretação neutra que esse gênero possui (cf. Vianna, 2006).

Deste modo, parece que, com o passar de vinte anos, o pronome *a gente* assumiu contextos de referência determinada, ao passo que o pronome *nós* assumiu, dividindo com o pronome inovador, os contextos de referência indeterminada, referência de origem da forma *a gente*.

A fim de obter uma melhor comparação com os resultados de Vianna (2006), juntamos nossos dados das duas amostras. A tabela a seguir os ilustra:

Tabela 13 – Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número em função do referente.

Concordância de gênero e número em função Referente – Geral								
Referente	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Mulheres	10/16	34/40	2/16	6/40	4/16	0	0	0
	63%	85%	12%	15%	25%			
Homens	0	0	5/5	20/20	0	0	0	0
			100%	100%				
Misto	0	2/76	19/26	69/76	0	0	7/26	5/76
		3%	73%	91%			27%	6%
Genérico	0	2/13	4/6	11/13	0	0	2/6	0
		15%	67%	85%			33%	
Total	10/53	38/149	28/53	106/149	4/53	0/149	11/53	5/149
	19%	26%	53%	71%	7%	0%	21%	3%

Assim como Vianna (2006), observamos uma preferência do *a gente* por estruturas no singular para todos os contextos de referência. Para a autora, isto acontece pela referência

conceptual do *a gente* significar uma massa indeterminada de pessoas difundida na coletividade, em que o “eu” estaria fundamentalmente incluído. Isso reforça a relação da gramaticalização desse pronome inovador com o Princípio da Persistência de Hopper (1991), que afirma que as formas gramaticalizadas costumam manter traços pertencentes à sua forma de origem. Por isto, para Vianna (2006), mesmo que o *a gente*, atualmente, referencie o “falante + alguém”, ainda possui um traço indeterminador oriundo do caráter coletivo herdado do nome *gente*.

Considerando as duas amostras juntas, a referência a homens é categórica na combinação de *a gente* com estruturas no masculino singular. A referência a mulheres apresenta maior variação de concordância de gênero e número, embora favoreça o feminino singular. É interessante ressaltar que encontramos mais dados de *a gente* fazendo referência a mulheres concordando com masculino singular do que Vianna (2006) havia encontrado. No entanto, assim como na fala carioca, alguns desses dados não apresentam a estrutura predicativa canônica. No dado (27) e (28), as palavras *junto* e *escondido*, ao invés de apresentarem um valor adjetival, típico das estruturas predicativas, parecem estar assumindo um valor adverbial neutro. Já o quantificador *tudo*, presente no dado (29), parece influenciar na marcação masculina singular do adjetivo *doido*.

(27) *Colegas, assim, que a gente ia pros baile junto, né?* (FEM/VEL/FUND/9)

(28) *Às vezes, a gente ia escondido, quando ele viajava, comprar refrigerante.*
(FEM/JOV/FUND/9)

(29) (...) *pensando que a gente era tudo meio doido.* (FEM/VEL/FUND/9)

Em relação ao pronome *nós*, também encontramos uma maior produtividade tanto na combinação com estruturas no plural, como o esperado, quanto no singular. Essa variação ocorre, principalmente, por conta das referências exclusivas a mulheres. Diferentemente dos falantes cariocas, a referência a mulheres parece favorecer o uso de *nós* com estruturas no feminino singular, 63%, enquanto o feminino plural aparece com 25% e o masculino singular com 12%.

As outras estratégias de referência (homens, misto e genérico) favorecem a concordância de *nós* com estruturas no masculino singular. Vianna (2006) relaciona essa estratégia com a faixa etária dos informantes, visto que, em seus resultados, a autora encontrou um alto número de ocorrências da não concordância de *nós* entre os informantes com o nível de escolaridade mais baixo. No próximo capítulo, cruzaremos as estratégias de concordância com a faixa etária para identificar se, entre os falantes florianopolitanos, também existe este tipo de relação entre a não marcação de número e a escolaridade dos informantes.

A análise de todos os dados nos permite identificar que o *a gente*, corroborando nossa hipótese, apresenta 60% (89/149) de referência indeterminada, indicando que, embora pareça estar em um estágio avançado de gramaticalização, ainda apresenta o caráter generalizador de sua forma de origem, o nome *gente*. O *nós*, por sua vez, como afirmamos antes, parece estar sendo influenciado pela preferência ao uso do *a gente*, também apresentando, em estruturas predicativas, 60% (32/53) de uso para referências indeterminadas. Tal comportamento vai de encontro com nossa hipótese inicial de que o pronome padrão apresentaria mais casos de referência determinada do que o pronome inovador.

Na Seção 2.3.1.6, pretendemos descrever os dados em função do sexo do informante a fim de melhor identificar como essa variável, além do referente, influencia nas escolhas de marcação de gênero e número nos predicativos que acompanham o *nós* e o *a gente*.

A seguir, apresentaremos a descrição dos resultados de concordância verbal de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas.

2.3.1.3 Concordância verbal de nós e a gente em estruturas predicativas¹⁵

Ao nos atentar para o que concerne à concordância verbal de *a gente* e *nós* em estruturas predicativas, encontramos um total de 136 dados (88%) de *a gente* com verbos em terceira pessoa do singular (P3) e 2 dados (7%) com verbos em primeira pessoa do plural (P4): 102 ocorrências de *a gente* + P3 na amostra de 1990 e 2 ocorrências de *a gente* + P4 na amostra de 2010. Com relação ao pronome canônico *nós*, encontramos 17 ocorrências (11%) em estruturas predicativas acompanhados de verbo em terceira pessoa do singular (P3) e 27 ocorrências (93%) com verbo em primeira pessoa do plural (P4): 17 ocorrências de *nós* + P3 na amostra de 1990 e 27 ocorrências de *nós* + P4 na amostra de 2010.

Encontramos, então, em nossa amostra, quatro estratégias de concordância verbal, como pode ser visto abaixo:

i) Nós + P3

(13) Quando nós *era pequena*. (FEM/ADULT/FUND/9)

ii) Nós + P4

¹⁵ Encontramos um total de 202 dados de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas. Para fazer a análise das estratégias de concordância verbal, consideramos 182, pois alguns desses dados não contavam com o verbo em sua estrutura, como em: “*a gente* como contador, né?” (MAS/ADULT/SUP/9).

(14) *Nós já **somo** muito velha.* (FEM/JOV/SUP/9)

iii) A gente + P3

(15) *A gente **era** muito comunicativo.* (MAS/VEL/FUND/2)

iv) A gente + P4

(16) *Aí **a gente**, uma turnê por sinal, não **fomos** eleito.* (FEM/JOV/SUP/9)

Tabela 14 – Estratégias de concordância verbal de *nós* e *a gente* entre as décadas de 1990 e 2010.

Concordância de verbal com <i>nós</i> e <i>a gente</i> – 1990 versus 2010				
Concordância Verbal	1990		2010	
	Nós	A gente	Nós	A gente
P3	16/118	102/118	1/35	34/35
	14%	86%	2%	97%
P4	19/21	2/21	8/8	0
	90%	10%	100%	
Total	41/155	114/155	12/47	35/47
	27%	73%	26%	74%

De acordo com a Tabela 16, identificamos uma preferência pela concordância de *a gente* com formas verbais em P3, sofrendo um aumento de uma década para a outra – 86% no *corpus* de 1990 e 97% em 2010. Da mesma maneira, o pronome *nós* tende a combinar-se com formas verbais em P4, também sofrendo um aumento na frequência entre as duas décadas: 90% em 1990 e 100% em 2010. Nossos resultados se aproximam aos de Vianna (2006), pois, em um intervalo de vinte anos, a autora também identificou, em estruturas predicativas, o aumento da concordância de *a gente* com verbos em P3 (84% na década de 1980 e 91% na década de 2000) e a redução da concordância verbos em P4 (11% na década de 1980 e 7% na década de 2000). Em relação ao pronome *nós*, nossos resultados se diferem. Por um lado, obtivemos uma diminuição da concordância do pronome canônico com verbos em P3 e um aumento da concordância em P4. Já Vianna (2006), identificou o contrário: a ampliação do uso da concordância de *nós* com P3 e a diminuição com P4. No entanto, nosso estudo de tendência, bem como o de Vianna (2006), analisando o traço de pessoa com a variável primeira pessoa do plural em estruturas predicativas, comprovou uma certa estabilidade na comunidade, pois os resultados não representaram uma mudança significativa entre as décadas.

Ainda seguindo os resultados de Vianna (2006), no que concerne à concordância não padrão, é importante salientar que o número de ocorrências dessas formas foi muito baixo. Por isso, não devemos considerar de maneira categórica qualquer afirmação a respeito de mudança. Mesmo assim, a estratégia de concordância de *nós* com formas em P3 parece seguir os resultados de Zilles *et al* (2000), que, ao analisar a marcação ou não da DNP-P4 na fala de Porto Alegre e Panambi, encontra 13% de desinência zero nos verbos que acompanham o pronome padrão. Isto, para a autora, pode se tratar de uma reação à inserção do *a gente* como alternativa de referência à primeira pessoa do plural, que se mostrou maioria entre os falantes de sua amostra (80%). Entretanto, a escrita parece servir como um bloqueio para o desaparecimento da flexão de P4, afinal a escrita formal impõe o uso do pronome *nós*, restringindo o *a gente* ao contexto de fala.

Vianna (2006) também destaca que a estratégia de concordância não padrão com *nós* pode estar sendo motivada pela intercambialidade entre o pronome padrão e não padrão, pela posposição do sujeito, pausa entre pronome e o sujeito e verbo, e pela presença de quantificadores universais, casos que se mostraram presentes em nossos dados, como podem ser observados nos exemplos a seguir.

(17) *Daí fica nós tudo junto dançando.* (FEM/JOV/FUND/9)

(18) *Nós não tinha nada de quietinha (...) aí sempre se quebrava todo, né? Sempre vinha todo quebrado, todo lanhado. (...) E vivia, quer dizer, quebrado em termos. Não quebrado, mas vivia machucado, assim, né?* (FEM/ADULT/FUND/9)

(19) *E nós também se afastar, em vez de ficar ali tudo juntinho, né?*
(MASC/ADULT/SUP/9)

Em relação ao *a gente*, obtivemos apenas dois dados. Em ambas as ocorrências, o aposto parece reforçar a referência de eu+alguém do pronome inovador.

(20) *A gente, no caso meu pai, minha mãe e meu irmão, samo mais voltado para o lado da família do meu pai.*

(21) *Aí a gente, uma turnê, por sinal, não fomos eleito.*

Lopes (1999), Borges (2004), Vianna (2006), Zilles (2007), Brustolin (2009), entre outros autores, atribuem esta incompatibilidade entre os traços formais e semânticos da expressão nesses contextos ([+EU] e [+eu]) ao fato de que na estrutura conceitual da forma gramatizada, está primeiramente inserido o traço semântico [+EU], o que faz alusão ao caráter pronominal da expressão. Segundo Vianna (2006, p.53-54),

Os pronomes pessoais autênticos são caracterizados por apresentar correlação entre os traços semânticos e formais de pessoa: eu [+EU], [+eu]; nós [+EU], [+eu]; tu [-EU], [-eu]; vós [+EU], [+eu].

Dessa forma, a combinação de *a gente* com formas verbais na 1ª pessoa do plural ilustraria a mesma correlação verificada entre os pronomes, visto que, em exemplos como “*a gente fomos*”, “*a gente somos*”, tem-se o traço semântico [+EU] associado ao traço formal [+eu].

A autora ainda associa esses traços semânticos e formais ao princípio da *de categorização*, postulado por Hopper (1991) e que se refere à perda de propriedades morfossintáticas do item lexical original, assumindo características em decorrência do processo de mudança categorial por qual a forma *a gente* passa.

Com tudo isso, consideramos que nossas hipóteses iniciais foram confirmadas: o pronome inovador *a gente* se mostrou mais frequente em estruturas predicativas que se combinava com verbos em P3 e o pronome padrão *nós* se mostrou mais frequente em combinações com verbos em P4. Devemos ressaltar, ainda, que a escolha majoritária de *a gente* com verbos de desinência \emptyset se dá pela manutenção do valor semântico coletivo herdado da forma nominal *gente* pela forma agora pronominalizada. Assim, segundo Vianna (2006), a concordância formal se dá com formas no singular, fato que geralmente ocorre com nomes coletivos.

Agora, tendo atestado a preferência de *a gente* por estruturas no singular, na subseção a seguir, analisaremos a relação do preenchimento do sujeito com nosso fenômeno. Procuraremos entender se a nova sistematização do paradigma flexional do PB com verbos com desinência \emptyset está vinculada com a explicitação do *a gente* pronominal em posição de sujeito em estruturas predicativas.

2.3.1.4 Preenchimento do sujeito pronominal de primeira pessoa do plural

O caminho da marcação positiva para uma negativa do parâmetro *pro-drop* no PB acarreta diretamente a simplificação do paradigma flexional (DUARTE, 1993). Abaixo, apresentamos uma adaptação do quadro de evolução nos paradigmas flexionais do português para identificar, como, segundo Duarte (1993), é o estado atual das flexões do PB.

Quadro 5 – Adaptação da evolução do paradigma flexional do português. Fonte: Duarte, 1993

Paradigma flexional atual do PB		
Pessoa	Número	Paradigma 3
1 ^a	Sing.	Cant-o
2 ^a direta	Sing.	-----
2 ^a indireta	Sing.	Canta-0
3 ^a	Sing.	Canta-0
1^a	Plur.	Canta-0
2 ^a direta	Plur.	-----
2 ^a indireta	Plur.	Canta-m
terceira	Plur.	Canta-m

Para a autora, o PB está passando por um processo de mudança em progresso que se relaciona com a preferência dos falantes pela expressão dos sujeitos pronominais. Duarte (1993; 2012) sugere que este fato pode representar uma remarcação no valor do parâmetro *pro-drop*, em que o PB passaria de língua [+sujeito nulo] para língua [-sujeito nulo]. A inserção de *você* e *a gente* (o primeiro com sua relação de neutralização com *tu*; e o segundo, em competição com o *nós*), parecem estar motivando e resultando a reestruturação do paradigma flexional, tornando o “sujeito nulo como opção natural no nosso sistema” (DUARTE, 2012). Nesse contexto, os pronomes passam a se combinar com formas verbais sem desinências distintivas, bem como com o apagamento de algumas, como a da 1^a pessoa do plural *-mos*, em determinadas situações.

Como mostra o Quadro 4, atualmente, os únicos verbos que ainda apresentam flexões de pessoa são os de primeira do singular e terceira do plural, reforçando a hipótese de que a implementação do *a gente* no quadro de pronomes do PB está contribuindo para a redução do paradigma de flexões, por, canonicamente, se combinar com verbos em P3, ou seja, no singular. Assim, buscamos observar se a implementação dessa forma está levando a fala florianopolitana para o preenchimento do sujeito, e se as flexões verbais realmente são motivadas por esta nova atribuição de parâmetro *pro-drop*.

Encontramos, então, as seguintes estratégias de preenchimento do sujeito de primeira pessoa do plural:

(i) *Nós* explícito

(22) *Quando ele passou por nós, nós tava toda ensaboada.* (FEM/JOV/SUP/9)

(23) *Nós somo uma comunidade de pesca, mas nós somo guerreiro.*
(MASC/ADULT/FUND/2)

(ii) *A gente* explícito

(24) *Inclusive, levava a minha senhora quando a gente era namorado.*
(MASC/ADULT/FUND/9)

(25) *A gente trabalha juntos.* (FEM/ADULT/SUP/2)

(iii) *Nós* nulo

(26) *Senão Ø vamos ali numa lanchonete que tem só pra ficar junto.* (MASC/JOV/SUP/2)

(27) *Que Ø se criamos aqui, andar descalço...* (MASC/ADULT/FUND/2)

(iv) *A gente* nulo

(28) *A gente se sente que Ø é obrigada de ir.* (FEM/VEL/FUND/9)

(29) *Ø era tudo, assim, voluntário.* (MASC/VEL/FUND/2)

Tabela 15 – Resultado geral da frequência do Preenchimento do sujeito de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas

Preenchimento do sujeito de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em estruturas predicativas - Geral		
Preenchimento do Sujeito	Nós	A gente
Preenchido	37/53 70%	115/149 77%
Nulo	16/53 30%	34/149 23%
Total	53/202 26%	149/202 74%

A Tabela 20 apresenta os resultados gerais sobre o preenchimento do sujeito em estruturas predicativas com *nós* e *a gente* em posição de sujeito. Encontramos 75% (118/156) de *a gente* preenchido e 56% (9/16) de *nós* como pronome nulo, comprovando nossas hipóteses, que afirmam que o sujeito pronominal com *a gente* é mais preenchido que com o pronome *nós*. Além disso, a hipótese da mudança do parâmetro do sujeito de Duarte (1995) também é corroborada. Nossos resultados confirmam os de Brustolin (2009), que também encontrou altos índices de preenchimento de *a gente*, tanto na fala quanto na escrita, respectivamente, 98% e 97%. Seus resultados referentes ao *nós* apresentaram 65% de sujeito nulo na escrita e 85% de sujeito nulo na fala.

A seguir, apresentamos a análise comparando as décadas:

Tabela 16 – Frequência de uso de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas em relação ao preenchimento do sujeito entre as décadas de 1990 e 2010

Preenchimento do sujeito de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função da Concordância verbal – 1990 versus 2010				
Preenchimento do Sujeito	1990		2010	
	Nós	A gente	Nós	A gente
Preenchido	26/41 63%	11/12 92%	87/114 76%	28/35 80%
Nulo	15/41 37%	1/12 8%	27/114 24%	7/35 20%
Total	29/44 66%	107/138 78%	15/44 34%	31/138 22%

Os resultados de 1990 continuam corroborando nossa hipótese quanto ao *a gente* sendo predominante em contextos de sujeito explícito (72%), bem como o *nós* em contextos em que o sujeito é nulo (62%). Entretanto, ao nos atentarmos aos resultados de 2010, não nos parece possível afirmar algo sobre mudança, afinal o número de dados dessa amostra, em comparação com a de 1990, é visivelmente menor. Embora o *a gente*, em 2010, apresente 67% de frequência em posição de sujeito nulo, o número de dados bruto é apenas de 2/3. Com uma amostra ampliada, pode ser que seja possível obter resultados diferentes.

Em seguida, apresentamos o cruzamento do preenchimento do sujeito com a variável concordância verbal, a fim de verificar se a marca morfêmica do verbo está relacionada com o preenchimento da forma pronominal em posição de sujeito.

Tabela 17 – Cruzamento das variáveis preenchimento do sujeito de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas e concordância verbal entre as décadas de 1990 e 2010

Preenchimento do sujeito de <i>nós</i> e <i>a gente</i> em função da Concordância verbal – Geral				
Concordância verbal	Preenchido		Nulo	
	Nós	A gente	Nós	A gente
P4	20/45 45%	2/139 1%	6/45 13%	0/139 0%
P3	10/45 22%	105/139 75%	9/45 20%	31/139 23%
Total	30/45 67%	107/139 78%	15/45 33%	31/139 22%

Todas as estratégias de concordância verbal parecem favorecer o preenchimento do sujeito de ambas as formas pronominais, conforme a Tabela 22. As estruturas predicativas com *a gente* combinando com verbos em P4 apresentam 100% de preenchimento do sujeito, e as estruturas com verbos em P3 apresentam 77%. A frequência de *nós* nesse mesmo contexto é um pouco menor, mas também predominante, 76% com verbos em P4 e 53% com verbos em P3.

Nossos resultados apresentados na Tabela 19 confirmam nossa hipótese de que há mais sujeito nulo com o pronome *nós* do que com *a gente*. Isso nos levaria a nossa segunda hipótese de que se existe a marca morfêmica de primeira pessoa do plural (*-mos*) no verbo, a chance de o sujeito ser nulo seria maior. No entanto, nosso cruzamento apresenta altos índices de frequência da marca morfêmica com o sujeito preenchido, em especial com o *nós* (P4). Nossos resultados vão de encontro com os de Brustolin (2009), que encontra 99% de sujeito nulo acompanhado de verbos flexionados na primeira pessoa do plural.

Duarte (1995) afirma que os sujeitos nulos estão sendo cada vez menos utilizados, principalmente pela faixa etária dos mais jovens. Nossa hipótese inicial, que será discutida nas subseções seguintes, é de que os mais jovens fazem mais uso da forma inovadora *a gente*, que, como vimos anteriormente, de forma majoritária é acompanhada por verbos em P3, sem a marca morfêmica no verbo, e sendo empregado, principalmente, em estruturas em que o sujeito aparece preenchido. Desse modo, acreditamos que a preferência pelo *a gente* possa estar influenciando na funcionalidade do pronome padrão *nós*, fazendo com que este também apareça preenchido em sua maioria, inclusive acompanhado com verbos em P3. Esses resultados continuam corroborando a hipótese de Duarte (1995) em relação à mudança de parâmetro *pro-drop*, segundo a qual afirma que

a perda do sujeito nulo está diretamente relacionada à simplificação do paradigma flexional dos verbos do PB.

Nas próximas seções serão abordadas as variáveis sociais em relação ao fenômeno concordância de *a gente* em estruturas predicativas. As variáveis apresentadas são: grau de escolarização, sexo e faixa etária.

2.3.1.5 Grau de escolarização

Nosso resultado geral mostra que os falantes florianopolitanos com mais de 8 anos de escolaridade (Ensino Médio/Colegial e/ou Ensino Superior) apresentam um maior uso de *a gente* do que os falantes com até 8 anos de escolaridade (Ensino Fundamental). Já estes apresentam um uso maior de *nós* do que os falantes com um maior grau de escolaridade, o que vai de encontro com a nossa hipótese de que, como o *a gente* não consta no paradigma de pronomes das gramáticas escolares e é trabalhado, muitas vezes, de forma superficial nas escolas, parece que, quanto maior o grau de escolaridade do informante, mais ele usaria a forma *nós* por conta de seu exercício na fase de escolarização. Nossos números, assim, indicam que os falantes mais escolarizados, apresentam 79% (58/73) de uso de *a gente*, em contraponto, os menos escolarizados, 70% (91/129).

Tabela 18 – Resultado geral do uso de *nós* e *a gente* em relação à escolaridade

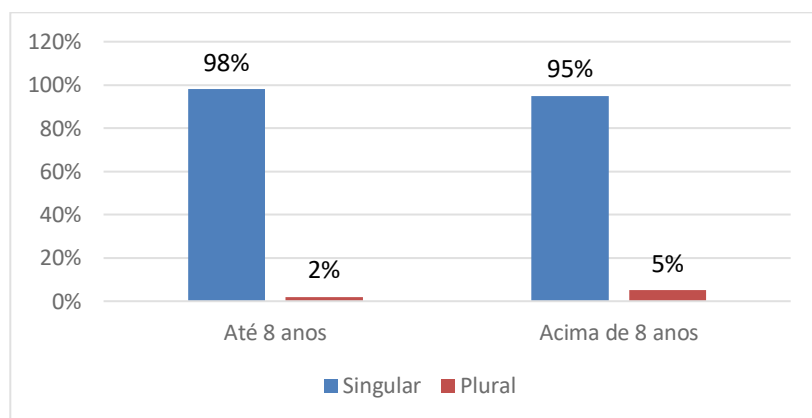
Geral				
Escolaridade	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Até 8 anos	38/129	30%	91/129	70%
Acima de 8 anos	15/73	21%	58/73	79%
Total	53/202	26%	149/202	74%

Omena (1996) e Seara (2000) obtiveram o mesmo resultado ao comparar o primário e o colegial e apontam como causa desse comportamento o fato de *a gente* ser quase considerado uma gíria, nesse caso, seria normal que adolescentes e universitários utilizassem tais gírias para se identificarem com o grupo ao qual pertencem. Seara (2000) ainda afirma que, segundo Silva e Paiva (1996, p.343), a tendência é de que os falantes que possuem maior grau de escolarização privilegiem as mudanças que implementam formas socialmente aceitas. Assim, por não ser uma

forma estigmatizada, o *a gente* é utilizado pelas diversas camadas sociais, inclusive por pessoas com um nível de escolarização maior.

Após essas constatações, analisaremos a relação do grau de escolarização dos falantes em relação às estratégias de concordância de número de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas. Como os dados da década de 2010 foram escassos, consideramos as duas amostras juntas. As figuras a seguir expõem os resultados encontrados:

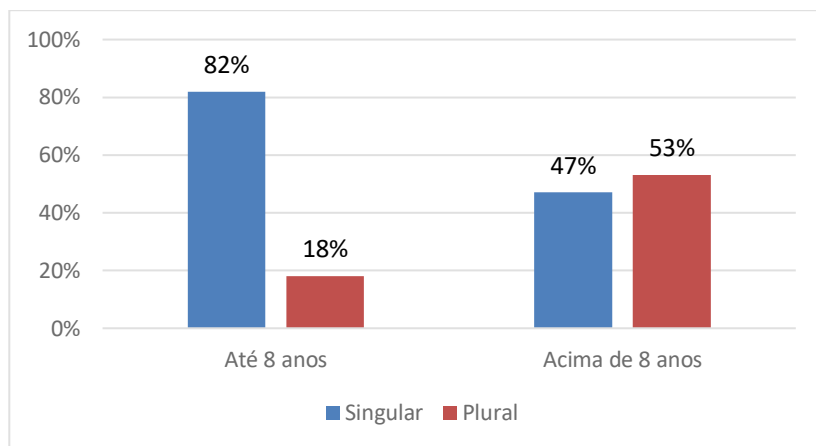
Gráfico 10 – Estratégias de concordância de número de *a gente* em estruturas predicativas em relação ao grau de escolarização dos informantes.



Observamos praticamente o mesmo comportamento para as estratégias de concordância de número com *a gente* entre as duas faixas de escolaridade. No entanto, o grau de escolarização de até 8 anos parece fazer, levemente, mais concordância padrão que o grau de escolarização acima de 8 anos, 98% (89/91) para aquela e 95% (55/58) para essa. Em relação à concordância não padrão, acontece o mesmo. As faixas de escolaridade mais baixas continuam sendo um pouco mais conservadoras que as mais altas. Encontramos 2% (2/91) para até 8 anos de escolaridade e 5% (3/58) para acima de 8 anos de escolaridade.

Esses resultados não acompanham nossa hipótese de que quanto maior a escolarização, maior a utilização de *a gente* com estruturas no singular. É interessante ressaltar, porém, que foram apenas dois informantes, entre toda a amostra, que apresentaram concordância não padrão, portanto uma análise de indivíduo, que não nos atentaremos agora, focada nos falantes com ensino superior, pode explicar melhor o comportamento linguístico dessas pessoas.

Gráfico 11: Estratégias de concordância de número de *nós* em estruturas predicativas em relação ao grau de escolarização dos informantes.



Os resultados da variante padrão *nós* mostram um comportamento diferente entre as duas faixas etárias. Os informantes com menor grau de escolarização apresentam um número substancialmente maior de concordância não padrão do que os mais escolarizados: 82% (31/38) de *nós* acompanhado de estruturas no singular e 18% (7/37) acompanhado de estruturas no plural, concordância padrão.

Curiosamente, para o pronome *nós*, os falantes mais escolarizados se mostram mais conservadores, o número de concordância padrão se mostra muito superior ao encontrado entre os falantes menos escolarizados, 53% (8/15).

Parece-nos que estruturas em que o *nós* se encontra acompanhado de formas no singular, como em “*Nós como guerreiro*” (MASC/ADULT/FUND/2), parecem ser mais estigmatizadas entre os falantes mais escolarizados do que estruturas em que o pronome inovador *a gente* aparece acompanhado de formas no plural, como em “*A gente trabalha juntos*” (FEM/ADULT/SUP/9). Isso pode acontecer por conta do avançado estágio de gramaticalização no qual essa forma se encontra. O Princípio de Decategorização poderia explicar esse uso, em que as formas em gramaticalização acabam perdendo ou neutralizando marcas morfológicas e sintáticas de sua classe destino (HOPPER, 1991). A incompatibilidade de traços semânticos e formais, discutida por Lopes (2003), afirma que o *a gente* pronominalizado, em estado avançado de sua implementação, pode assumir diversas possibilidades de interpretações. Portanto, o traço de número da expressão passa a assumir um valor *default*, ou \emptyset , podendo ser interpretado tanto como singular quanto como plural, do mesmo modo que o traço semântico também assume um valor *default*, pois possui uma gama diversa de possibilidades de combinações. Assim, pelo pronome *a gente* estar mais difundido entre

os informantes com maior grau de escolarização (cf. Tabela 20), esses falantes podem se mostrar mais “abertos” a estratégias inovadoras do que os falantes menos escolarizados.¹⁶

Considerando o, relativamente, usual caráter conservador das escolas ao utilizar abordagens normativas para fenômenos linguísticos, é possível entender essas instituições, ainda, se comportam como uma resistência ou barreira para as mudanças em curso de uma língua, afinal os fenômenos de prestígio social são, geralmente, prescritos, ignorando as diferenças de fala e escrita. Assim, por estarem mais próximos da escola, tais falantes, com menor escolaridade, parecem estar em processo de aprendizado das normas escritas, enquanto os falantes que interromperam o ensino com até 8 anos de escolaridade, parecem não ter absorvido totalmente as prescrições impostas pela escola. Portanto, o *a gente* e sua regra de concordância padrão, por estarem mais restritos à fala, parecem indicar maior aplicação da regra do que o pronome padrão *nós*.

Em seguida, apresentaremos os resultados referentes à variável social Sexo e suas correlações com os usos de *nós* e *a gente*, em estratégias de concordância de gênero e número em estruturas predicativas.

2.3.1.6 Sexo

A análise da variável sexo na década de 1990 nos mostra que a variante inovadora se encontra predominante, porém são os homens que a utilizam mais em relação às mulheres - 77% para eles e 72% para elas. No que concerne à variante padrão, seu uso é mais frequente entre as mulheres (28%).

Tabela 19: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da variável sexo em 1990

1990				
Sexo	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Mulheres	29/102	28%	73/102	72%
Homens	12/53	23%	41/53	77%
Total	41/155	27%	114/155	73%

¹⁶ No final da seção 3.1 discutiremos outra possibilidade de explicação para tais resultados, considerando o grau de atenção prestado à fala de acordo com o contexto de entrevista.

Na década de 2010, encontramos um comportamento diferente entre os sexos. As mulheres lideram a frequência de uso da variante inovadora (87%), ao mesmo tempo em que, entre os homens, *nós* e *a gente* apresentam a mesma frequência de uso, 50%.

Tabela 20: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em função da variável sexo em 2010

2010				
Sexo	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Mulheres	4/31	12%	27/31	87%
Homens	8/16	50%	8/16	50%
Total	12/47	26%	35/47	74%

Podemos observar que ao longo de vinte anos, as mulheres apresentaram um aumento significativo de uso da forma pronominalizada *a gente* em estruturas predicativas, passando de 72% em 1990 para 87% em 2010. Simultaneamente, o uso do pronome *nós* teve sua frequência de uso também alterada de modo expressivo entre as décadas, passando de 28% em 1990 para 12% em 2010. Os homens, por sua vez, apresentaram uma maior frequência de uso da variante padrão *nós*, passando de 23% em 1990 para 50% em 2010, e, em relação à variante inovadora, apresentou uma queda, igualmente expressiva, passando de 77% na década de 1990 para 50% na década de 2010.

Identificamos, então, uma mudança na liderança da implementação de *a gente* no paradigma pronominal do PB. Em um espaço de vinte anos, entre os falantes florianopolitanos, o comando do processo de mudança passou dos homens para as mulheres. Isso pode significar que a forma inovadora se encontra em um estágio avançado de mudança, pois o fato de estar sendo utilizada mais por falantes do gênero feminino indicaria que tal variante passou a ser socialmente prestigiada, conforme a proposta de Labov (2001). Para o autor, as mulheres costumam assumir o processo de mudança quando a variante inovadora é socialmente prestigiada. Assim, na década de 1990, a variante padrão *nós* assumia um posto de maior prestígio social, de modo que, ao longo dos anos, a variante inovadora *a gente* foi se implementando, liderada pelos homens, na fala dos habitantes de Florianópolis, passando a ser socialmente prestigiada e, então, mais utilizada entre as mulheres.

Nossos resultados acompanham os de Vianna (2006), que, ao analisar amostras de fala carioca das décadas de 1980 e 2000, também encontrou um aumento na frequência de uso da variante inovadora entre os informantes de gênero feminino. Ainda, os resultados também vão ao encontro dos de Seara (2000) e Borges (2004), que também reafirmam essa hipótese.

A partir da análise da estratégia de concordância de gênero e número de *nós* e *a gente*, também observamos que são as mulheres quem lideram o processo de implementação do pronome inovador, pois apresentam maior variação de desinências, ao passo que os homens são categóricos ao utilizar formas no masculino e só variam em número, conforme a Tabela 26.

Tabela 21: Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante.

Concordância de gênero e número em função do controle do Sexo – Geral								
Sexo	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Mulheres	10/33	38/100	14/33	58/100	4/33	0	5/33	4/100
	30%	38%	42%	58%	12%		15%	4%
Homens	0	0	14/20	48/49	0	0	6/20	1/49
			70%	98%			30%	2%
Total	10/53	38/149	28/53	106/149	4/53	0/149	11/53	5/149
	18%	26%	52%	71%	7%	0%	20%	3%

Observamos que, para ambos os pronomes, a estratégia de concordância mais frequente é o masculino singular. As mulheres, para *a gente*, apresentam 58% de masculino singular e os homens, quase que categoricamente, 98%. Em relação ao *nós*, as mulheres apresentam 42% e os homens 70%. Este fato corrobora nossos resultados já encontrados, que evidenciam um aumento desta variante entre um espaço de 20 anos e prevalece como principal forma para referências mistas, genéricas e a homens.

A análise do uso do masculino singular serve como uma evidência para a gramaticalização de *a gente* como pronome pessoal, pois a partir do momento em que essa forma é usada para designar homens e mulheres ou apenas homens, corrobora o que Lopes (2003; 2007) afirma sobre a mudança de traços semânticos e formais. O *a gente*, ao se cristalizar e gramaticalizar, perdeu o traço formal [+fem], decorrente do nome *gente*, tornando-se neutro como os pronomes canônicos *eu*, *tu*, *nós*, *vós*. Assim, passou a possuir uma subespecificação semântica de gênero [α FEM], em que se combina com formas adjetivais tanto no masculino como no feminino, de acordo com a referência no contexto de fala.

Vianna (2006), ao analisar as estratégias de concordância das mulheres nas duas amostras de fala (1980 e 2000), encontra um novo estágio de gramaticalização de *a gente*. A autora afirma que, com a generalização do masculino como *default*, por ser uma forma neutra e não marcada, existe

uma perda da função pragmático-discursiva da concordância no predicativo e, assim, o *a gente* pronominal perde sua subespecificação semântica para o gênero [α FEM]. No Capítulo III, testaremos essa hipótese em nossa amostra a fim de identificar o estágio do processo de gramaticalização da forma na fala de Florianópolis.

Em relação às estratégias de concordância de número, observamos que as mulheres se mostram mais conservadoras que os homens. Em relação ao pronome *nós*, observamos que os homens fazem mais uso da concordância não padrão com masculino singular do que as mulheres, 70% para eles e 42% para elas. Entretanto, quanto à estratégia padrão, masculino plural, as mulheres são mais inovadoras que os homens, pois fazem 15% da aplicação da regra, enquanto eles fazem 30%. Quanto ao *a gente*, as mulheres também se mostram um pouco mais inovadoras, pois apresentam frequência de uso levemente maior do que a dos homens, 4% para elas e 2% para elas.

De tais resultados, mesmo que sejam poucos dados, podemos depreender que as mulheres possuem um caráter de liderança em relação à implementação de *a gente* no sistema pronominal do PB. Por conta da preferência pela forma inovadora, as estratégias de concordância de número, no singular, podem interferir na produção do pronome padrão, ao passo que, ao combinar *a gente* com formas no plural, reforça o traço semântico plural desse pronome.

Por fim, na última subseção deste capítulo, trataremos da variável faixa etária, que em relação à alternância dos pronomes e às estratégias de concordância de número, nos elucidará a relevância de mais um condicionador social para nossa variável.

2.3.1.7 Faixa etária

Compreendemos que a mudança linguística não se dá de forma instantânea e abrupta, mas de maneira gradual, dependendo de fatores internos ou externos à língua que a condicionam ou desfavorecem. Segundo Naro (2015), as formas linguísticas podem coexistir em diversos estágios de evolução, e, embora as mudanças possam ocorrer a curto ou longo prazo, dependendo da comunidade ou de grupos componentes da comunidade, é o indivíduo quem fala e muda sua maneira de falar.

Partimos, então, da hipótese clássica de que os indivíduos mais velhos tendem a preservar as formas mais antigas, refletindo o estado da língua em que essas formas foram adquiridas, aproximadamente, aos 15 anos de idade.

Nossa amostra dos anos 1990 revela uma preferência geral entre os falantes por *a gente* em relação ao *nós*, em especial, os mais velhos (92%). Os adultos, por sua vez, embora utilizem mais *a gente* (69%), priorizam o pronome padrão (31%) em comparação aos falantes mais jovens e mais

velhos. Entretanto, a frequência de uso entre os jovens e os adultos se mostra semelhante. Ainda que ambas as faixas etárias favoreçam a forma inovadora, podemos enxergar uma certa pressão das forças normalizadoras presentes na escola e, ao sair da escola, segundo Omena (1998; 2003), o indivíduo com o passar do tempo, com o aumento do contato e das demais pressões sociais, acaba se submetendo às forças conservadoras, fazendo maior uso, assim, do pronome padrão.

Tabela 22: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em relação à faixa etária em 1990

1990				
Faixa Etária	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
15 a 24 anos	17/58	29%	41/58	71%
25 a 49 anos	22/72	31%	50/72	69%
Acima de 50 anos	2/25	8%	23/25	92%
Total	41/155	27%	114/155	73%

Os resultados semelhantes entre os jovens e adultos não fomentam a possibilidade de uma variação estável, pois a diferença entre o uso da forma inovadora entre os jovens e velhos não apresenta o mesmo comportamento linguístico. Para levantar mais algumas questões sobre esse resultado, no próximo capítulo, faremos um cruzamento entre a faixa etária e a escolaridade para tentar justificar a quase categórica preferência dos falantes com mais de 50 anos pela forma inovadora.

Por outro lado, os resultados da década de 2010 indicam que a variação de *nós* e *a gente* se encontra em um estágio de mudança em tempo aparente, ratificando a hipótese de que os falantes mais velhos tendem a preferir as formas antigas ao passo que os falantes mais novos optam pela forma inovadora. Os informantes da faixa etária de 15 a 24 anos apresentam uso categórico de *a gente*. Naro (2015) afirma que “um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos, hoje, representa a língua de 45 anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos” (NARO, 2015, p. 44-45). Com base nisso, é possível observar que os falantes adultos de 2010 representam a fala dos jovens dos anos 1990, pois apresentam uma porcentagem de uso das variantes de forma semelhante: 29% para *nós* e 71% para *a gente* em 1990 e 21% para *nós* e 78% para *a gente*. Evidencia-se aí uma queda no uso do pronome padrão e um pequeno aumento no uso da forma inovadora. Em relação aos falantes mais velhos dos anos 2010, considerando-se, aí, que representam os falantes da faixa etária entre 25 a 49 anos de 1990, observa-

se a redução do uso de *a gente* e o aumento do uso de *nós*: 31% de *nós* e 69% de *a gente* em 1990 e 40% de *nós* e 60% de *a gente* em 2010. Tal comportamento também corrobora a preferência dos adultos pelas formas antigas por conta das pressões sociais, conforme Omena (1998, 2003).

Nossos resultados se assemelham aos de Seara (2000), em que, embora, quando se trata de frequência de uso, os informantes com mais de 50 anos apresentem 2% a mais do que os adultos, em relação à probabilidade de uso, os falantes mais velhos apresentam uma probabilidade menor para o uso de *a gente* (0,40), a faixa etária intermediária apresenta uma probabilidade um pouco maior (0,51), e os falantes mais jovens apresentam um forte favorecimento da variante *a gente* (0,69). A partir disto, é possível avaliar que, por conta do mercado de trabalho, segundo a autora, a forma inovadora ainda é considerada menos prestigiada que a padrão.

Tabela 23: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em relação à faixa etária em 2010.

2010				
Faixa Etária	Nós		A gente	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
15 a 24 anos	0	0	8/8	100%
25 a 49 anos	4/19	21%	15/19	78%
Acima de 50 anos	8/20	40%	12/20	60%
Total	12/47	26%	35/47	74%

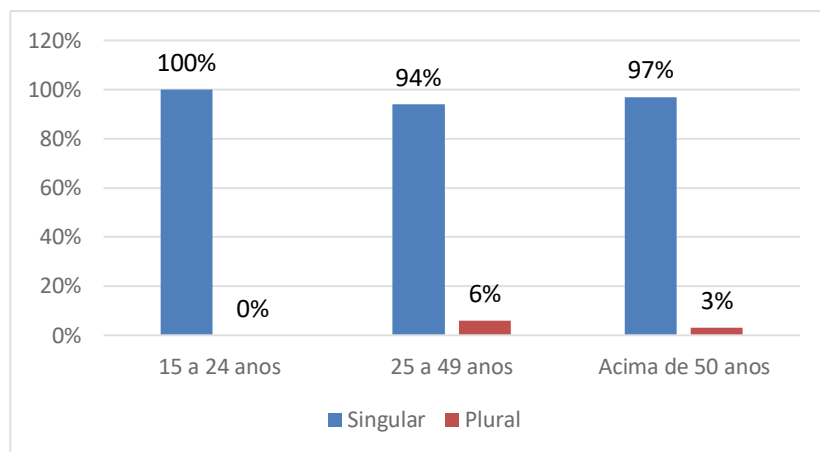
Assim, a partir de uma análise de tempo aparente, tendo observado que o pronome *a gente* se encontra em processo de mudança em progresso, em que a forma inovadora vai adquirindo espaço no sistema linguístico a partir do uso de falantes mais jovens, partiremos para a análise das estratégias de concordância de número. Objetivamos identificar se a preferência pelo *a gente* entre os mais jovens também está influenciando em suas escolhas morfológicas.

Optamos por apresentar um resultado geral, unificando as duas amostras, por conta da escassez de informantes, bem como de dados da amostra de 2010, que acabaria não sendo tão relevante para um olhar mais abrangente entre as faixas etárias.

Ao analisar a concordância de número com *a gente* em estruturas predicativas nesse contexto, observamos que as três faixas etárias apresentam um comportamento semelhante frente às estratégias de uso. Os informantes adultos apresentam um pouco mais de frequência de concordância não padrão 6% (4/65), os mais velhos possuem apenas 3% (1/35) e os mais jovens são categóricos ao combinar *a gente* apenas com estruturas em P3. Assim, esses resultados vão de

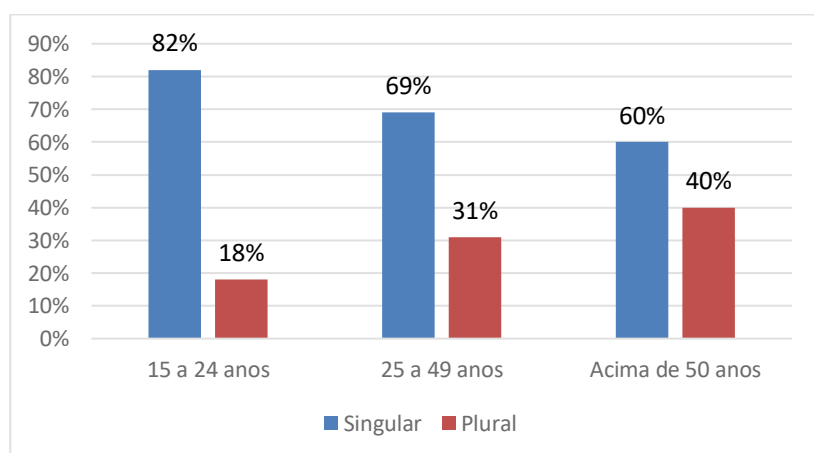
encontro com nossa hipótese que afirma que, gradativamente, quanto maior a faixa etária, mais conservadores são os informantes.

Gráfico 12: Estratégias de concordância de número de *a gente* em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes.



Em relação ao pronome *nós*, encontramos uma variação interessante. Nesse caso, os informantes mais jovens se mostram inovadores ao apresentarem uma frequência de concordância não padrão relativamente maior que as outras faixas etárias, 82% (14/17). Por outro lado, a concordância padrão com *nós* vai aumentando progressivamente de acordo com a faixa etária, de modo que os falantes mais velhos se mostram mais conservadores.

Gráfico 13: Estratégias de concordância de número de *nós* em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes.



Assim, observamos que os jovens se mostram conservadores com a variante inovadora, apresentando concordância padrão, ou seja, com o singular (P3), e são inovadores com a variante

canônica, apresentando concordância não padrão, também no singular (P3). Acreditamos que isso ocorra por conta da preferência quase que categórica pelo *a gente* em detrimento do *nós*, muito presente na linguagem falada. Outras questões a respeito da força da variável faixa etária sobre o uso de *a gente* serão levantadas no Capítulo III.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, delimitamos a metodologia utilizada para nossa pesquisa, apresentando a constituição das amostras de fala escolhidas e a estratificação dos informantes que compõem essas amostras. Além disso, caracterizamos as variáveis dependentes e independentes, bem como as hipóteses escolhidas para cada uma delas. Descrevemos, também, os resultados estatísticos, apresentando tabelas e gráficos que, no próximo capítulo, serão correlacionados para uma análise mais completa do ‘a gente’ em estruturas predicativas.

Após várias rodadas estatísticas no programa GoldVarb, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, mais significativos, considerando apenas os índices percentuais, foram: extensão semântica do referente, concordância de gênero e número com as formas pronominais em estruturas predicativas, concordância verbal com as formas pronominais em estruturas predicativas, sexo e década.

Ao analisar as duas amostras juntas, os resultados apontam que falantes preferem usar *a gente* em detrimento do *nós*; entre 1990 e 2010, o *a gente* teve sua frequência de uso ampliada em 1%, enquanto o *nós* diminuiu em 1%, indicando uma certa estabilidade no processo de mudança; o uso de masculino singular e plural com *a gente* aumentou em vinte anos, especialmente o singular; as formas no singular favorecem *a gente* e no plural favorecem *nós*; a referência mista, genérica e a homens favorecem a concordância com masculino singular para *nós* e *a gente*; a referência a mulheres apresenta variação das seguintes marcações: feminino singular (*nós* e *a gente*), masculino singular (*nós* e *a gente*) e feminino plural (apenas com *nós*); *a gente* tende a se combinar com verbos em P3 e o *nós* com verbos em P4; existe uma preferência pelo pronome preenchido tanto para *nós* quanto para *a gente*; *nós* e *a gente* estão explícitos tanto acompanhados com verbos em P3 quanto em P4. A presença da desinência não parece interferir no preenchimento do sujeito; os falantes mais escolarizados fazem mais uso de *a gente* do que os menos escolarizados; em relação ao sexo do informante, no passar de vinte anos, as mulheres se tornam líderes na implementação do pronome *a gente*, fazendo mais frequência de uso do pronome inovador do que os homens; em relação à concordância de gênero e ao sexo do informante, numa análise das duas amostras juntas, observamos que as mulheres mantêm seu *status* de condicionadoras da mudança quando são elas

que apresentam variação de gênero e número; os informantes mais jovens apresentam mais uso do pronome inovador do que os mais velhos em 2010. Entretanto, em 1990, o uso de *a gente* entre os mais velhos suplanta o dos adultos e jovens; em relação à concordância de número, não existe variação significativa entre as faixas etárias com *a gente*. Quanto ao uso de *nós*, os resultados mostram que quanto mais velho o informante, mais conservador ele era, fazendo uso da concordância padrão.

CAPÍTULO III – A TRANSIÇÃO E O ENCAIXAMENTO

Os problemas propostos por WLH (2006 [1968]) são de extrema importância para se analisar o desenrolar de uma mudança linguística, considerando os aspectos linguísticos e sociais por meio dos quais elas se inserem. Em nossa pesquisa, os problemas de transição e de encaixamento se mostram os mais relevantes, pois procuramos entender como as mudanças passam de um estágio da língua para outro e, nesse sentido, de uma amostra para a outra, e como as mudanças estão encaixadas no sistema linguístico e social em questão para vislumbrar o caminho de sua implementação na fala florianopolitana.

O problema da transição está relacionado com a etapa da pesquisa que objetiva entender o desenvolvimento da mudança entre os estados do passado e do presente, a partir de uma análise da “coexistência dinâmica de ambos os elementos, sua vinculação progressiva com determinadas estruturas linguísticas variáveis e a substituição definitiva de um elemento x, que se torna obsoleto, por um elemento y”. (CONDE SILVESTRE, 2007, p.77).¹⁷ Desse modo, temos como objetivo analisar os estágios de mudança por meio dos quais o pronome *a gente* percorre entre 1990 e 2010 a partir da fala de informantes florianopolitanos de áreas urbanas e não urbanas.¹⁸

O problema do encaixamento se refere à adaptação de cada mudança ao sistema linguístico e social em que ela ocorre. Esse processo pode ser refreado ou acelerado a partir da relação que o fenômeno em mudança possui com outros fenômenos. Assim, infere-se que uma mudança não é brusca, ela se constitui em um processo gradual, considerando sua adaptação à comunidade de fala e suas relações com outras formas de variação, como a diatópica, diastrática ou diafásica. “Para entender as mudanças, é necessário indagar a sua origem dentro da estrutura social e investigar como elas se espalham sobre outros grupos sociais, e quais desses grupos mostraram mais resistência a ela” (CONDE SILVESTRE, 2007, p.78).¹⁹ Logo, nas seguintes seções, analisaremos o uso do *a gente*, bem como seu comportamento de concordância de gênero e número em estruturas predicativas em relação às variáveis sociais grau de escolaridade, faixa etária e sexo, a fim de entender melhor como esse fenômeno está encaixado nas estruturas linguísticas e sociais encontradas na fala de Florianópolis aqui analisada.

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ Por conta do baixo número de dados, acabamos por incluir entrevistas feitas com informantes de áreas não urbanas.

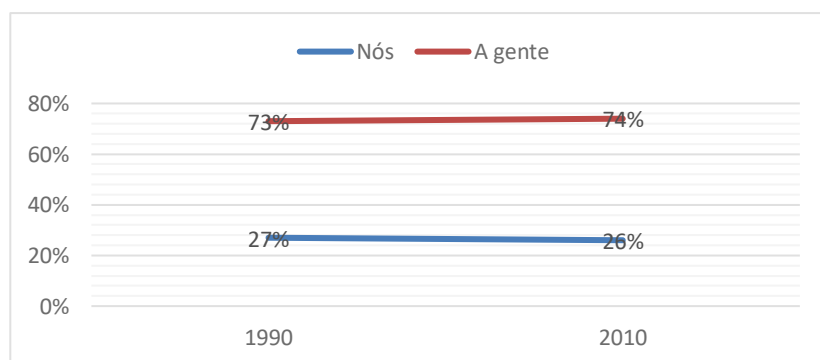
¹⁹ Tradução nossa.

3.1 A VARIAÇÃO EM TEMPO REAL

Segundo Labov (1994) e Conde Silvestre (2007), um estudo da mudança linguística que analisa a variação em tempo real se trata de uma prática de análise do desenvolvimento da mudança a partir da observação do comportamento linguístico dos membros de uma comunidade em diferentes momentos do tempo. Assim, adotando uma análise proveniente desses estudos em tempo real, utilizamos o estudo de tendência nesta pesquisa por tomarmos como amostras indivíduos diferentes em décadas diferentes, mas pertencentes a uma mesma comunidade de fala²⁰ florianopolitana. Nesse caso, os informantes foram submetidos ao mesmo método de entrevista e análise.

Conforme apresentado na seção 2.3.1, encontramos o seguinte resultado em relação ao comportamento dos entrevistados, representado aqui nas duas amostras, sobre o uso de *nós* e *a gente*.

Gráfico 14: Confronto entre os usos de *nós* e *a gente* entre as décadas de 1990 e 2010.



O Gráfico 14 representa bem o estado de estabilidade da mudança de *a gente* em estruturas predicativas na fala florianopolitana. Como dito anteriormente, houve apenas 1% de aumento de uso do pronome inovador, e apenas 1% de declive do uso do pronome padrão, *nós*.

Objetivamos, neste capítulo, analisar a preferência pelo pronome *a gente*, em relação ao pronome *nós*, presente já desde 1990, em estruturas predicativas. Para isso, cruzamos essa preferência com a escolaridade do informante, mas, primeiramente, analisamos o comportamento da comunidade, considerando o grau de escolarização dos informantes em relação ao uso das formas pronominais.

²⁰ Consideramos que *comunidade de fala* se refere a um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos distintivos de outros grupos, normas e atitudes diante do uso da linguagem (cf. LABOV, 2008 [1972]).

O resultado geral, exposto na Tabela 20, evidencia um maior uso de *a gente* entre os falantes mais escolarizados (com Ensino Médio/Colegial e/ou Superior). Os falantes menos escolarizados (com Ensino Fundamental) apresentam uma maior frequência de *nós*, o que aparenta o caráter normatizador da escola nos primeiros anos escolares, ao trabalhar com a norma padrão, desse modo, com paradigmas pronominais canônicos, desde a fase de alfabetização.

Com base na análise dos Gráficos 15 e 16, que descrevem o uso de *nós* e *a gente* em relação à escolaridade dos falantes por década, podemos depreender que os informantes com um maior grau de escolarização aumentam o uso de *a gente* entre 1990 e 2010, passando de 75% (38/51) para 91% (20/22), ao passo que os informantes com menor grau de escolarização, têm seu uso diminuído, passando de 73% (76/104) a 60% (15/25).

Gráfico 15: Confronto do uso de *a gente* entre 1990 e 2010 em relação ao grau de escolaridade.

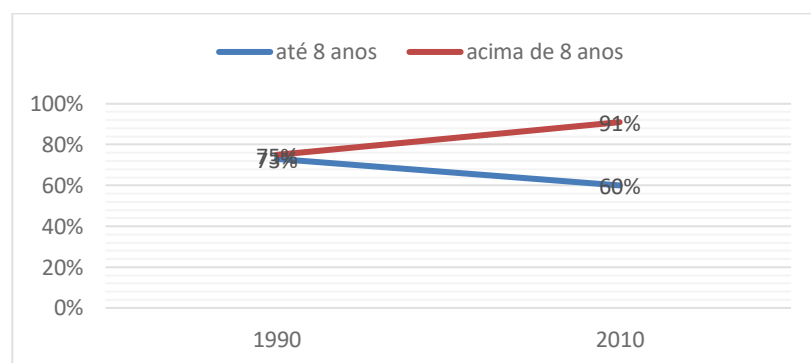
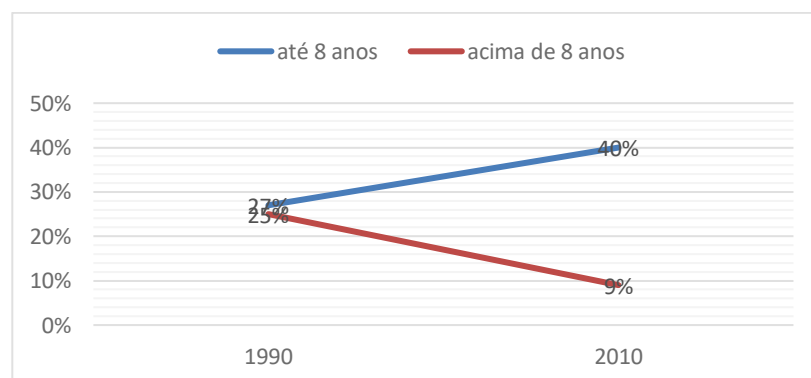


Gráfico 16: Confronto do uso de *nós* entre 1990 e 2010 em relação ao grau de escolaridade.



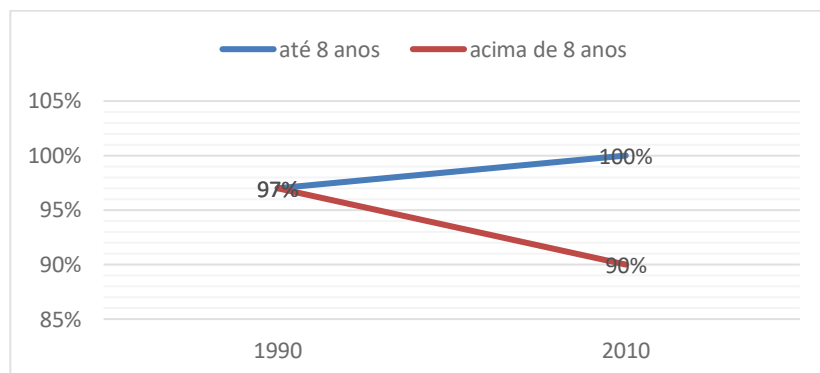
Quando se trata das ocorrências de *nós*, os resultados mostram uma queda no uso do pronome entre os mais escolarizados, de 25% (13/51) para 9% (2/22), de modo que entre os menos escolarizados, um aumento de uso entre uma década e outra, de 27% (28/104) para 40% (10/25). Esses números atestam, ainda mais, a hipótese de que, por estar em um estágio avançado de

gramaticalização, a forma pronominalizada *a gente* se popularizou, sendo mais utilizada, inclusive, em contextos em que é necessário um maior prestígio social nas formas empregadas na fala.

Em relação à estratégia de concordância de número, conforme o Gráfico 10, observamos basicamente o mesmo comportamento nas duas décadas. Os informantes mais escolarizados evidenciam 98% (89/91) de concordância padrão, ou seja, *a gente* acompanhado de estruturas no singular e os mais escolarizados apresentam 95% (55/58) de concordância padrão. É interessante ressaltar que, além de utilizarem mais *a gente* do que os informantes com grau de escolarização mais baixo, os mais escolarizados apresentam uma frequência levemente maior de concordância não padrão, que se revela nas ocorrências de *a gente* com estruturas no plural 5% (3/58). Vale ressaltar que pela análise de indivíduo, apenas dois informantes, em toda a amostra, apresentam a concordância não padrão.

Partimos a seguir para uma análise em tempo real para identificar o comportamento das amostras em relação à concordância de número com *a gente* entre 1990 e 2010.

Gráfico 17: Frequência de concordância de número singular com *a gente* em estruturas predicativas em relação ao grau de escolaridade dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010.



O Gráfico 17 atesta o que foi dito anteriormente. A escola parece se mostrar mais conservadora nos primeiros anos de ensino do que nos anos finais. Além de estarem fazendo mais uso de *a gente* do que os informantes menos escolarizados, os mais escolarizados apresentam 10% (2/20) de concordância não padrão. Os informantes com até 8 anos de escolaridade apresentam frequência de uso categórico de *a gente* com estruturas predicativas, evidenciando uma estabilidade entre uma década e outra, de 97% (74/76) para 100% (18/20).

Segundo Lopes (2003), o *a gente* herdou de sua forma nominal, *gente*, a concordância com o singular, porém mantendo a interpretação semântica pluralizada. Nesse caso, perde a possibilidade de apresentar flexão de número, de modo que o traço formal da expressão passou a apresentar um valor *default*, que pode ser interpretado tanto no singular como no plural. Assim, tanto o traço

semântico relacionado ao *a gente* pode apresentar diversas possibilidades combinatórias de referência como *eu+tu*, *eu+ele*, *eu+vocês*, *eu+eles*, *eu+todos* e *eu*, quanto o traço formal pode apresentar marcação neutra, [øPL] e [øpl], da mesma forma que acontece com o pronome *nós*.

Entretanto, evidenciamos um alto número de concordância de *a gente* com estruturas no singular, 97% (144/149), considerando ambas as amostras reunidas. Desse número, apenas 3% (5/149) são de concordância não padrão, e esse índice é encontrado na fala da maior parte de informantes com um maior grau de escolaridade. Isso, somado a maior produtividade de *a gente* entre essas pessoas, atribui aos mais escolarizados um caráter inovador frente ao encaixamento da forma pronominalizada no paradigma pronominal do PB. Tal comportamento é justificado a partir do princípio de Decategorização de Hopper (1991). Como dissemos anteriormente, ao se gramaticalizar, a forma passa a adquirir características da classe destino por conta da mudança categorial. Nesse caso, o *a gente* passa a se comportar como o pronome *nós*, com referente semântico que expressa eu+alguém, evidenciando um plural associativo.

Entretanto, é preciso levar em consideração o contexto de situação de entrevista, já discutido por Labov (2008 [1972]) e apresentado na seção 1.1.1 dessa pesquisa. O autor afirma que a observação sistemática da fala, ou seja, a situação de entrevista, não pode ser considerada uma fonte do vernáculo em uso. Isso porque, para ele, o grau de atenção que o entrevistado presta à fala é maior, por isso, nesses contextos, seu estilo se torna mais formal. Desse modo, retomando o conceito do “paradoxo do observador”, é necessário superar o ambiente de entrevista, rompendo com o constrangimento e procurando fazer com que o vernáculo se manifeste.

Assim, em relação às entrevistas utilizadas nessa pesquisa, para explicar o uso de variantes mais formais por informantes menos escolarizados e mais informais por informantes mais escolarizados, pode-se inferir que aqueles, com o objetivo de tentar se aproximar à fala do entrevistador, que, nesse caso, se trata de estudantes da graduação e pós-graduação, apresentam maior preocupação em adequar sua linguagem para expressões mais formais, logo, variantes padrão da língua portuguesa. Já os falantes com maior grau de escolaridade, por sentirem-se em situação de igualdade com o interlocutor, utilizam formas mais informais, variantes não padrão, durante a entrevista.

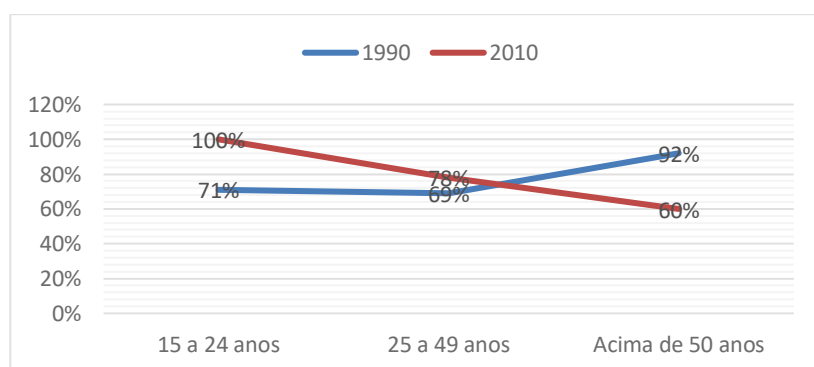
3.2 A VARIAÇÃO EM TEMPO APARENTE

Ainda, seguindo a discussão de Labov (1994) e Conde Silvestre (2007), consideramos um estudo em tempo aparente partindo da observação do comportamento de falantes de faixas etárias diferentes, em um contexto sincrônico, para, depois, a fim de identificar a mudança linguística,

partir para uma análise diacrônica, em tempo real, comparando as amostras. Intentamos aqui justificar o comportamento apresentado entre as diferentes faixas etárias na seção 2.3.1.7 e verificar, se, entre uma década e outra, houve diferença na concordância de número com o pronome *a gente* em relação às faixas etárias, já que o resultado geral evidenciou uma estabilidade no comportamento dos informantes.

A análise em tempo aparente, contrastando o uso de *a gente* nas faixas etárias entre 1990 e 2010, apresenta dois comportamentos diferentes, conforme o Gráfico 18 revela.

Gráfico 18: Frequência de uso de *a gente* em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010.



A amostra de 2010 revela mudança em tempo aparente, em que os informantes mais jovens usam categoricamente a forma inovadora *a gente* (100%) e os mais velhos índices na casa de 60%. Diferentemente dessa amostra, os resultados dos anos 1990 apresentam uma curva oposta, pois os informantes mais velhos mostram uma frequência de uso superior (92%) a dos informantes mais jovens (71%). Para entender melhor o comportamento dessa amostra de 1990, cruzamos a faixa etária dos informantes com o grau de escolarização.

Assim, como observamos anteriormente, os resultados referentes à variação de *nós* e *a gente* na década de 1990 refutam nossa hipótese de que os falantes mais velhos priorizam o uso de variantes padrão, nesse caso, o *nós*. Nossos informantes apresentam a frequência de 8% de *nós* e 92% de *a gente*, o que é uma diferença muito grande quando se trata de preferência de uso. Portanto, escolhemos fazer um cruzamento entre as variáveis referentes à faixa etária e à escolaridade para tentar entender o que motiva a preferência dos falantes com mais de 50 anos pela variante inovadora.

Tabela 24: Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade em função do uso de *nós* e *a gente*.

Faixa Etária em função da Escolaridade – 1990			
Faixa Etária	15 a 24 anos	25 a 49 anos	Acima de 50 anos
	A gente	A gente	A gente
Até 8 anos	25/33 76%	35/54 65%	16/17 94%
Acima de 8 anos	16/25 64%	15/18 83%	7/8 88%
Total	114/155 73%	114/155 73%	114/155 73%

Apesar de haver uma pequena diferença entre os dois níveis de escolaridade, mostrando que os falantes mais velhos com até 8 anos de escolaridade usam mais *a gente* do que os falantes com mais de 8 anos de escolaridade, ainda não é possível afirmar que o grau de escolarização dos informantes está influenciando em suas escolhas linguísticas. A frequência de uso da forma inovadora ainda é muito maior do que a padrão (94% para falantes mais velhos menos escolarizados e 88% para falantes mais velhos mais escolarizados). Deve-se considerar, então, que o pouco número de dados de estruturas predicativas, em especial para os falantes mais velhos, pode estar influenciando em tal resultado.

Analizamos, também, o comportamento dos informantes separadamente, porém não obtivemos nenhum tipo de resposta significativa, pois todos os informantes acima de 50 anos apresentam números aproximados de *a gente*, conforme o quadro a seguir mostra.

Quadro 6: Número de dados de *a gente* entre os informantes mais velhos da amostra de 1990.

Informantes 1990				
Código	Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Nº de ocorrências de a gente
FEM/VEL/FUND/9	Feminino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	5
FEM/VEL/SUP/9	Feminino	Acima de 50	Acima de 8	6

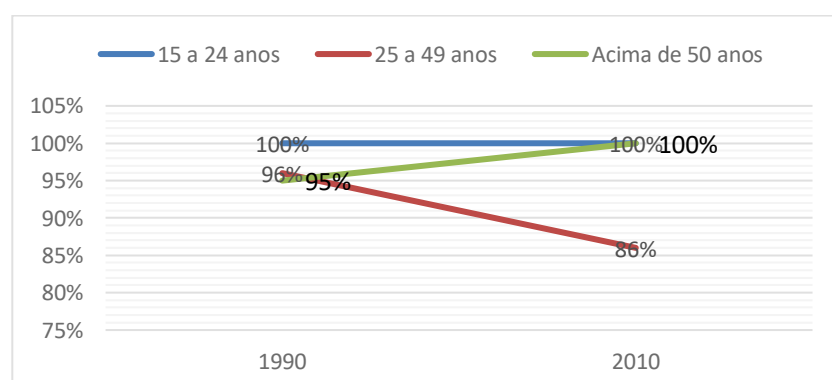
		anos	anos	
MAS/VEL/FUND/9	Masculino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	3
MAS/VEL/FUND/9	Masculino	Acima de 50 anos	Até 8 anos	2
FEM/VEL/SUP/9	Feminino	Acima de 50 anos	Acima de 8 anos	7

O Quadro 5 também mostra que são as mulheres acima de 50 anos que apresentam maior número de *a gente* do que os homens. Esse fato provavelmente se dá pelo baixo número de dados de *nós* e *a gente* em estruturas predicativas, encontrados entre os informantes homens acima de 50 anos. Vale registrar que as células referentes aos informantes mais velhos ficaram incompletas, compondo apenas 3 informantes para cada sexo. Apesar dessas incompletudes, tudo indica que as mulheres com mais de 50 anos em Florianópolis, na década de 1990, se mostram mais inovadoras em relação aos homens e às outras faixas etárias.

Naro (2015) afirma que os velhos se encontram em uma etapa da vida em que as pressões sociais pelas quais passam os mais jovens não se encontram mais presentes em suas vidas, portanto, quando se retiram do mercado de trabalho ao se aposentarem, as pressões da sociedade e do mercado não atuam como costumavam atuar.

A partir da análise do Gráfico 19, analisamos o comportamento da comunidade, levando em conta a faixa etária dos informantes, em relação à concordância de número com a forma pronominal *a gente*. Os resultados gerais apresentados na seção 2.3.1.7 indicam altos índices do pronome *a gente* combinado com verbo no singular (P3) em todas as faixas etárias, por isso, objetivamos identificar se essa estabilidade também se repete entre as décadas de 1990 e 2010.

Gráfico 19: Frequência de concordância de número singular com *a gente* em estruturas predicativas em relação à faixa etária dos informantes entre as décadas de 1990 e 2010.



Na faixa etária mais jovem, de 15 a 24 anos, observamos que se mantém a frequência de uso (quase) categórico de *a gente* se combinando com estruturas no singular. Isso comprova que a forma inovadora, além de ser mais frequente entre os jovens, acaba sendo acompanhada de verbo no singular (P3).

A concordância singular com o *a gente* também aparece estável e quase categórica entre os falantes mais velhos, acima de 50 anos, com um aumento na frequência de uso de apenas 5% em 20 anos, passando de 95% (22/23) para 100% (12/12).

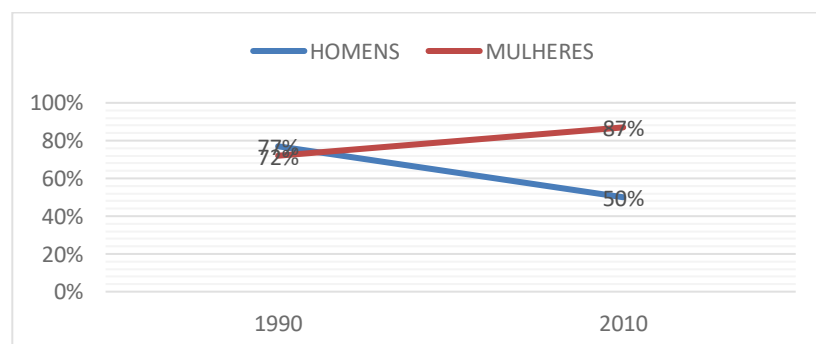
Os falantes da faixa etária intermediária, de 25 a 49 anos, foram os que mais apresentaram variação na concordância verbal entre uma década e outra, indo de 96% (48/50) para 86% (13/15) do pronome *a gente* combinado com verbos em P3. Esse resultado contraria a nossa expectativa, uma vez que a faixa etária intermediária estaria, por hipótese, sofrendo as pressões do mercado de trabalho. É importante verificar se esse resultado não estaria escondendo outras forças sociais condicionadoras da forma *a gente*.

A seguir, analisamos as amostras a partir da variável sexo, observando especialmente o comportamento das mulheres, em relação ao uso do *a gente* e da concordância de gênero em estruturas predicativas.

3.3 A VARIAÇÃO ENTRE AS MULHERES

Partindo de uma análise de *estudo de tendência de curta duração*, que compara a alternância de *nós* e *a gente* em duas amostras com indivíduos diferentes pertencentes à mesma comunidade de fala, objetivamos identificar o seu comportamento através do tempo. Assim, observando o comportamento entre os homens e as mulheres durante um espaço de vinte anos, encontramos os resultados representados no Gráfico 20, a seguir:

Gráfico 20: Frequência de *a gente* em estruturas predicativas em relação ao sexo do informante entre as décadas de 1990 e 2010.



Conforme discutimos na seção 2.3.1.6, as mulheres tomaram a liderança da implementação de *a gente* no paradigma pronominal do PB. O uso da forma inovadora sofreu um aumento significativo entre elas durante os anos 1990 e 2010, evidenciando um incremento de 15% de frequência entre uma década e outra, ao passo que o uso entre os homens sofreu um declínio de 27%. Esse comportamento evidencia que a forma *a gente* teve seu significado social alterado dentro desse espaço de tempo, adquirindo maior prestígio social nos anos 2010 do que nos anos 1990, afinal, segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres lideram a mudança quando a forma é socialmente prestigiada.

Além desses resultados, a Tabela 23, ao apresentar os resultados referentes à concordância de gênero e número em função do sexo do informante, também evidencia um papel significativo das mulheres, pois são elas que apresentam maior variação das estratégias de concordância, enquanto os homens são categóricos ao utilizarem apenas marcas de masculino com *a gente* em estruturas predicativas, variando apenas o número. A Tabela 27 resume os resultados referentes a *a gente*:

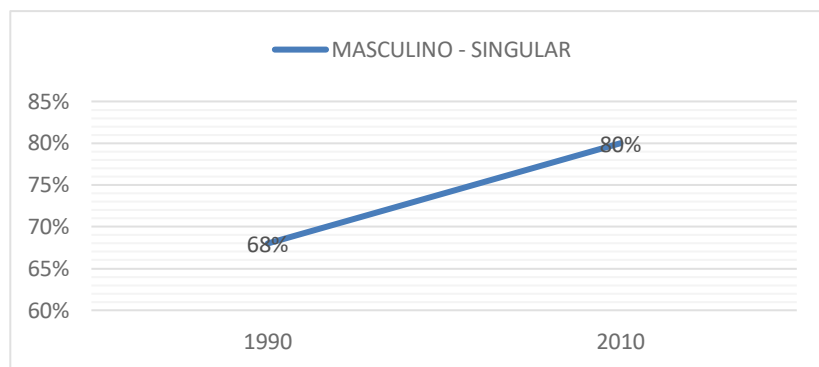
Tabela 25: Resultado geral das estratégias de concordância de gênero e número com *a gente* em função do sexo do informante.

Concordância de gênero e número com <i>a gente</i> em função do controle do Sexo - Geral				
Sexo	FEM/S	MASC/S	FEM/P	MASC/P
	A gente	A gente	A gente	A gente
Mulheres	38/100	58/100	0	4/100
	38%	58%		4%
Homens	0	48/49	0	1/49
		98%		2%
Total	38/149	106/149	0/149	5/149
	26%	71%	0%	3%

Além disso, identificamos uma preferência entre os falantes ao uso do masculino singular, sendo utilizado quase que categoricamente pelos homens (98%), o que é esperado, e apresentando uma alta frequência entre as mulheres, 58%. Vianna (2006) atesta em sua pesquisa uma preferência pelo masculino singular, atribuindo a essa estratégia de concordância um papel essencial para a gramaticalização do *a gente*, que será discutida mais adiante, após a análise do comportamento das mulheres entre 1990 e 2010.

Visto isso, objetivamos encontrar um aumento significativo do masculino singular no prazo de 20 anos, identificando um novo estágio de gramaticalização em que o *a gente* se encontra.

Gráfico 21: Frequência de masculino singular com *a gente* em estruturas predicativas entre as décadas de 1990 e 2010.



O Gráfico 21 corrobora nossa hipótese. Observamos um aumento do uso do masculino singular com *a gente* em vinte anos. Nos anos 1990, encontramos 68% (78/114) de frequência de masculino singular, enquanto nos anos 2010, apenas 12% de aumento nessa frequência, passando para 80% (28/35). Assim, Vianna (2006), afirma que o aumento do uso do masculino singular significa a atribuição de um caráter *default* a essa forma, por ser neutra e não marcada. Assim, por conta da manutenção de um caráter indeterminador (cf. 2.3.1.2) da forma *a gente*, decorrente da forma nominal *gente* (Princípio da Persistência, HOPPER, 1991), observa-se a perda do caráter pragmático-discursivo da concordância predicativa, fazendo com que o *a gente* perca a sua subespecificação semântica [α FEM].

Observamos que essa estratégia é principalmente utilizada para referências genéricas 85% (11/13) e mistas 91% (69/76), porém também encontramos um número, embora baixo, para referências determinadas a mulheres, 15% (6/40) de frequência com *a gente*. É interessante observar que o *nós* também apresentou esse tipo de estratégia para referenciar mulheres 12% (2/16). Esses resultados confirmam a hipótese da perda da subespecificação semântica, já atestada por Vianna (2006), que atribui ao masculino singular a função de *default*.

As tabelas 28 e 29 apresentam as estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante nas décadas de 1990 e 2010. Nesse caso, pretendemos identificar a relação do sexo do falante com a marca de masculino singular, a fim de verificar se existe um aumento de *a gente* entre as décadas bem como uma influência das mulheres no uso dessa marca

Tabela 26 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante em 1990

Condordância de gênero e número em função do controle do Sexo - 1990								
Sexo	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Feminino	10/29	33/73	12/29	38/73	3/29	0	4/29	2/73
	35%	45%	41%	52%	10%		14%	3%
Masculino	0	0	7/12	40/41	0	0	5/12	1/41
			58%	98%			42%	2%
Total	10/41	33/114	19/41	78/114	3/41	0/114	9/41	3/114
	25%	29%	46%	68%	7%	0%	22%	3%

Tabela 27 – Estratégias de concordância de gênero e número em função do sexo do informante em 2010

Condordância de gênero e número em função do controle do Sexo - 2010								
Sexo	FEM/S		MASC/S		FEM/P		MASC/P	
	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente	Nós	A gente
Feminino	0	5/27	2/4	20/27	1/4	0	1/4	2/27
		19%	50%	74%	25%		25%	7%
Masculino	0	0	7/8	8/8	0	0	1/8	0
			88%	100%			12%	
Total	0/12	5/35	9/12	28/35	1/12	0/35	2/12	2/35
	0%	14%	75%	80%	8%	0%	17%	6%

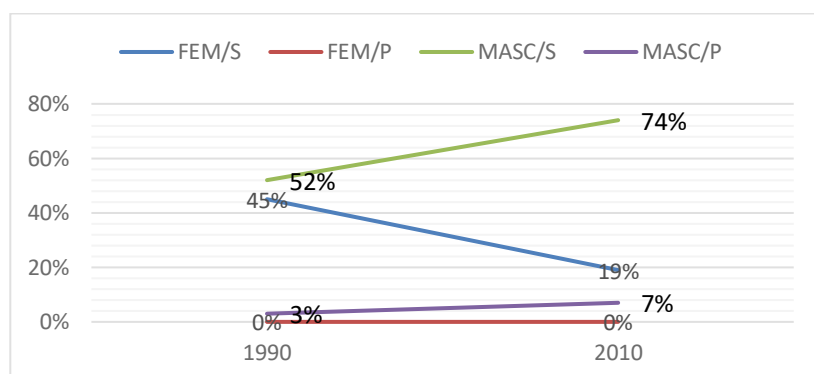
As duas tabelas evidenciam a relevância do gênero masculino como forma principal de concordância, tanto com *a gente* quanto com *nós* em estruturas predicativas. Como o esperado, a estratégia de concordância com o masculino singular se mostrou mais produtiva. As mulheres apresentam maior variação de marcas de concordância do que os homens, que, categoricamente, utilizam o masculino singular e plural.

Além disso, observamos que ambos os sexos apresentam um aumento significativo do masculino singular entre as décadas para as duas formas pronominais. Entretanto, é necessário considerar o baixo número de dados, principalmente na amostra de 2010.

Para uma análise mais completa do comportamento das mulheres, que são as únicas que apresentam variação na concordância de gênero, observaremos os índices do Gráfico 22,

apresentando a variação das concordâncias de gênero e número em função do sexo feminino, a fim de identificar se existe uma mudança de comportamento entre elas.

Gráfico 22: Traços de gênero em relação ao *a gente* em estruturas predicativas – Mulheres.



É importante lembrar que, para além da má distribuição da amostra e do baixo número de dados o estudo de tendência aqui apresentado é decorrente de duas amostras compostas por informantes diferentes.

Nossos resultados apontam uma mudança de comportamento entre as mulheres através das décadas de 1990 e 2010. As concordâncias com masculino plural e feminino plural permanecem estáveis, indicando que as formas no singular têm um caráter mais significativo nas amostras. Enquanto encontramos uma diminuição na marcação do feminino singular, passando de 45% (33/73) para 19% (5/27), o masculino singular se mostra altamente mais utilizado nos anos 2010, apresentando uma mudança de frequência de 52% (38/73) para 74% (20/27).

Novamente, nossos resultados seguem os de Vianna. Além disso, reforçam a hipótese de que o masculino singular, ao se generalizar, se estabelece como *default* e perde sua subespecificação semântica de gênero [α FEM], além de sua função pragmático-discursiva. Em outras palavras, a marcação do masculino singular nos predicativos passa a não indicar o gênero do referente nesse estágio de gramaticalização, mas, por conta do caráter generalizante precedente da forma nominal de origem, representa um caráter neutro em relação a essa função pragmático-discursiva. Além disso, as mulheres se mostram líderes na gramaticalização do *a gente*, pois ao apresentar maior variação de gênero e maior uso do masculino singular, evidenciam sua relevância no comando da mudança linguística.

Nossos resultados também evidenciam um grande número de *nós* se combinando com o masculino singular em estruturas predicativas. Se formos observar os resultados das tabelas 28 e 29, veremos que existe um aumento na frequência dessa estratégia entre as duas décadas, indo de 41% para 50%. Entretanto, por conta do baixo número de ocorrências da amostra 2010, que apresenta

apenas 2/4 para essa marcação entre as mulheres, não é indicado que se faça algum tipo de generalização sobre esse contexto. Vianna (2006), em sua análise, encontrou um aumento da produtividade do masculino plural e uma estabilidade em relação às outras estratégias de concordância.

3.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Apresentamos neste capítulo, uma análise mais detalhada de certos pontos considerados relevantes, após a descrição dos resultados no Capítulo II. Observamos primeiramente os resultados relacionados à variação em tempo real, analisando a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente*, bem como sua relação com o grau de escolarização e com a concordância de número da forma inovadora. Em seguida, partimos para uma análise em tempo aparente, procurando entender o comportamento dos informantes em relação à faixa etária, correlacionando essa variável com o grau de escolarização e, novamente, com a concordância de número. Por fim, a partir de um estudo de tendência em tempo real de curta duração, procuramos observar a influência das mulheres no processo de gramaticalização do *a gente*.

A partir da análise de tempo real, confrontamos as décadas de 1990 e 2010, em relação ao grau de escolarização dos informantes, e evidenciamos que os mais escolarizados são os que lideram o encaixamento do *a gente* na estrutura social de Florianópolis, pois apresentam maior frequência dessa forma pronominal. A concordância com o singular é quase categórica, mas também são os mais escolarizados que apresentam maior concordância não padrão, se mostrando mais inovadores em relação ao fenômeno.

Quanto à faixa etária, os mais jovens apresentam altos índices de *a gente* em 1990 e são categóricos em 2010. Também são categóricos em relação à estratégia de concordância padrão com *a gente*, evidenciando o caráter inovador dessa faixa etária. Os adultos apresentam um aumento da frequência entre vinte anos, porém apresentam maior concordância não padrão. Os informantes com mais de 50 anos apresentam índices elevados de *a gente* em 1990, o que pode ser justificado pela maior frequência entre as mulheres mais velhas, já que a variável faixa etária não diz muito a respeito dessa produtividade. Assim como os informantes mais jovens, os mais velhos possuem frequência elevada de concordância padrão em 1990, passando a ser categórica em 2010.

No que se refere ao sexo dos informantes, os resultados alcançados mostram que (i) o masculino singular se generaliza e se estabelece como *default*, acarretando a perda da subespecificação semântica de gênero do *a gente* [αFEM]; (ii) as mulheres são líderes no processo de mudança, pois apresentam maior variação na concordância de gênero e uma mudança de

comportamento entre as décadas, evidenciando uma maior frequência de uso de *a gente* com masculino singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o *a gente* pronominal, que usamos contemporaneamente como forma alternativa ao pronome *nós*, é resultado de um processo que envolve diversos fatores de natureza linguística e social. Conforme Lopes (2003), essa forma tem origem na forma nominal *gente*, que deriva do substantivo latino *gēns, gentis*, os quais possuíam uma significação indeterminada que perdura até hoje. Para compreender o processo que levou o substantivo indefinido *gente* à categoria de pronome de primeira pessoa do plural, tomamos por base a Teoria da Variação e Mudança (WLH, 1968), bem como preceitos sobre o fenômeno da *gramaticalização* de Hopper (1991) e Heine (2003), além da teoria de traços formais e semânticos de Rooryck (1994), retomada por Lopes (1999; 2003) e Lopes e Rumeu (2007). Nos ancoramos, também, em diversas pesquisas sociolinguísticas que analisaram o fenômeno através de diferentes abordagens, como a alternância entre *nós* e *a gente* (OMENA, 1998; 2003; MACHADO, 1995; CALLOU; LOPES, 2004; SEARA, 2000; VIANNA; LOPES, 2015), a concordância verbal de primeira pessoa do plural (ZILLES *et al*, 2000; ZILLES; BATISTA, 2006) e a concordância de *a gente* em estruturas predicativas (VIANNA, 2006; 2011).

Desse modo, tendo nos fundamentado nas teorias e pesquisas supracitadas, procuramos entender, a partir da análise do comportamento do *a gente* em estruturas predicativas, a natureza da mudança que está ocorrendo no paradigma pronominal do PB, com suporte no controle de fatores sintático-semânticos (traços de gênero, número e pessoa) que operam no câmbio categorial. Analisamos duas amostras de fala de informantes nascidos em Florianópolis em dois períodos, 1990 e 2010. Nossa fonte foi o banco de dados Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL).

Esta pesquisa procurou responder as seguintes questões referentes ao fenômeno:

- a) O uso da forma *a gente* aumentou entre as décadas de 1990 e 2010, representando um estágio de mudança em progresso?
- b) Quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o comportamento das flexões de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente* e com o pronome *nós*?
- c) É possível dizer que o uso de *a gente* com o masculino-singular para referências definidas e indefinidas representa uma nova posição na gramaticalização dessa forma?

Nossa primeira pergunta foi respondida a partir de um estudo em tempo real de curta duração, que procura entender a mudança levando em conta a observação do comportamento linguístico da fala florianopolitana em dois momentos de tempo (1990 e 2010). Como utilizamos indivíduos diferentes nas duas amostras, nossa pesquisa se enquadra em um desdobramento dos estudos em tempo real, o estudo de tendência.

A partir do confronto da frequência de uso de *nós* e *a gente* entre as décadas de 1990 e 2010, observamos que a mudança referente à implementação do *a gente* é estável, pois aumentou apenas 1% em vinte anos. Nossos resultados se assemelham aos de Omena (2003) e Callou e Lopes (2004), que afirmam que o leve aumento entre os anos não agrega uma mudança na comunidade.

Respondendo a segunda questão, consideramos que os condicionadores mais relevantes para o comportamento das flexões de pessoa, número e gênero em estruturas predicativas com a forma *a gente* e com o pronome *nós* foram os linguísticos: a concordância de gênero e número com as formas pronominais em estruturas predicativas, a extensão semântica do referente e a concordância verbal com as formas pronominais em estruturas predicativas; e os condicionadores extralinguísticos: grau de escolarização e o sexo dos informantes.

A análise da concordância de gênero e número em estruturas predicativas evidenciou que existem, na fala florianopolitana, três estratégias de concordância para o *a gente* – feminino singular, masculino singular e masculino plural – e quatro estratégias para o *nós* – feminino singular, feminino plural, masculino singular e masculino plural. Como o esperado, as formas singulares são favorecidas pelo uso do *a gente*, e as formas no plural, do uso do *nós*.

Nosso resultado mais relevante foi o aumento do masculino singular, para as duas formas pronominais, entre 1990 e 2010. Essa estratégia, em relação ao *a gente*, passou de 68% (78/114) em 1990 para 80% (28/35) em 2010. Segundo Vianna (2006), esses números evidenciam um novo estágio do processo de gramaticalização de *a gente*, que, ao se combinar com adjetivos e participios em estruturas predicativas, perde o seu caráter referencial, demonstrando a subespecificação semântica de gênero desse pronome.

O pronome *nós* também apresentou um aumento extremamente significativo do masculino singular, diferentemente de Vianna (2006). Constatamos que essa estratégia passou de 46% (19/41) em 1990 para 75% (9/12) em 2010. Tentamos justificar esse resultado pela influência do encaixamento do *a gente* no sistema pronominal do PB, que, por conta de sua origem em um substantivo singular, favorece a combinação com estruturas também no singular.

Em relação à extensão semântica do referente, encontramos resultados que apontam o maior uso, tanto de *nós*, quanto de *a gente*, da marcação de masculino singular para fazer referências determinadas (homens e mulheres) e, especialmente indeterminadas (mista, e genérica). É interessante ressaltar que o *a gente* é o pronome que apresenta maior frequência em todas as referências, mas apresenta um alto índice para as indeterminadas. Nossos resultados acompanham os de Vianna (2006), que justifica essa preferência por conta da preservação de traços pertencentes à sua forma de origem, conforme o Princípio da Persistência de Hopper (1991). Portanto, mesmo que o *a gente*, atualmente, referencie o “falante + alguém”, ainda possui um traço indeterminador oriundo do caráter coletivo herdado do nome *gente*. Além disso, deve-se lembrar, que, nesse caso, não pudemos fazer uma análise mais aprofundada relativa a um estudo de tendência, pois os resultados da amostra de 2010 foram extremamente escassos e, por isso, não tão significativos.

A concordância verbal em estruturas predicativas também se mostrou relevante, corroborando nossa hipótese de que, como dito anteriormente, a forma pronominal *a gente* se combina mais com estruturas no singular, pois em 1990 apresentou 86% de frequência e em 2010, 97%. Encontramos apenas 2 dados de *a gente* se combinando com estruturas flexionadas na primeira pessoa do plural, P4, que fazem parte apenas da amostra de 1990. Autores como Lopes (1999), Vianna (2006) e Zilles (2007) atribuem esse comportamento à incompatibilidade entre os traços formais e semânticos de *a gente*. Seus traços de pessoa são [+EU] e [øeu], pois, embora referencie o falante+alguém, sua concordância verbal se dá com verbos que não apresentam flexão, em P3. Portanto, ao ser utilizada em contextos que vêm acompanhada de verbos em P4, essa forma pronominal acaba se comportando como um pronome legítimo, apresentando os seguintes traços semânticos e formais: [+EU] e [+eu].

O primeiro condicionador social mais relevante foi o relativo ao grau de escolarização dos informantes. Parece que a escola se mostra mais conservadora nos primeiros anos de ensino, prescrevendo o uso do pronome padrão *nós*. Os informantes mais escolarizados (com mais de 8 anos de escolaridade) se comportam de forma mais inovadora do que os informantes que estão ou apenas possuem uma faixa etária de até 8 anos de escolaridade. Os mais escolarizados apresentam maior frequência de uso de *a gente*, tendo seu número ampliado entre as décadas, o que pode significar que essa forma não é estigmatizada socialmente. Por outro lado, os informantes menos escolarizados evidenciam um aumento no uso da concordância de número não padrão com o pronome inovador, ao passo que os mais escolarizados, em 2010, possuem frequência categórica de uso da concordância padrão.

Por fim, o condicionador mais relevante de todos foi, sem dúvida, o sexo do informante, pois seus resultados estão intimamente relacionados à resposta de nosso terceiro questionamento: é possível dizer que o uso de *a gente* com o masculino-singular para referências definidas e indefinidas representa uma nova posição na gramaticalização dessa forma?

Primeiramente, a partir de um estudo de tendência, analisando o comportamento dos sexos em 20 anos, encontramos um aumento do uso de *a gente* entre as mulheres, que passou de 72% em 1990 para 87% em 2010. Os homens, por sua vez, tiveram o uso dessa forma diminuído, indo de 77% em 1990 para 50% em 2010. Esses resultados podem ser explicados pelo que Labov (2001) afirma. As mulheres assumem a liderança no processo de mudança linguística quando a forma inovadora se torna socialmente prestigiada. Uma evidência desse prestígio, além do uso entre as mulheres, é a preferência dos informantes mais escolarizados por essa forma, como dito na análise do grau de escolarização.

As mulheres também se mostram inovadoras em relação à concordância de gênero com *a gente* em estruturas predicativas, pois são elas que apresentam variação nas marcações, enquanto os homens são categóricos com o uso do masculino. O uso do masculino singular é extremamente produtivo entre as mulheres nas duas décadas, sofrendo um aumento de 52% em 1990 para 74% em 2010.

Esse comportamento evidencia a importância das mulheres e do masculino singular para o encaixamento do *a gente* no quadro pronominal do PB. Para Vianna (2006), a generalização do masculino estabelece essa marcação como *default*, que perde a subespecificação semântica de gênero [α FEM], bem como a função pragmático-discursiva no predicativo. Desse modo, por conta da manutenção do caráter indeterminado, justificado pelo Princípio da Persistência de Hopper (1991), o uso do masculino singular está sendo impulsionado por se tratar de uma forma neutra e não marcada.

Para finalizar, ressaltamos que, para uma análise mais representativa do fenômeno, seria necessária uma ampliação das amostras a fim de encontrarmos mais dados, afinal, por se tratar de um fenômeno complexo, a ocorrência de *a gente* e *nós* em estruturas predicativas se mostra extremamente escassa na fala dos informantes florianopolitanos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, E.; FERREIRA, M.; LEITE, R.; ANTÔNIO, S. **Novas Palavras, volume único**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

_____. **Novas Palavras, volume 2**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Lucerna, 1999.

_____. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental ds Rede Pública de Florianópolis**. Florianópolis, Dissertação de Mestrado, UFSC, 2009.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Editora Unicamp, 1988.

BORTONI-RICARDO, S. M. Concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CALLOU, D. M. I; LOPES, C. R. Dos S. Contribuições da Sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança linguística. **Revista do GELNE (UFC)**. João Pessoa, v.5, p.63 - 74, 2004.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. (s/d) **Concordância com a gente: um problema para a teoria deverificação de traços**. Lisboa, mimeo.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

DUARTE, M. E. L. Sujeiro nulo/pleno e marcas de concordância. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

_____. **O sujeito em peças de teatro (1833 – 1932): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, Marisa; VAZZATA-DIAS, Juçá Fialho. A inter-relação da concordância nominal e da concordância nos predicativos/particípios passivos, sob o enfoque da teoria da variação e mudança linguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 115-31, 2000.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística. I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2014.

GUY, G. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, março de 2001.

_____.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística quantitativa – instrumento de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology. In: KEYSER, J. (org.) **The view from Building 20**. Cambridge. MIT Press, 1993.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B. & JANDA, R. (eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford, Blackweel, 2003.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B. 106 Introdução (eds.): **Approaches to grammaticalization**, Volume I, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Company, 1991.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

LABOV, W. Tradução de: BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Cambridge: Blackwell, 2001.

LOBATO, L. M. P. **A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem**. Heloisa Salles et all (Org.). Brasília: Link Comunicação e Design, 2010.

LOPES. C. R. S. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 1999.

_____. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. In: **Caligrama**, Belo Horizonte, v.17, n.2, p. 139-162, 2012.

_____. **A gramaticalização do a gente em tempo real e de longa duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. In: Fórum Linguístico, UFSC, vol. 4, n.1, p. 47-80.

_____. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F; VIEIRA, S.R. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 103-114, 2007.

_____; RUMEU, M. C. de B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In. CASTILHO. A. T. de. **Descrição, história e aquisição do**

português brasileiros – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato. Campinas: Pontes Editores, 2007.

LUCCHESI, D. A concordância em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais isoladas afro-brasileiras no contexto da história da sociolinguística do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica.** Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

MACHADO, M. S. **Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do norte fluminense.** Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1995

MAIA, F. P. S. **Investigando as formas reduzidas de a gente no dialeto mineiro.** Belo Horizonte, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFMG, 2012.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MOLLICA, C. M.; BRAGA, L. B. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2015.

_____. JUNIOR, C. F. **Sociolinguística, Sociolinguísticas.** São Paulo: Contexto, 2016.

NEVES, M. H. de M.. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. da C de (org). **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P (org). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

_____. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P (org). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

_____. BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PEREIRA, S. **Concordância com a gente à luz da Morfologia Distribuída**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2003.

SARNAMENTO, L.; TUFANO, Douglas. **Português: Literatura, Gramática, Produção de texto. Volume 2**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-94, 2000.

SILVA, I. da. **De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica entre nós e a gente como estratégias de designação referencial**. Florianópolis, Dissertação de Mestrado, UFSC, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

VIANNA, J. B. S. **Nós e a gente sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número**. Ao Pé da Letra, Recife, 2002.

_____. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras/UFRJ, 2006.

_____. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

_____; LOPES, C. R. S. Nós e agente na sincronia: correlação entre os traços formais e os semântico-discursivos. In: **Anais do V CELSUL Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Curitiba, UFPR, 2002.

_____; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Tradução de: BAGNO, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2. ed. São Paulo, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** Letras de Hoje, V. 42, n. 2, p. 27-44, Porto Alegre, 2007.

_____; BATISTA, H. H. R. B. A concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: VANDRESEN, Paulino (org). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006. p. 99-124.

_____ *et al.* A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 195-216, 2000.